

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

AGLIENE MARTINS MELQUIADES

**ENTRE O CUIDADO E O ESTIGMA: AS ABORDAGENS DO JORNAL NACIONAL
SOBRE O SUJEITO VELHO NA PANDEMIA DA COVID-19**

UBERLÂNDIA

2021

AGLIENE MARTINS MELQUÍADES

ENTRE O CUIDADO E O ESTIGMA: AS ABORDAGENS DO JORNAL NACIONAL
SOBRE O SUJEITO VELHO NA PANDEMIA DA COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Linha de Pesquisa: Mídias, Educação e Comunicação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Matos dos Santos

UBERLÂNDIA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M528e
2020 Melquíades, Agliene Martins, 1995-
Entre o cuidado e o estigma [recurso eletrônico] : as abordagens do
Jornal Nacional sobre o sujeito velho na Pandemia da COVID-19 /
Agliene Martins Melquíades. - 2020.

Orientadora: Vanessa Matos dos Santos.
Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação
e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2021.5542>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Santos, Vanessa Matos dos, 1981-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU:37

Glória Aparecida
Bibliotecária - CRB-6/2047



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34)3291-6395 / (34)3291-6396 - ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, número 10/2021/136, PPGCE				
Data:	Quatorze de maio de dois mil e vinte e um	Hora de início:	[09:10]	Hora de encerramento:	[11:30]
Matrícula do Discente:	11912TCE026				
Nome do Discente:	Agliene Martins Melquíades				
Título do Trabalho:	Entre o cuidado e o estigma: as abordagens do Jornal Nacional sobre o sujeito velho na pandemia da Covid-19				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Mídias, Educação e Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Jornalismo audiovisual colaborativo: um exercício de ética e cidadania				

Reuniu-se por web conferência pelo link: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/vanessa-matos-dos-santos>, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Ana Carolina Rocha Pessoa Temer - UFG; Gerson de Sousa - UFU; Vanessa Matos dos Santos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Vanessa Matos dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

[A]provado(a).

https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&codigo_verificador=2768400&codigo_crc=5A58EF04&hash_download=af0a50630f41c1d4c38c3ef54acdc2bed42c874967e5018b7e0f9c... 1/2

25/07/2021

SEI/UFU - 2768400 - Ata de Defesa - Pós-Graduação

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Vanessa Matos dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/05/2021, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerson de Sousa, Membro de Comissão**, em 14/05/2021, às 11:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Rocha P Temer, Usuário Externo**, em 24/05/2021, às 12:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2768400** e o código CRC **5A58EF04**.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Edna, ao meu pai, Hélio, e ao meu irmão, Allan, por estarem sempre ao meu lado me apoiando, inspirando e confiando em mim. Aos meus avós, João Heitor, Maria e Malvina, e à minha madrinha, Sonilda, por me acolher em Uberlândia e desejar as melhores coisas para o futuro.

Agradeço à minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Matos dos Santos, por estar ao meu lado em todos os momentos desta pesquisa e ser um grande apoio sempre que eu pensei que cairia, bem como aos amigos do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Comunicação e Educação, da UFU, em especial ao Leandro e à Leila. À Antoniará e à Carol, por tornarem minha experiência em Uberlândia mais leve.

Aos amigos que fiz ao longo da vida, em especial à Jéssica, Guilherme, Flávio, Rafaela e Daniel, por sempre me motivarem e confiarem em mim nessa jornada. À Luana Viana, por me incentivar a me conhecer mais através da experiência acadêmica.

Aos membros titulares da banca, Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Temer e Prof. Dr. Gerson de Sousa, UFU/MG e aos suplentes Prof^ª. Dr^ª. Iluska Coutinho e Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Menegotto Spanenberg por aceitarem o convite de, com todas suas trajetórias admiráveis, contribuírem para o aprimoramento da presente pesquisa.

Ao Prof. Dr. Reinaldo Pereira, presente em minha banca de qualificação, por me incentivar e trazer ricas contribuições para o desenvolvimento deste trabalho. À Luciana Santos, da Secretaria do PPGCE/UFU, por todo o apoio antes mesmo do início, até o fim desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar se as abordagens feitas pelo Jornal Nacional sobre os sujeitos velhos no contexto da pandemia da Covid-19, entre os meses de janeiro e março de 2020, contribuem para reforçar ou para desconstruir estigmas sobre esses sujeitos. Para alcançar esse propósito, foram traçados três objetivos específicos: a) discutir a trajetória dos conceitos, estigmas e abordagens midiáticas sobre os sujeitos velhos; b) discutir as características do jornalismo como construtor de realidades que permite à audiência formular opiniões; c) observar, descrever e analisar as abordagens do Jornal Nacional sobre o sujeito velho no *corpus* de pesquisa. Tais objetivos foram guiados a partir de conceitos e discussões propostos por Goffman (2004), Debert (2003), Peixoto (2004), Gutmann (2012), Vizeu e Correia (2007), Becker e Teixeira (2009), Williams (1979), dentre outros. Em seu percurso metodológico, essa investigação científica, de abordagem qualitativa, foi realizada a partir da análise cultural. Os resultados finais demonstraram que, no período analisado, o JN contribuiu para reforçar os estigmas sobre o sujeito velho. Ao estar inserido em uma sociedade de cultura da juventude como padrão ideal e que abomina a cultura do envelhecimento, o Jornal Nacional reproduz ideias dominantes que manifestam um incômodo com o sujeito velho, culminando em práticas sociais que favorecem a eliminação social, responsabilização e punição do velho mascaradas em um discurso de prevenção à Covid-19.

Palavras-chave: Sujeito velho. Estigmas. Jornal Nacional. Pandemia da Covid-19.

ABSTRACT

This research aims to investigate if the approaches made by Jornal Nacional about old people in the context of the Covid-19 pandemic, between the months of January and March 2020, contribute to reinforce or to deconstruct stigmas about those people. To reach this purpose, three specific objectives were outlined: a) to discuss the trajectory of media concepts, stigmas and approaches about old people; b) discuss features of journalism as a builder of realities that allows the audience to formulate opinions; c) behold, describe and analyze the Jornal Nacional's approaches to the old people in the research corpus. These objectives were guided by concepts and discussions proposed by Goffman (2004), Debert (2003), Peixoto (2004), Gutmann (2012), Vizeu and Correia (2007), Becker and Teixeira (2009), Williams (1979), among others. In its methodological path, this scientific investigation, with a qualitative approach, was developed through cultural analysis. The final results showed that, in the analyzed period, the JN contributed to reinforce the stigmas about the old people. By being inserted in a youth culture society as an ideal standard and abhorring the culture of aging, Jornal Nacional reproduces dominant ideas that manifest a discomfort with the old people, culminating in social practices in favor of social elimination, accountability and punishment of old masked in a prevention speech to Covid-19.

Keywords: Old people. Stigmas. Jornal Nacional. Covid-19 Pandemic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil dos infectados pela Covid-19	69
Figura 2 – Perfil dos infectados pela Covid-19	69
Figura 3 – Perfil dos infectados pela Covid-19	69
Figura 4 – Perfil dos infectados pela Covid-19	69
Figura 5 – Perfil dos infectados pela Covid-19	70
Figura 6 – Perfil dos infectados pela Covid-19	70
Figura 7 – Exame preliminar identifica primeiro caso do novo Coronavírus no Brasil	71
Figura 8 – Recomendações para evitar Coronavírus	72
Figura 9 – Recomendações para evitar Coronavírus	72
Figura 10 – Recomendações para evitar coronavírus	73
Figura 11 – Recomendações para evitar coronavírus	73
Figura 12 – Exames de pacientes dão negativo	75
Figura 13 – Exames de pacientes dão negativo	75
Figura 14 – Exames de pacientes dão negativo	75
Figura 15 – Exames de pacientes dão negativo	75
Figura 16 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	77
Figura 17 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	78
Figura 18 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	78
Figura 19 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	79
Figura 20 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	79
Figura 21 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	79
Figura 22 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	79
Figura 23 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável	80
Figura 24 – Vulnerabilidade de vítimas por idade	82
Figura 25 – Vulnerabilidade de vítimas por comorbidade	82
Figura 26 – Abrigo para os sem-teto	84
Figura 27 – Abrigo para os sem-teto	84
Figura 28 – Abrigo para os sem-teto	85
Figura 29 – Abrigo para os sem-teto	86
Figura 30 – Álcool para proteger idosos	87
Figura 31 – Álcool para proteger idosos	87
Figura 32 – Um mês do primeiro caso	91

Figura 33 – Um mês do primeiro caso	91
Figura 34 – Um mês do primeiro caso	91
Figura 35 – Um mês do primeiro caso	91
Figura 36 – Um mês do primeiro caso	92
Figura 37 – Histórias das vítimas do Coronavírus	93
Figura 38 – Histórias das vítimas do coronavírus	94
Figura 39 – Histórias das vítimas do coronavírus	94
Figura 40 – Histórias das vítimas do Coronavírus	95
Figura 41 – Histórias das vítimas do Coronavírus	95
Figura 42 – Parentes com suspeita de Covid-19	96
Figura 43 – Parentes com suspeita de Covid-19	96
Figura 44 – Parentes com suspeita de Covid-19	97
Figura 45 – Parentes com suspeita de Covid-19	97
Figura 46 – Parentes com suspeita de Covid-19	97
Figura 47 – Apresentador com traje formal	98
Figura 48 – Apresentadora com traje formal	98
Figura 49 – Repórter com roupa social	99
Figura 50 – Repórter com roupa formal	99
Figura 51 – Plano Americano da apresentadora na bancada	100
Figura 52 – Apresentadora aponta para os telespectadores	101
Figura 53 – Repórter orienta sobre Covid-19	101
Figura 54 – Plano geral de comunidade no Rio	102
Figura 55 – Plano médio - transporte público no Rio	102
Figura 56 – Plano detalhe	102
Figura 57 – Cenário do JN em segundo plano	102
Figura 58 – Ilustração da Covid-19 em amarelo	103
Figura 59 – Gráfico com dados	103
Figura 60 – Ilustrações sobre a Covid-19	103
Figura 61 – Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19	109
Figura 62 – Glaydson Godinho - representante da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia	112
Figura 63 – Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, 65 anos	112
Figura 64 – Coordenador Centro de Covid-19 SP, David Uip	113
Figura 65 – Presidente da Academia Nacional de Medicina, Rubens Belfort	113

Figura 66 – Secretário Executivo do Ministério da Saúde, João Gabbardo dos Reis	113
Figura 67 – Coordenador de Controle de Doenças de SP, Paulo Menezes	113
Figura 68 – Turista britânico não identificado	114
Figura 69 – Mulher velha tomando sopa	114
Figura 70 – Aposentada Damiana Fernandes dos Santos, 65 anos	114
Figura 71 – Mulher velha não identificada moradora de instituição de longa permanência	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trechos do corpus que destacam o sujeito velho como vítima da Covid-19	104
Quadro 2 – Trechos do corpus que destacam sujeitos não velhos como vítima da Covid-19	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EPM	Escola Paulista de Medicina
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
JN	Jornal Nacional
MERS	Síndrome Respiratória do Médio Oriente
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
OSESP	Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SUS	Sistema Único de Saúde
VOD	<i>Video on Demand</i>

SUMÁRIO

1	MEMORIAL	14
1.1	Introdução	17
2	OS SUJEITOS DA VELHICE: VELHO, IDOSO, APOSENTADO E TERCEIRA IDADE	21
2.1	Envelhecimento e Velhice	21
2.2	De velho à terceira idade: múltiplos termos, sujeitos diversos	22
2.2.1	O velho.....	22
2.2.2	O idoso, o aposentado e o idoso e aposentado.....	23
2.2.3	A terceira idade.....	25
2.3	Estigma e envelhecimento	26
2.3.1	A visão sobre o sujeito velho institucionalizado	30
2.4	As representações sobre os sujeitos velhos	33
3	JORNALISMO AUDIOVISUAL	35
3.1	O telejornalismo	35
3.1.1	Modelos de telejornalismo.....	36
3.1.2	A construção da realidade no telejornalismo	38
3.1.3	Os enquadramentos de câmera na construção do telejornal	39
3.2	A televisão a partir da perspectiva cultural	41
3.3	Jornalismo audiovisual na web	47
4	PERCURSO METODOLÓGICO	53
4.1	A Covid-19	53
4.2	O Jornal Nacional	54
4.3	Abordagem qualitativa	55
4.4	Análise cultural	57
4.4.1	Estudos Culturais	58
5	ANÁLISE	63
5.1	Procedimento de aproximação do reconhecimento do campo	63
5.1.1	Construindo um perfil: a relação entre a Covid-19 e o sujeito velho	64
5.1.1.1	<i>Prevenção e cuidado</i>	80
5.1.1.2	<i>Negligência</i>	85
5.1.1.3	<i>Punição</i>	86
5.1.1.4	<i>Diversidade de perfis</i>	87

5.1.1.5	<i>Produção</i>	95
5.2	Análise Cultural	101
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICES	135

1 MEMORIAL

Como em um conto de “era uma vez”, posso dizer que a jornada que resultou nesta dissertação se iniciou em um mundo distante, o ano era 2018. Naquela época, a palavra Covid-19 ainda não existia, e os termos distanciamento social, isolamento social, lockdown e pandemia não eram tão naturais e automáticos como dizemos hoje. Brincávamos, dizendo que “daqui uns dias, vamos ter que pagar até pra respirar”, reclamando em tom descontraído, às vezes de indignação, sobre como praticamente tudo se configura como mercadoria na sociedade capitalista. Em 2020, esse dia chegou como uma onda, no mundo inteiro, manifesta na maior preocupação de saúde pública mundial atual: a pandemia da Covid-19.

Ainda em 2018, concluí minha faculdade de Jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto, onde além de histórias, carreguei uma paixão, que ainda pulsa, pela fotografia. Inclusive, foi essa mesma paixão que me convenceu a pesquisar, no meu Trabalho de Conclusão de Curso, como pessoas com deficiência intelectual enxergam o mundo à sua volta, por meio de suas próprias expressões artísticas. Por isso, realizei oficinas de fotografias com esse público. Deixava minha câmera na mão deles por algumas horas e a magia acontecia.

E foi guiada por essa aura de encanto e motivada por uma chefe incrível que tive no estágio, a Luana Viana, que decidi explorar mais de mim mesma a partir de outra perspectiva: a acadêmica. Após poucas procuras, encontrei o Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, da UFU. Sonhei acordada, confiei em mim, me organizei, estudei, passei.

No meu projeto, o desejo era unir fotografia e memória, ministrar novamente oficinas de fotografia, mas para quem? Foi então que lembrei de algo que pulsa bem quieto aqui dentro. Nunca conheci minha avó por parte de mãe, apesar de sentir sua presença e ser extremamente grata por ter minha avó por parte de pai. Pensei nas coisas que vovó talvez me contaria sobre sua vida, que compartilharia suas receitas que passavam de geração em geração e como eu ficaria ansiosa por ir visitá-la lá na roça.

Eu não vivi nada disso e lembrei que há pessoas que viveram, mas que, por diferentes motivos que não apontarei aqui, decidiram destinar seus pais ou avós a residirem em instituições de longa permanência para sujeitos velhos. Nesse momento, me veio à mente um sentimento que alternava entre dó e compaixão. Mas minha experiência com pessoas com deficiência me lembrou o quão equivocada eu estava ao reproduzir estigmas sobre aqueles sujeitos sem mesmo conhecê-los e saber de suas histórias. Nesse momento, pensei: qual será a história de sujeitos velhos contada por eles mesmos? Como eles são, o que sentem, como vivem, como se

enxergam? Eu não fazia ideia, minhas visões eram unicamente negativas, construídas socialmente com o tempo: um corpo frágil, doente, abandonado para morrer em um asilo.

Mas, como dizem, eu já tinha visto esse filme antes. Pessoas falando por outras. Na verdade, como mulher negra, isso já ocorreu comigo por incontáveis vezes, e ainda acontece. A partir daquele momento de tantas perguntas e nenhuma resposta, a inquietação surgiu maior a cada dia, e a paixão pela fotografia a abraçou e decidiram andar de mãos dadas.

Foi então que surgiu meu primeiro projeto de mestrado, cujo intuito era discutir sobre os sentimentos de sujeitos velhos residentes em instituições de longa permanência de Uberlândia, de forma a dialogar com eles sobre as ressignificações dessa nova vida, a partir de suas visões, expressas por fotografias que eles produziram dentro da instituição, e que seriam posteriormente o objeto de análise e das recordações sobre suas histórias em grupos focais que iríamos realizar. A ideia era contribuir para a promoção de um espaço de escuta e visibilidade, de modo a fazer com que os sujeitos velhos fossem protagonistas no processo de mostrar suas visões sobre suas vivências.

Até o início de 2020, esse objetivo se manteve, as discussões sobre o ser velho, que compõem o segundo capítulo desta pesquisa, já tinham sido traçadas e eu me preparava para ir a campo pesquisar, tecnicamente falando. No sentido afetivo, eu preparava meus ouvidos e meus olhos para experiências sensoriais e afetivas que estar ao lado desses sujeitos me proporcionaria. Um pedacinho meu, que lembrava sempre da minha avó, aguardava a tudo de braços abertos.

No entanto, pouco tempo depois, nem mesmo abraços eram permitidos. A pandemia da Covid-19 chegou e revirou tudo. Tive que deixar Uberlândia e voltar para minha cidade, Franca - SP. Por alguns dias, pensei que tudo aquilo seria temporário, e cada dia que se passava, parecia mais um momento de desventuras.

Eu não poderia mais esperar para iniciar minha pesquisa, assim como não poderia fazê-la em instituições de longa permanência, pois sujeitos velhos são considerados grupos de risco para a Covid-19. Para além disso, o momento era de quarentena, isolamento social para aqueles que tivessem o privilégio de se manterem seguros em casa.

Se antes nosso objetivo era contribuir para que sujeitos velhos tivessem suas vozes ampliadas e pudessem contar suas próprias histórias, hoje, nenhum de nós sabe até quando terá voz, até quando irá respirar, até quando poderá dar um abraço em quem ama, até quando tudo isso vai durar.

O Coronavírus suspendeu os sonhos da maioria, roubou pessoas amadas de muitos, mudou meus planos de vida, infectou tudo, até mesmo esta pesquisa. Com o funcionamento da

biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia suspenso na quarentena por tempo indeterminado, as leituras de obras essenciais, como *A velhice*¹, de Simone de Beauvoir, ficaram para depois.

Há marcas que não podem e não devem nunca ser ignoradas. Apesar de tudo, nos mantemos fortes.

Devido às mudanças que precisaram ser realizadas, meu projeto de mestrado foi reformulado, de forma que nosso objetivo passou a ser analisar como o sujeito velho, um grupo considerado de risco caso seja infectado pela doença, é apresentado no contexto da pandemia da Covid-19 nos conteúdos do Jornal Nacional. E, a partir disso, identificar se as abordagens que relacionam o sujeito velho com a pandemia da Covid-19 no programa contribuem para reforçar ou desconstruir estigmas sobre essas pessoas.

E assim se passaram os meses entre a indignação e a surpresa com os resultados da pesquisa. Conforme a análise evoluía, eu me modificava. De uma postura inocente, que no início apontou para o teor de preocupação e cuidado que o Jornal Nacional defendia em seus conteúdos no período analisado, passei a enxergar descaso, estigmas, apagamento social, desejos ocultos de eliminação do sujeito velho na sociedade. Discursos esses que não foram criados pelo Jornal Nacional, mas reproduzidos, reforçados, legitimados, de forma a estar de acordo com as ideias dominantes e práticas cotidianas da sociedade capitalista. Percebi que o Jornal Nacional (JN) se distanciou, no período analisado, como um produto cultural e midiático plural, em uma dinâmica em que o sujeito velho quase nunca era ouvido como uma fonte jornalística, mas sempre abordado como um ser decadente e vulnerável, à beira da morte.

Tal postura, uma reprodução das ideias da sociedade, fortaleceu discursos sobre quais vidas realmente importam, em uma dinâmica em que o sujeito velho, cuja imagem foi elencada à vítima única da Covid-19, configurou-se como o outro, o corpo estranho, o indesejado, descaso que foi reproduzido, a partir disso, na ideia de que a Covid-19 era uma doença “do outro”, não uma preocupação da juventude. Essa visão contribuiu para o caos que vivenciamos hoje: a Covid-19 não tem um sujeito alvo, não é uma doença de velhos, mas de comportamentos de risco que levam ao contágio e morte pela doença todos os dias, independentemente da idade.

Uma das críticas mais comuns à pesquisa acadêmica é a de que ela se distancia da realidade, as pessoas não se sentem próximas das universidades e muitas não conseguem enxergar os impactos da produção do conhecimento científico em suas rotinas.

¹ A referida obra foi parcialmente consultada por meio de uma amostra gratuita do livro na plataforma Amazon, a qual possibilitava a leitura até o capítulo III: “A velhice nas sociedades históricas”. Disponível em: <https://amz.onl/5Xz96dK>. Acesso em: 30 mar. 2020.

Nesse momento em que termino essa introdução, no dia 07 de abril de 2021, esta pesquisa se mostra bem perto de tudo o que vivemos até agora, ela acontece no mesmo tempo em que o Coronavírus infecta o mundo inteiro e o Brasil é o epicentro da doença. Por trás dela, há também um medo: de que estas mãos que aqui digitam se envolvam tanto nessa questão presente, que termine por ela infectada; o medo de que esta doença leve também consigo os meus sonhos e a minha vida. Ontem, 06 de abril de 2021, o Brasil bateu mais um recorde: 4.211 vidas levadas pela Covid-19 em um único dia.

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã, mais uma vez, eu sei. Espero que amanhã não demore a nascer e que eu ainda esteja viva para contemplá-lo, que abraços não sejam ameaças, mas voltem a significar um lugar seguro, um lar no outro.

1.1 Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como o sujeito velho é apresentado no contexto da pandemia da Covid-19 nos conteúdos do Jornal Nacional, de forma a identificar se os discursos produzidos desconstruem ou reforçam estigmas sobre esses sujeitos. Em complemento, foram traçados três objetivos específicos: a) discutir a trajetória dos conceitos, estigmas e abordagens midiáticas sobre os sujeitos velhos; b) Discutir as características do jornalismo como construtor de realidades que permite à audiência formular opiniões; c) Observar, descrever e analisar, por meio da análise cultural, as abordagens do Jornal Nacional sobre o sujeito velho no *corpus* de pesquisa.

A escolha desse tema se justifica devido à sua atualidade, sendo a pandemia da Covid-19 o maior problema de saúde pública enfrentado pelo Brasil e pelo mundo atualmente, de forma a refletir em aspectos sociais e econômicos do país e do mundo.

As informações sobre a Covid-19 ocupam os noticiários nacionais e internacionais, podendo facilmente ser considerada a principal preocupação mundial da atualidade. No dia 04 de junho de 2020, há quatro meses e quinze dias que o Jornal Nacional noticiou pela primeira vez a doença, o mundo registrava 382.867 mortes. No Brasil, as mortes chegaram a 33.781², de acordo com o Jornal Nacional. No dia 04 de abril de 2021, passados 304 dias, o país perdeu mais de 330 mil³ vidas para a referida doença e concentra um terço das mortes diárias pela

² A informação foi assistida ao vivo durante o Jornal Nacional, que até às 0h30min do dia 5 de junho não havia disponibilizado a edição do dia anterior em sua plataforma Globoplay.

³ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

doença no mundo, apesar de possuir apenas 3% da população mundial⁴. Nesse cenário, direcionamos nossos olhares aos sujeitos velhos, considerados os principais sujeitos do grupo de risco a apresentarem um quadro de saúde mais grave, caso sejam infectados pela Covid-19.

É importante destacar que a concepção social de velhice é diversa e construída a partir de valores morais, sociais, culturais e existenciais (BEAUVOIR, 1970; MARQUES, 2004). Da mesma forma, as visões sobre o sujeito que está nessa fase da vida estão atreladas a contextos históricos, culturais e à condição socioeconômica (DEBERT, 2011), de modo a influenciar as perspectivas que são colocadas sobre esses sujeitos na sociedade e as práticas sociais.

Nesse sentido, os meios de comunicação desempenham importante papel, seja ao construir ou reforçar estigmas a respeito desses sujeitos, seja ao desconstruir visões estigmatizadas que culminam em tratamentos desumanizadores dos sujeitos velhos.

Optamos por selecionar o Jornal Nacional como objeto de análise devido à sua relevância ao telejornalismo da TV aberta brasileira, sendo este o principal telejornal de alcance nacional do país, reunindo em média 42,4⁵ milhões de pessoas que acompanham seu conteúdo de segunda a sábado. O Jornal Nacional possui, dentre suas funções, a de construir narrativas sobre os acontecimentos, sendo uma importante influência sobre a maneira como as pessoas enxergam a realidade e emitem opiniões sobre ela.

Foram analisados, quantitativamente, 29 conteúdos, sendo 20 reportagens, cinco boletins, três notas e um pronunciamento veiculados pelo Jornal Nacional entre os dias 18 de janeiro a 31 de março de 2020, uma fase inicial das discussões sobre a pandemia no país, selecionados a partir de uma análise prévia de 144 conteúdos.

Esta pesquisa está estruturada em seis seções, sendo a primeira esta introdução. Na seção “Os sujeitos da velhice: velho, idoso, aposentado e terceira idade”, abordamos as definições de velhice e envelhecimento, relatamos a trajetória de denominações dadas ao sujeito na velhice e justificamos nossa escolha por se referir ao público dessa pesquisa como sujeito velho. Além disso, discutimos as formas como esses sujeitos são abordados por meios de comunicação, relacionamos o conceito de estigma a partir da perspectiva de Goffman (2004) com o tratamento social dado ao sujeito velho e refletimos sobre o conceito de reprivatização do envelhecimento, proposto por Debert (2003).

⁴ Um terço das mortes no mundo: 3 gráficos fundamentais para entender a pandemia no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56607007>. Acesso em: 4 abr. 2021.

⁵ Globo comemora audiência jovem no Jornal Nacional. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/globo-comemora-audiencia-jovem-no-jornal-nacional/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

Na seção “Jornalismo Audiovisual”, além de discutir esse conceito, a partir de Maia, Coutinho e Mello (2012), Becker e Teixeira (2009) e Kilpp e Ferreira (2012), abordamos a função do telejornalismo como sendo um formador de opinião e construtor de versões sobre os acontecimentos veiculados pelo meio de comunicação. Também refletimos sobre as operações/construções pelas quais o telejornalismo produz a noção do real a partir dos conceitos de Vizeu e Correia (2007), e as percepções de Gutmann (2012) de como os enquadramentos são utilizados no telejornal para a produção de sentidos, discute-se sobre o modo pelo qual o telejornalismo constrói a realidade e de quais recursos se utiliza para reafirmá-la.

Ainda neste capítulo, falamos sobre como o contexto histórico e cultural influencia a produção televisiva e a interpretação dos sujeitos a partir do conceito de matrizes culturais, de Martín-Barbero (1987), e discutimos como o surgimento da internet e, conseqüentemente, novas formas de consumo midiático, impactam a produção e distribuição das mídias tradicionais, de forma a potencializar a difusão de ideias defendidas pelo programa Jornal Nacional ao longo das edições.

Iniciamos a seção “Percurso Metodológico” com uma breve discussão sobre a pandemia da Covid-19 e acerca da relevância e autoridade atribuída ao Jornal Nacional, o principal telejornal de audiência nacional da TV aberta. Posteriormente, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa, cuja primeira etapa corresponde à realização de um procedimento de aproximação ao reconhecimento de campo, com a transcrição de trechos verbais importantes e suas imagens correspondentes para alcançar o objetivo deste trabalho, com base nas contribuições de Rose e Gaskell (2002) para a pesquisa com audiovisuais. Na segunda etapa de observação, realizamos a análise cultural dos materiais, guiada pelas contribuições de Williams (1979) aos Estudos Culturais, com destaque aos conceitos de estruturas de sentimento e características dominantes, emergentes e residuais propostas por ele, de forma a analisarmos se a partir das ideias circulantes na sociedade a televisão reproduz e produz discursos e incentiva práticas sociais que desconstroem ou reforçam estigmas sob o sujeito velho.

Na última seção, intitulada “Considerações finais”, reforçamos as observações feitas ao longo do trabalho e apresentamos um panorama das reflexões que nasceram ao longo do procedimento de aproximação ao reconhecimento de campo e da análise cultural e seus resultados. Após toda as observações possibilitadas nesta pesquisa, concluimos que as abordagens do JN contribuem para reforçar os estigmas socialmente construídos sobre o sujeito velho. Ao estar inserido em uma sociedade que tem a cultura da juventude como padrão ideal, o Jornal Nacional reproduz também ideias dominantes que manifestam um incômodo com o

sujeito velho, culminando em práticas sociais que favorecem a eliminação social, responsabilização e punição do velho mascaradas em um discurso de prevenção à Covid-19.

Nos “Apêndices”, encontram-se as tabelas que produzimos com a transcrição de trechos das reportagens, assim como uma tabela geral onde registramos o nome, data, endereço eletrônico e características dos conteúdos analisados.

2 OS SUJEITOS DA VELHICE: VELHO, IDOSO, APOSENTADO E TERCEIRA IDADE

2.1 Envelhecimento e Velhice

A concepção social de velhice é diversa e acontece a partir de fatores como valores morais, culturais, existenciais, tempo e espaço (BEAUVOIR, 1970; MARQUES, 2004). Da mesma forma, as visões sobre o sujeito nesse período são múltiplas e estão atreladas a contextos históricos, culturais e à condição socioeconômica, fatores que influenciam na forma como esses sujeitos são vistos na sociedade (DEBERT, 2011). Velho, idoso, aposentado, terceira idade: esses são alguns dos termos adotados para caracterizar o sujeito na velhice (DEBERT, 2011; PEIXOTO, 1998).

Embora os termos envelhecimento e velhice sejam utilizados por alguns autores com o mesmo significado, optamos por diferenciá-los. De acordo com Salgado (2007),

O envelhecimento é um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Excetuando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui a seus idosos. (SALGADO, 2007, p. 69)

A Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca que o envelhecimento biológico acarreta consigo danos moleculares e celulares, que conforme a passagem do tempo aumentam o risco de doenças e declínios na capacidade do indivíduo (OMS, 2015).

A velhice, por sua vez, pode ser definida como um resultado do desenvolvimento do sujeito ao longo da vida sob várias perspectivas. Para Mazzucco (1995),

[...] a velhice é então definida como parte do desenvolvimento do homem. É o resultado de sucessivas passagens ocorridas no indivíduo, tanto física e psicologicamente, quanto cultural ou socialmente. Muitas vezes, essas mudanças podem ocorrer paulatinamente. Nesses casos, dizemos que as pessoas costumam a envelhecer e têm a aparência jovem, apesar da idade. (MAZZUCCO, 1995, p. 12)

Logo, o envelhecimento pode ser visto como um processo de transformação contínua que se inicia a partir do nascimento do indivíduo, enquanto a velhice é um produto do envelhecimento, o resultado alcançado pelo sujeito que passou pelo processo de envelhecer (COSTA, 1998; SILVA, 2009).

2.2 De velho à terceira idade: múltiplos termos, sujeitos diversos

Nas sociedades capitalistas, a categorização do ciclo vital ocorre em diferentes fases, sendo que até a adolescência considera-se o período de formação, a idade adulta - de produção, e a velhice - o repouso (PEIXOTO, 1998). Assim, a forma como o sujeito é tratado na velhice recebe grande influência de sua trajetória laboral e prestígio social conquistado ao longo da vida. A preocupação com qual termo deve se utilizar para se referir a essas pessoas surge no Brasil nos anos 60, seguindo os mesmos passos da França, onde a discussão foi levantada ainda no século XIX.

2.2.1 O velho

Os termos *velhote* (*vieillard*) e *velho* (*vieux*) eram utilizados na França para se referir às pessoas de idade mais avançada que não faziam parte da elite, e o *personne âgée*, correspondente a idoso, era designado aos velhos com *status* social (PEIXOTO, 1998). Apesar dessa divisão, no século XVIII, a nomeação “velhote” não era vista como pejorativa, sendo utilizada para se referir a indivíduos de diferentes classes e associada à imagem de uma boa pessoa nos âmbitos civil e familiar. No Brasil, o emprego da palavra “velho” ocorria de forma mais generalizada, podendo ter significados que refletem do afeto ao desprezo, a depender da entonação e do contexto (PEIXOTO, 1998).

O termo "velho" estava também diretamente relacionado à mão de obra e força produtiva dos sujeitos na sociedade industrial. Dizer que alguém estava velho significava denunciar a insuficiência daquela pessoa para continuar a gerar riquezas. Essa condição ainda não foi superada, conforme expressa Bosi (1994) ao questionar sobre o significado de ser velho para as sociedades de sistema capitalista:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si mas somente para o outro. E este outro é um opressor. (BOSI, 1994, p. 18-19)

Ao pesquisar como a velhice é representada por meio de entrevistas com homens e mulheres acima de 70 anos, Debert encontrou respostas que afirmam que estar velho é se sentir cansado, perder o interesse pela vida e viver em um ócio entre dormir, comer exageradamente, ficar sentado tomando sol e ficar feliz quando a aposentadoria chega. Ela também concluiu que

a resistência ao envelhecimento faz com que a velhice seja vista como algo que se constitui apenas no outro (DEBERT, 1988).

No entanto, pode-se dizer que a velhice é um fenômeno múltiplo, ou seja, não se manifesta da mesma forma nos diferentes sujeitos, além de uma condição seletiva em que ser visto ou não como velho pelos outros também depende do *status* social do indivíduo. Nesse sentido, Peixoto (1998) enfatiza que o prestígio é mantido quando se trata daqueles que pelo conhecimento e experiência são capazes de tomar e influenciar decisões, assim como acontece com artistas consagrados, líderes religiosos e políticos, ou seja, sujeitos que, em sua maioria, pertencem a camadas sociais mais abastadas ou são reconhecidos por ocuparem posições de autoridade e poder, possuindo uma trajetória menos ligada à força produtiva de mão-de-obra.

À vista disso, a autora defende que “a noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (PEIXOTO, 1998, p. 71-72).

Por ser considerado mais respeitoso, o termo correspondente a “idoso” passa a ser utilizado na França para denominar pessoas na fase da velhice, que passam a ser mais respeitadas devido ao recebimento de pensões e, conseqüentemente, à melhora da qualidade de vida desses sujeitos. Assim, os termos *vieillard* e *vieux* perdem força. No Brasil, o termo “velho” passa a ser associado à decadência e, ainda hoje, carrega um sentido negativo que, além da inatividade e improdutividade, está ligado à visão do feio e ao mau, como nas histórias infantis em que a bruxa é sempre uma mulher velha (MARQUES, 2004).

2.2.2 O idoso, o aposentado e o idoso e aposentado

No final da década de 1960, o termo “velho” é substituído por “idoso” nos documentos oficiais brasileiros, um tratamento de maior apreço aos sujeitos que vivenciam a velhice. Peixoto (1998) aponta para o caráter generalizante do termo, que é utilizado para categorizar um leque de realidades:

Assim, trazendo consigo uma certa ambigüidade, o termo serve para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto os indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas. Para além do caráter generalizante desse termo, que homogeneiza todas as pessoas de mais idade, esta designação deu outro significado ao indivíduo velho, transformando-o em sujeito respeitado. A partir de então, os problemas dos velhos passaram a constituir a necessidade dos idosos. (PEIXOTO, 1998, p. 73-74)

No entanto, é só a partir da década de 70 que a preocupação com a velhice transcende a mudança de rótulos e passa a ser efetiva por meio da instituição de políticas sociais para esse público tão diverso. A principal medida é a criação da aposentadoria-velhice, instituída pelo Ministério do Trabalho e Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), em 1973, para homens acima de 65 anos e mulheres com mais de 60, além do decreto-lei de 1974 que determinou a renda mensal vitalícia no valor de 60% do salário mínimo para pessoas acima de 70 anos (PEIXOTO, 1998).

De acordo com Stucchi (1998, p. 42), “a aposentadoria é caracterizada pela saída do mundo do trabalho, pela entrada no mundo doméstico e pela passagem de um mundo de poder para um mundo em que o poder está nas mãos de outros”. Os significados desse estágio se mesclam. Por um lado, o aposentado está sujeito a uma espécie de condenação social por sua improdutividade, visto que a atividade laboral é uma grande provedora de dignidade ao homem na sociedade capitalista e de “mercantilização das relações sociais” (FERRIGNO, 2002, p. 56). Na outra ponta, está a imagem positiva de uma fase que possibilita aposentados pensarem em novos projetos e realizarem sonhos que outrora foram adiados (PEIXOTO, 1998).

É importante ressaltar que o grupo de sujeitos representados pela categoria “aposentado” é ainda mais diverso do que os que constituíam os termos “velho” ou “idoso”. Nessa categoria, encontram-se tanto pessoas mais velhas, acima de 70 anos e sujeitos que residem em instituições de longa permanência para a velhice, quanto cidadãos mais jovens que se aposentaram por tempo de serviço, de maneira que muitos aposentados não se sentiam velhos e desejavam se desvincular do estereótipo da caduquice, incapacidade e dependência que ainda fazem parte da imagem colocada sobre o ser velho. Esse raciocínio fica evidente na fala do ex-presidente da Associação dos Aposentados Metalúrgicos de Campinas, Cid Ferreira, proferida durante as manifestações em defesa dos direitos dos aposentados, que ocorreram na década de 90:

É bom que todo mundo saiba: aposentado não é velho bobo, louco, não. Nós tivemos um trabalho, nós sabemos o que precisamos e nós ainda temos que sustentar nossa família. [...] A intenção nossa é tirar essa imagem de que aposentado é velho, não presta mais, está morrendo. Nós não estamos morrendo, estamos vivinhos da silva. (FERREIRA *apud* SIMÕES, 1994, p. 20)

Muito além de uma preocupação com a imagem que permite associar aposentados a velhos sem lucidez, está a inquietação em se mostrar alguém que ainda está no controle e é sujeito de sua própria vida. Ao retirar sua força de trabalho da grande roda produtiva do

capitalismo, eles também se sentem destituídos de parte de seu poder de participação e visibilidade como cidadãos, ficando, assim, mais vulneráveis às decisões de terceiros (STUCCHI, 1998). Tal fato é evidenciado na postura dos aposentados militantes, que além da luta por seus direitos e do esforço para não serem associados a velhos caducos, tentam se diferenciar dos grupos de terceira idade sobre os quais falaremos posteriormente e que, na visão deles, estão mais vinculados ao lazer e ao descanso (SIMÕES, 1994).

Para esses aposentados, a lucidez não é suficiente: dedicar muito tempo a atividades recreativas e que não possuem qualquer relação com o trabalho ou suas trajetórias como trabalhadores parece ser sinônimo de assinar uma declaração de rendição e de atestar-se velho.

2.2.3 A terceira idade

Eis que um novo grupo surge a partir da categoria dos aposentados: a terceira idade. Seu objetivo é representar as pessoas mais jovens da categoria e defender a ideia de um envelhecimento ativo, em que a ociosidade por estar fora do mercado de trabalho é substituída pela possibilidade de um estilo de vida dinâmico, independente, em que essa fase passa a ser vista como o momento do lazer e realização pessoal (DEBERT, 1998; PEIXOTO, 1998; STUCCHI, 1998). Ao comparar as noções de idoso e terceira idade, Peixoto (1998) afirma que:

A rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. *Idoso* simboliza, sobretudo, as pessoas mais velhas, “os velhos respeitados”, enquanto *terceira idade* designa principalmente os “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos, como a representação francesa [...] A terceira idade passa, assim, a ser a expressão classificatória de uma categoria social bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 1998, p. 80-81, grifos do autor)

Para além de afastar a visão do aposentado como um sujeito ocioso, a nova categoria institui também um novo mercado consumidor, abrindo espaço para a criação de novos produtos, serviços de lazer, alimentação, universidades, entre outros, voltados para a terceira idade. Desse modo, o fortalecimento desse grupo também está associado a uma lógica capitalista em que o sujeito deixa de ser o aposentado inativo e se reconfigura na pele do consumidor, de forma a deixar de ser um produtor de riquezas, caso deixe de trabalhar, mas que contribua para a manutenção e geração de lucros por meio do consumo.

A heterogeneidade da terceira idade é também apontada por Simões (1994), que reflete sobre a tentativa dos aposentados militantes dos anos 90 não se sentirem representados pelo

termo, visto que os mesmos lutam por seus direitos, enquanto os grupos de terceira idade são, na visão deles, reservados ao descanso e à diversão.

O movimento dos aposentados acredita possuir uma perspectiva mais ampla de luta pelos direitos dos aposentados e dos idosos, perspectiva que estaria ausente nos grupos de terceira idade e que passaria por uma aliança com os demais setores oprimidos da sociedade, a partir da “conscientização” da inserção do aposentado e do idoso na sociedade. (SIMÕES, 1994, p. 24)

Ao refletirmos sobre a trajetória e significado dos termos “velho”, “idoso”, “aposentado” e “terceira idade” na França e no Brasil, nota-se que as mudanças dos termos parecem seguir um manual invisível de “como não ser velho”, que, por sua vez, é determinado pelo grau de produtividade do sujeito em sociedades capitalistas e seu *status* social.

A compreensão sobre a utilização desses termos ao longo do tempo e as imagens atreladas a eles foi fundamental para optarmos por nos referir ao público desta pesquisa como sujeitos velhos.

Apesar de idoso ser um termo comumente utilizado na sociedade para se referir aos sujeitos velhos, nas ações do cotidiano e nas abordagens realizadas pelo Jornal Nacional, as quais apresentamos no capítulo 5, percebemos que a visão que paira sobre essas pessoas é ainda desumanizadora e cheia de estigmas. Infelizmente, a imagem que associa esses sujeitos a improdutivos, sem utilização para o sistema capitalista e dignos apenas de um apagamento social dia após dia enquanto esperam a morte bater-lhes à porta ainda é muito presente, de forma que deixar de chamá-los de sujeitos velhos poderia ser também uma forma de contestar o real tratamento dado a eles na sociedade capitalista.

2.3 Estigma e envelhecimento

A resistência em definir-se como velho, idoso, aposentado ou da terceira idade está ligada aos estigmas que essas definições carregam pelo fato estarem relacionadas à velhice. Em uma sociedade industrial capitalista que atribui valor aos indivíduos a partir da disponibilidade de sua mão de obra, produtividade e força para alimentar o sistema, Ferrigno (2002) destaca a visão negativa que paira sobre os aposentados:

Efetivamente a condição de aposentado é estigmatizante. Ele é percebido como alguém incapaz porque nada mais tem a contribuir com sua força de trabalho. Se a situação de improdutividade do desempregado é provisória e ele tem, portanto, a possibilidade de uma reabilitação social, a do aposentado é definitiva. Sua imagem de

improdutivo é ainda reforçada pelos preconceitos de incapacitação que atingem o corpo envelhecido. (FERRIGNO, 2002, p. 51)

O antropólogo e sociólogo Erving Goffman (1922-1982) analisa como, a partir das interações sociais, os sujeitos categorizam indivíduos por meio da classificação de atributos positivos e negativos que eles carregam, constituindo, assim, os estigmas, que requerem estratégias por parte dos sujeitos estigmatizados para lidar com a rejeição social e serem aceitos (ANDRADE, 2011; GOFFMAN, 2004).

A concepção de estigma adotada por Goffman se aproxima da antiga visão grega que se refere a sinais cravados no corpo com o objetivo de evidenciar algo bom ou ruim sobre a pessoa que carrega a marca. Essa informação determinava, na Grécia Antiga, quem era o sujeito (escravo, criminoso, pessoa poluída etc.) e, a partir disso, a postura dos demais para com aquela pessoa. Por conseguinte, Goffman afirma que quando uma pessoa nos é apresentada, procuramos identificar seus atributos e o que ele chama de “identidade social”, que corresponde, entre outros aspectos, à profissão da pessoa.

Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. (GOFFMAN, 2004, p. 6)

Portanto, a partir da relação entre as expectativas que colocamos sobre o sujeito e os atributos que identificamos, elaboramos um esboço sobre ele, uma identidade virtual que pode não corresponder à sua realidade, ou seja, à sua identidade social real. A partir desse esboço, o indivíduo é disposto em grupos e categorias. Diferente dos gregos que cravaram marcas no corpo, o estigma aqui limita-se a marcas morais. Quando esse atributo é negativo, más expectativas são colocadas sobre o sujeito, que se vê em uma situação de reprovação social (GOFFMAN, 2004).

Três tipos de estigmas são apontados por Goffman (2004): 1) abominações do corpo; 2) culpas de caráter individual, que se referem a crenças falsas, vontades fracas e paixões - nesse grupo estão pessoas com distúrbios mentais, criminosos, desempregados, dependentes químicos, LGBT's, entre outros; 3) estigmas transmitidos por um grupo a um sujeito que passa a fazer parte ou nasce em um grupo já estigmatizado - alguns exemplos são religião, raça e nacionalidade.

Os sujeitos estigmatizados podem ser classificados em duas categorias: desacreditados ou desacreditáveis. O primeiro refere-se ao sujeito cujo estigma é evidente; o segundo, por sua vez, diz respeito aos estigmas que não são visíveis (GOFFMAN, 2004).

Apesar de não discutir em sua obra estigmas da velhice, muitas construções de imagens negativas sobre os sujeitos velhos podem ser refletidas com base na concepção de Goffman. É importante ressaltar que o estigma ocorre a partir do afastamento do sujeito das expectativas sociais do que é considerado como o normal ou natural.

Elege-se a juventude como idade-padrão da sociedade contemporânea, e nesta eleição podemos ver associadas as categorias de desenvolvimento, mudança social, tempo linear e os padrões estéticos definidores da beleza a ponto de se estabelecer certa contiguidade entre as ideias de jovem, belo, moderno e progresso. (BARROS, 2004, p. 16)

Em uma sociedade que cultua a juventude e segrega os indivíduos que não integram essa categoria, os sujeitos velhos podem ser enquadrados no estigma de culpas de caráter (ANDRADE, 2011), ocupando um lugar ao lado de outros sujeitos vistos como decadentes, como é o caso dos aposentados (FERRIGNO, 2002).

A velhice também compõe a categoria de estigma de abominações de corpo, visto que resulta em transformações corporais opostas aos padrões que constituem a juventude (FERRIGNO, 2002). A pessoa estigmatizada pode responder à situação tentando corrigir o que é considerado defeito ou anormalidade. No caso dos sujeitos velhos, essa resposta pode ser manifestada na procura por tratamentos estéticos, dietas e produtos milagrosos (ANDRADE, 2011). Quando essas ações conseguem provocar um efeito rejuvenescedor e o atributo negativo advindo das marcas da velhice deixa de ser identificado, esse sujeito passa a ser um estigmatizado desacreditável, ou seja, aquele em que o estigma não é visível (FERRIGNO, 2002).

Além de ocasionada para manter uma boa saúde e qualidade de vida, a busca pela prática de exercícios físicos e as tentativas de aproximação de um estilo de vida mais ativo, como o previsto na juventude, podem ser uma alternativa de correção indireta em que o indivíduo realiza “[...] um grande esforço individual ao domínio de áreas de atividade consideradas geralmente como fechadas, por motivos físicos e circunstanciais, a pessoas com o seu defeito” (GOFFMAN, 2004, p. 12). Conseqüentemente, a partir da adoção de um estilo de vida mais ativo, sujeitos velhos tentam se distanciar dos estigmas de fraqueza, dependência e incapacidade tanto física quanto mental, que não raro são colocados sobre eles.

Fundamentando-nos nisto, refletimos que a criação da terceira idade é também uma resposta aos estigmas da velhice. Essa nova categoria institui um padrão social que incentiva, por meio de um estilo de vida ativo, o consumo de bens e serviços. Assim, os sujeitos velhos tentam se aproximar dos atributos considerados normais e conquistarem novamente a aprovação da sociedade. A busca por aceitação dentro da sociedade por parte deles é uma tentativa de reintegração social e enfrentamento do que Goffman (2004) chama de “desumanização do estigmatizado”, uma condição em que, devido a não corresponder às expectativas, esse sujeito não se configura como ser social vivente e, por consequência, sua humanidade lhe é negada.

É importante destacar que mesmo sendo uma resposta aos estigmas da velhice, nem todos se sentem pertencentes e representados no grupo da terceira idade. Nessa mesma direção, Marques (2004) adentra ainda mais a discussão a partir do diálogo com uma senhora, apontando, além das problemáticas do mundo do trabalho, também questões de gênero:

Ser velho é diferente de ser velha. As relações de gênero aparecem em consequência de suas experiências. Por que os homens não participam? Perguntei à Dona Zeba (líder de um dos grupos de terceira idade mais antigos e maiores, em Tjucas-SC). Respondeu-me: "Sabe, eu acho que os homens não admitem ser velhos". Provavelmente por conta dos estereótipos que colocam no homem, a virilidade, a produtividade econômica e quando velhos, tornam-se "inativos". Não querem ir no grupo para fazer "coisas de mulher" ou, nas viagens, as mulheres não querem que eles estejam presentes para chamá-las a atenção de seus comportamentos. (MARQUES, 2004, p. 69)

Tomando como base essa observação, percebe-se que mesmo distante das atividades laborais, alguns sujeitos velhos se sentem mais próximos de sua dignidade ou mesmo atuantes na sociedade quando, de alguma maneira, estão em contato com sua vivência como trabalhador. Tal evento apenas reforça o espaço que o trabalho ocupa no imaginário, na vida e na identidade das pessoas em sociedades industriais e capitalistas, e aponta para o medo de muitos homens, já preocupados com a visão de fragilidade oriunda do estigma de ser velho. Visão esta que provoca ainda mais receio de que sejam também vinculados a atividades que eles classificam como “coisas de mulher”, tornando, assim, sua imagem mais frágil em uma sociedade machista.

A identidade deteriorada (GOFFMANN, 2004) criada pela sociedade por meio dos estigmas impostos aos indivíduos de maneira geral faz com que o sujeito sofra impedimentos sociais, como a falta de espaço e voz para dizer o que pensa, bem como o descrédito perante os seus papéis sociais em esferas diversas, como, por exemplo, no trabalho e em outros grupos que poder-se-ia integrar, como o das pessoas que são tidas como seres sociais. Assim, o sujeito é

desacreditado e desvalorizado nas relações sociais, o que contribui para sua desaprovação e exclusão. Nesse sentido, Morando *et al.* (2018) acrescenta:

A aceitação é característica central nas relações sociais entre os considerados normais e o estigmatizado, porque este último não obtém dos primeiros o respeito e a consideração que merece, sendo reduzida sua complexidade humana ao atributo estigmatizante e ignorados os demais como: personalidade, potencialidade, experiência, conhecimento, resiliência e aceitação. Logo, o estigma destrói atributos e qualidades do indivíduo, exerce poder de controle das suas ações e deteriora sua identidade social. A exclusão do indivíduo destrói a autoconfiança e reforça o caráter simbólico da representação social pela qual é considerado incapaz e inútil. (MORANDO *et al.*, 2018, p. 27-28)

O apagamento de seus atributos positivos faz com que o sujeito estigmatizado surpreenda os que o cercam, mesmo na execução de atividades mais banais, em que seus menores atos são vistos como extraordinários. O exemplo dado por Goffman é o de um ex-presidiário que causa um misto de surpresa e espanto por ler obras complexas, clássicas e de personalidades consagradas, como Simone de Beauvoir e Lawrence Durre, ao invés de contentar-se com novelas e revistas sensacionalistas.

Outro exemplo é o de uma pessoa cega que, ao realizar atividades como acender um cigarro com segurança e habilidade, “provoca o mesmo tipo de admiração inspirado por um mágico que tira coelhos de cartolas” (GOFFMAN, 2004, p. 16). Por outro lado, Goffman enfatiza que “ao mesmo tempo, erros menores ou enganos incidentais podem, sente ele, ser interpretados como uma expressão direta de seu atributo diferencial estigmatizado” (GOFFMAN, 2004, p. 16).

Vale observar que a imagem dos sujeitos velhos, muitas vezes, se manifesta tanto como a de um ser extraordinário quanto a de um ser cujas incapacidades são realçadas. A execução de atividades cotidianas sem a ajuda de terceiros, bem como a realização de tarefas domésticas, manutenção da higiene corporal e o domínio das tecnologias causam espanto, visto que, partindo de uma concepção estigmatizada, espera-se somente que a velhice torne esses sujeitos incapazes de executar tais atividades com destreza. Em contrapartida, por qualquer deslize é reforçado o estigma: se um velho esquece onde colocou a chave, ele está “gagá”, é um problema ocasionado pela velhice (ANDRADE, 2011; FERRIGNO, 2002).

2.3.1 A visão sobre o sujeito velho institucionalizado

Com base em uma revisão integrativa da literatura científica de 14 artigos dos anos de 2001 a 2011, Silva, Comin e Santos (2013) constataram que as condições de vida de sujeitos

velhos institucionalizados são diversas, visto que nesses espaços encontram-se tanto sujeitos independentes quanto sujeitos parcialmente dependentes, bem como integralmente dependentes. Nas pesquisas analisadas, é preponderante a presença de velhos institucionalizados que possuem baixo nível de escolaridade e que tiveram uma trajetória laboral permeada por trabalhos braçais e com baixa remuneração, possuem a renda da aposentadoria e a repassam para as instituições onde vivem (SILVA; COMIN; SANTOS, 2013). Equitativamente, Camarano e Christophe (2010) apontam para a heterogeneidade do público dessas instituições, destacando que elas refletem a diversidade cultural e as desigualdades socioeconômicas da sociedade brasileira.

Silva, Comin e Santos (2013) fazem alusão a uma necessidade de promover a independência dos velhos nestes espaços, visto que mesmo em casos em que esses sujeitos possuem autonomia para realizar determinada atividade, a dependência é estimulada por parte dos funcionários. De acordo com eles, quanto às rotinas, a literatura revela que as ILPI mostram-se como lugares monótonos e que não propiciam ao idoso a realização de atividades que possibilitem novas experiências, a partir do contato com os demais residentes, assim como a valorização das antigas vivências e habilidades adquiridas, o que pressupõe o envelhecimento como uma etapa na qual não mais ocorre o desenvolvimento ou o aprendizado. (SILVA; COMIN; SANTOS, 2013, p. 828)

O estímulo à dependência pode também estar ligado à reprodução de estigmas sobre os velhos institucionalizados por parte dos funcionários, visto esta que deve ser modificada não somente por aqueles que cuidam dessas pessoas, mas por toda a sociedade.

Em uma sociedade que cultua a juventude e em que a terceira idade surge como uma alternativa dos mais velhos à integração social, a visão do ser velho como uma escolha privada fortalece as representações negativas sobre aqueles que não adotaram uma maneira de viver correspondente ao novo padrão ditado nesse momento da vida. Dessa forma, os sujeitos residentes em instituições de longa permanência são duplamente estigmatizados: por vivenciarem a velhice e por não integrarem o novo padrão instituído com a criação da “terceira idade”, que prevê uma aproximação ao estilo de vida ativo da juventude. Sendo assim, esses sujeitos são ainda mais invisibilizados e, quando não, destaca-se sobre eles os estigmas da dependência e da incapacidade.

A visão estigmatizada sobre as instituições de longa permanência no Brasil, denominadas anteriormente como asilos, pode estar ligada ao fato de sua função ser inicialmente voltada ao assistencialismo, perpetuando, assim, a visão de que esses espaços são destinados a velhos pobres, muitos com doenças e limitações (CAMARANO; CHRISTOPHE, 2010; SALCHER; PORTELLA; SCORTEGAGNA, 2015). Ao se falar sobre tais espaços, as

peças comumente os relacionam a lugares carregados de sentimentos, como a solidão, o desprezo, o abandono, a ociosidade e a finitude, construindo uma ideia de que esses lugares são “depósitos de idosos” (FREITAS; NORONHA, 2010, p. 360).

No entanto, essa visão que carrega inúmeros estigmas tem sido questionada, visto que são vastos os motivos que levam esses sujeitos a ingressarem em uma instituição de longa permanência. Enquanto alguns residem nessas instituições contra sua vontade e por decisão da família, outros mudam-se para esses lugares por motivos que variam entre a ausência de familiares à preferência por não incomodar ou não serem incomodados por filhos e netos, por exemplo. De igual modo, há institucionalizados que encaram a situação com tristeza e solidão, enquanto outros percebem essa fase como uma oportunidade de renovar laços sociais e que não necessariamente irão romper com laços familiares (CAMARANO; CHRISTOPHE, 2010; FREITAS; NORONHA, 2010; SILVA; COMIN; SANTOS, 2013).

Freitas e Noronha (2010) ressaltam alguns dos aspectos da vida cotidiana das pessoas que vivem fora dos muros das instituições de longa permanência, como: conflitos, intrigas, competições e paixões, e que continuam a ocorrer também com as pessoas que vivem dentro desses espaços (FREITAS; NORONHA, 2010). Essa observação, que destacamos como positiva, é importante por contrariar a visão de passividade que, muitas vezes, é colocada sobre esses sujeitos institucionalizados e, para além disso, reforça a humanidade existente neles, que, frequentemente, é esquecida devido à visão estigmatizada colocada pela sociedade.

Da mesma forma, ao entrevistar moradores do Lar Betel, em Piracicaba, Sousa (2008) encontra relatos que se opõem à visão estereotipada dessas instituições como lugares de abandono, solidão e ausência de vida. A partir dos depoimentos, constata-se que viver em uma instituição de longa permanência pode ser uma escolha própria desses sujeitos na busca por mais independência, segurança, socialização e, até mesmo, sossego nessa fase da vida. A partir disso, Sousa (2008) observa que

Estar no asilo não é significado da morte social do homem. Mas um momento de entender e restaurar o espírito e construir, então, novas referências para os vivos, muitas vezes distantes, porém vigilantes olhares de familiares e amigos do outro lado do portão. [...] Exatamente pelo fato de a morte física parecer e se fazer tão próxima, com a certeza de o próximo dia poder ser o último, a vida toma outro sentido. Encontra-se a alegria e a tristeza no mesmo espaço e tempo. (SOUSA, 2008, p. 80)

Desse modo, o sujeito velho institucionalizado não é um ser estático e sem perspectivas para o futuro, mas alguém que existe no tempo e espaço presente, de uma forma ativa, e não apenas como um indivíduo que acumula memórias. Ele também ressignifica a sua própria vida

a partir da identidade construída ao longo do tempo e das experiências no presente (SOUSA, 2008).

2.4 As representações sobre os sujeitos velhos

A partir da análise de propagandas brasileiras da década de 90, Debert (2003) observou a presença de representações antagônicas sobre os sujeitos velhos: tanto a visão de dependência quanto a imagem de poder estão presentes. Embora a imagem de velhos tenha sido utilizada nos anúncios, a maioria dos comerciais não tinha esses sujeitos como público alvo.

A pesquisadora identificou três tipos de representações sobre o velho: 1) a visão que reforça a dependência e perda de habilidades; 2) a utilização do velho para ressaltar posições de poder e riqueza e 3) a subversão de padrões sociais partindo das ações de uma personagem velha, que remete à adoção de práticas inovadoras, abordando sexualidade e utilização de tecnologias por esses sujeitos (DEBERT, 2003).

Outra observação importante feita por Debert (2003) é o fenômeno que a autora chama de “reprivatização do envelhecimento”, em que essa condição seria um problema de indivíduos que não buscaram formas de evitar esse processo. De acordo com ela:

O material levantado mostra como as imagens da velhice na publicidade brasileira são ativas na produção do que chamo de “reprivatização do envelhecimento”, que implica a sua transformação num problema dos indivíduos que foram incapazes de se envolver em atividades motivadoras, deixando de adotar formas de consumo e estilos de vida capazes de evitar a velhice e seus problemas. (DEBERT, 2003, p. 137)

O fenômeno de reprivatização do envelhecimento reforça a ideia de que ser velho, evocando as visões negativas sobre o termo, é uma questão de escolha. Nesse sentido, a velhice atinge principalmente àqueles que não dispõem de condições socioeconômicas para consumir bens e serviços que fazem parte do estilo de vida instituído pela terceira idade. Assim, reforçamos a ideia de que, como citado anteriormente, “ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (PEIXOTO, 1998, p. 71-72). A pesquisa de Teixeira e Farias (2019) corrobora com a perspectiva de Debert (2003).

Com a instauração da “terceira idade” e, com ela, um estilo de vida mais ativo, os sujeitos que passam pela velhice tiveram suas imagens ressignificadas pela revista *Claudia*, a terceira revista feminina mais antiga do Brasil. Teixeira e Farias examinaram 156 edições do periódico, publicadas entre 1997 e 2010, e escolheram duas reportagens de 2004, traçando uma análise das representações da velhice em interface com a temática “moda”. As autoras

observaram que, até 2004, os sujeitos velhos eram invisibilizados ou sub-representados na revista. Após esse período, esse público passa a ter visibilidade; no entanto, essa visibilidade acontece na ideia do “novo velho”, representado por mulheres e homens magros, brancos e de classes sociais elevadas. Nesses novos sujeitos, o culto à juventude, com sua máxima social de altivez e beleza, ainda se manifesta a partir de personagens retratadas sem rugas, com cabelos tingidos, roupas e acessórios da moda (TEIXEIRA; FARIAS, 2019).

Outro estudo foi realizado por Neri (2006), a partir da análise do conteúdo de 283 publicações do jornal *O Estado de São Paulo*, pertencentes ao período entre 1995 e 2002, e que traziam temas relacionados à velhice. A autora constatou que os assuntos abordavam o tema sob ângulos em que os sujeitos velhos são vistos como seres em declínio e dependência, um “fardo para a sociedade” (NERI, 2006, p. 34), devido aos gastos que acarretam às instituições sociais. A autora também observou a presença de uma concepção mais empática a respeito dos velhos, que discute as tentativas desses sujeitos de permanecerem na juventude como fruto de imposições sociais. Neri defende que essas pessoas devem ser tratadas com respeito e suas contribuições sociais precisam ser mais valorizadas.

3 JORNALISMO AUDIOVISUAL

3.1 O telejornalismo

Refletir sobre o jornalismo na televisão e, especificamente, sobre as características técnicas e funcionais inerentes ao telejornalismo, é fundamental para entendermos como nosso objeto de análise opera na produção de sentidos.

Becker (2005) define o telejornal como “um produto editorial desenvolvido com critérios de matéria-prima noticiosa, que pode ser sintetizada em quatro etapas: coleta, pauta, apuração e gravação, edição e transmissão” (BECKER, 2005 *apud*⁶ LIMA, 2013, p. 53). Machado (2000), por sua vez, reflete que:

[...] o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão os atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso em relação aos fatos relatados. (MACHADO, 2000, p. 104)

Para Vizeu e Correia (2007, p. 5), na sociedade brasileira, o telejornalismo cumpre o papel de “sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade”. Por conseguinte, os telejornais são importantes não somente por levar aos telespectadores informações, mas também por construir a noção de realidade social, por meio da escolha das notícias que irão compor e das que ficarão de fora da programação da edição apresentada.

As histórias do telejornalismo e da televisão em solo brasileiro se cruzam desde o início, visto que no dia seguinte à inauguração da televisão Tupi, que aconteceu em 18 de setembro de 1950, ocorre a estreia do primeiro telejornal do Brasil, o “Imagens do Dia”, que, naquele momento, além de não possuir um tempo fixo de duração, transmitia as imagens dos acontecimentos diários sem editá-las previamente (MELLO, 2009). No início, a linguagem telejornalística no país era marcada por características linguísticas do rádio, meio de comunicação que a antecede, como a valorização do áudio e do texto em detrimento da imagem. Assim, o jornalista noticiava os acontecimentos de maneira detalhada, com frases longas e

⁶ Embora não se constitua na situação ideal para uma pesquisa de mestrado, o *APUD* aqui foi utilizado em função da inacessibilidade do original durante o período de pandemia por Coronavírus. As bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia estão fechadas desde 17 de março de 2020 e o Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação aprovou, na mesma data, a suspensão do Calendário Acadêmico da Pós-graduação para o ano de 2020 (conforme Resolução 04/2020 do CONPEP). Documento disponível em: http://www.comunica.ufu.br/sites/comunica.ufu.br/files/conteudo/noticia/anexo_pep0420_suspensao_do_calendario_da_pos.pdf. Acesso em: 27 maio 2020.

muito descritivas. Nesse primeiro momento, o jornalismo na televisão não era tão prestigiado como no rádio, pois perdia para ele na velocidade das informações. Além disso, um aparelho de televisão possuía valores de aquisição elevados, sendo seu acesso limitado a pessoas de maior poder aquisitivo (MELLO, 2009).

O telejornal começa a se destacar quando o Repórter Esso, que era um ícone do rádio e foi transmitido pela primeira vez na televisão em 1952, sob os comandos de Gontijo Teodoro, passou a receber apoio da agência de notícias norte-americana *United Press Internacional*. A partir de então, o conteúdo telejornalístico deixou de ser substancialmente oral e agregou mais ilustrações, fato que aumentou o interesse do público e fez com que o programa se mantivesse como uma referência no país durante 18 anos.

Esse período teve fim somente quando o Repórter Esso encerrou suas atividades em meio à crise que sua emissora, a televisão Tupi, atravessava no contexto da censura da Ditadura Militar no Brasil. Assim, o telejornal é transmitido pela última vez em 31 de dezembro de 1970 (MELLO, 2009). Essa mesma época também foi marcada pela ascensão daquele que é o maior expoente do telejornalismo brasileiro e mantém-se até hoje como o principal telejornal do país: o Jornal Nacional, da Rede Globo, cuja primeira transmissão dá-se em 1º de setembro de 1969. O JN teve impulso na época da Ditadura Militar ao ser patrocinado pelo governo por não se opor ao regime e, conseqüentemente, estar menos suscetível ao risco de perder o direito de transmissão devido à censura política imposta pelo período e que prejudicou a liberdade de imprensa (CONTATO, 2014; MELLO, 2009). Com o fim da Ditadura Militar e conforme absorviam os avanços tecnológicos, os telejornais se fortaleciam junto ao público (MELLO, 2009). Aos poucos, as emissoras, em especial a Rede Globo, construía um telejornalismo em que a técnica redacional passa a considerar a complementaridade entre texto e imagem, além da adoção de horários rígidos na apresentação dos programas, com o intuito de fidelizar a audiência.

3.1.1 Modelos de telejornalismo

Ao longo do tempo, a produção do telejornalismo foi evoluindo junto com a tecnologia. Além da inclusão de imagens e o distanciamento do rádio, como apontamos anteriormente, as transmissões passaram a ser realizadas com mais velocidade, assim como começou-se a ter uma preocupação maior com o processo de edição dos telejornais.

Machado (2000) observa que, partindo de uma perspectiva técnica, um telejornal é constituído a partir de filmes, materiais de arquivo, fotografias, gráficos, mapas, textos,

locuções, sons e ruídos, destacando ainda a tomada de planos de filmagem como uma característica marcante desse gênero jornalístico. Em relação ao modelo do telejornal, que está mais ligado à produção de sentidos que o produto pode evocar na audiência, o pesquisador aponta para dois modelos principais.

No primeiro, definido por ele como *centralizado e opinativo*⁷, o apresentador tem poder para decidir sobre quem tem voz ou não, permanecendo como sujeito principal do jornal. Nesses casos, sua figura é tão influente que ele não pode ser substituído definitivamente como os outros profissionais. Se tal fato venha a ocorrer ou ele mude de emissora, tem o poder de levar consigo o formato do programa, os patrocinadores e até mesmo a audiência (MACHADO, 2000).

O modelo *polifônico*⁸, por outro lado, é caracterizado por uma relação em que o apresentador é o condutor do programa, cuja função, na prática, baseia-se em ler as notícias que são escritas pela equipe de redação e chamar o repórter que, por sua vez, “chama o entrevistado, e assim vamos encaixando uma voz dentro da outra, como no recurso linguístico das citações” (MACHADO, 2000, p. 108).

Os dois modelos possuem impactos diferentes: enquanto o primeiro pode ser, nas palavras do autor, uma “faca de dois gumes”, a depender da opinião defendida no contexto do telejornal, o segundo pode ser visto como uma tentativa de mascarar a concepção de que seu discurso é produzido por alguém ou por um grupo, configurando-se como um produto não do consenso coletivo, mas de “[...] uma postura interpretativa ‘interessada’ diante dos fatos noticiados” (MACHADO, 2000, p. 109).

Nesse sentido, o Jornal Nacional, objeto de análise desta pesquisa, caracteriza-se principalmente como um telejornal do modelo polifônico, uma tendência que mantinha desde o início, já que por muito tempo priorizou a qualidade técnica da transmissão em detrimento da profundidade da informação, para não se posicionar contra o Regime Militar e assim manter-se fortalecido durante o período de censura.

É importante ressaltar que um modelo polifônico não necessariamente é plural, visto que a escolha das fontes, ou seja, dos sujeitos que são entrevistados e apontam seus pontos de vista, pode caminhar para o mesmo sentido, de forma a defender um ponto de vista escolhido de acordo com as políticas editoriais do veículo de comunicação, por exemplo.

Da mesma forma, a preocupação em criar uma imagem de credibilidade nas informações veiculadas é constante, sendo a construção da composição do ambiente em que as notícias são informadas aos telespectadores uma das questões primordiais para a constituição dessa imagem.

⁷ Grifos do autor.

⁸ Grifos do autor.

Além de um enquadramento que destaca os apresentadores, os cenários dos telejornais nacionais são, geralmente, marcados por imagens das redações do jornal, que constroem a ideia de produção e circulação constante de informação; da mesma forma, é comum encontrar painéis com indicadores ou gráficos para ilustrar a posse de dados sobre diferentes temas de interesse público (GUTMANN, 2012).

3.1.2 A construção da realidade no telejornalismo

O ato de escolher quais acontecimentos retratar e a forma como as notícias são produzidas, isto é, qual discurso visual e verbal adotado ao abordar determinado acontecimento, são aspectos que constroem a realidade transmitida para o telespectador e, portanto, contribuem para sua percepção sobre os fatos.

A organização interna do telejornal lembra formas industriais de organização da produção, em que, para obter o produto final em curto prazo, a produção é dividida em etapas e cada profissional envolvido não tem controle sob o resultado final. O telejornal é fruto de um esforço em que toda a equipe busca cumprir tarefas dentro de prazos preestabelecidos. (RENAULT, 2013, p.108)

Desse modo, a produção do telejornal e, por consequência, a construção da realidade e atualidade a partir dos acontecimentos, são processos de rotina feitos de forma coletiva, podendo também possuir grande impacto nas ações e nas percepções da audiência, quando esta se identifica com as notícias ou é afetada diretamente pelos acontecimentos divulgados.

Vizeu e Correia (2007) apontam cinco “operações/construções” a partir das quais o telejornalismo produz a noção do real: “*de atualidade, de objetividade, de interpelação, de leitura e operadores didáticos*” (VIZEU; CORREIA, 2007, p. 14).

As construções da atualidade dizem respeito não à atualidade cronológica do acontecimento, mas utilizando como parâmetro o noticiário, visto que mesmo um evento transmitido ao vivo é submetido aos moldes do telejornal, seja pelo enquadramento dado ou pelo próprio tempo de duração de um fato que continua a ocorrer quando outra notícia é anunciada.

As construções da objetividade estão relacionadas à prioridade de garantir a veracidade dos acontecimentos relatados conforme foram noticiados. As tentativas de construir um vínculo

⁹ Grifos do autor.

com a audiência, tornando-a mais próxima das situações relatadas, constituem as operações de interpelação.

Partindo do pressuposto de que a audiência não assiste ao telejornal passivamente, as construções de leitura preveem que os telespectadores fazem elos associativos entre seus saberes prévios e as informações veiculadas naquele momento, o que permite percepções diferentes sobre o mesmo assunto. Os operadores didáticos, por sua vez, dizem respeito à preocupação em traduzir para a audiência informações mais técnicas e complexas, em áreas como economia, por exemplo (VIZEU; CORREIA, 2007).

As operações apontadas por Vizeu e Correia (2007) como agentes de construção do real se manifestam de diversas formas. A interpelação, por exemplo, pode ser percebida no modo como os apresentadores buscam se relacionar com a audiência, muitas vezes tornando-a coparticipante do telejornal, mediante a utilização dos pronomes “você” e “nós” e de imperativos, como nas orações: “Você é daqueles que...”; “Entenda o que muda...”; “Nós vamos ver...”; “Vamos conferir...” (GUTMANN, 2012; VIZEU, 2002). A operação de leitura, por sua vez, pode ser descrita vista na ação do telespectador que “busca no telejornal um local em que possa construir seus quadros interpretativos sobre as coisas do mundo” (GUTMANN, 2012, p. 67).

Para além das convocações verbais que partem dos apresentadores para os espectadores, o processo de construção do real no telejornalismo também se utiliza de enquadramentos, tanto em forma de discurso, ou o modo como uma notícia é abordada, quanto também por meio de escolhas técnicas de recortes das imagens.

3.1.3 Os enquadramentos de câmera na construção do telejornal

Gutmann (2012) explica que os telejornais utilizam diferentes enquadramentos de câmera para empregar significados às notícias e reforçar os sentidos conferidos a elas. Segundo a pesquisadora,

[...] os enquadramentos de câmera são explorados como dispositivos expressivos para a interação proposta, produzindo, pelo menos, quatro tipos de efeitos que remetem a uma situação de conversa: 1. Distanciamento; 2. Aproximação entre os sujeitos do discurso (enunciador e enunciatários); 3. Ênfase argumentativa; 4. Inclusão do interlocutor (enunciatário) na cena comunicativa. Nesse caso, os planos e movimentos de câmera, articulados ao texto verbal, funcionam como profícuas estratégias discursivas para os atos conversacionais. (GUTMANN, 2012, p. 68)

Para produzir esses efeitos, é comum o uso de enquadramentos como o plano americano, que na interação entre apresentador e telespectador corresponde à imagem que exhibe o jornalista a partir da altura da bancada ou do busto. Esse tipo de plano é muito utilizado para promover um distanciamento entre as partes, de modo a reforçar a relação de formalidade entre elas e a autoridade do apresentador em relação ao assunto tratado (GUTMANN, 2012).

O primeiro plano, por sua vez, corresponde ao enquadramento do apresentador a partir da altura do ombro. Mais próximo do espectador, é utilizado com frequência para criar um ambiente de maior interação com a audiência, transmitindo a sensação de intimidade e cumplicidade e mesmo com a intenção de enfatizar algum argumento ou aconselhar o telespectador a algo. O plano geral permite que todo o cenário seja visto e pretende convocar o telespectador a participar do diálogo construído pelos apresentadores (GUTMANN, 2012).

Vizeu e Correia (2007) discutem como os enquadramentos são utilizados para a construção das reportagens audiovisuais. Os pesquisadores observam que as imagens que se aproximam do objeto retratado, em plano fechado, como o plano detalhe, são utilizadas para dar ênfase a aspectos mais dramáticos da matéria. Por outro lado, o plano mais aberto é um recurso que tem por objetivo aproximar-se da reprodução da realidade.

No plano médio, por exemplo, o objeto principal está a uma distância média da câmera na tela, com um espaço à sua volta (GERBASE, 2012). Esse tipo de plano tem o objetivo de mostrar a interação do objeto com o espaço em que ele se encontra, de forma a promover um equilíbrio, no enquadramento, entre o objeto e o ambiente (MANCUZO; MARIA; BONI, 2010).

Para além da função dos apresentadores e dos enquadramentos utilizados, a dinâmica de como são construídas as reportagens também tem papel fundamental na construção do real e na concepção do telejornal como um produto coerente e unificado.

Para que sua veracidade seja comprovada ao público, as reportagens se utilizam da presença de recursos como entrevistas com fontes oficiais ou que vivenciaram o acontecimento abordado, reprodução de depoimentos, documentos oficiais, ilustrações e gráficos; além de assegurar que as imagens e sons dialogam entre si, no intuito de reafirmar o discurso construído (FREITAS, 2016; RENAULT, 2013).

Logo, percebe-se que o telejornalismo se utiliza de diversos meios para a construção da realidade do acontecimento por intermédio das notícias. Cada edição é uma versão da realidade social cotidiana e os textos “provocam efeitos de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais são a ‘matéria-prima’ da produção” (BECKER, 2009, p. 55).

3.2 A televisão a partir da perspectiva cultural

Ao refletirmos sobre a produção de sentidos no escopo do objetivo deste trabalho, é fundamental considerarmos que a televisão, meio de comunicação que veicula o JN, ocupa um espaço social na vida dos sujeitos e está imbuída em um contexto sociocultural em que produz cultura e promove mediações sociais.

A televisão marca sua presença na América Latina configurando-se também como uma das grandes provas do avanço tecnológico de um tempo que se propõe a ser reconhecido por seu progresso econômico, político, e pela consolidação de um mercado cultural no Brasil. Ela reflete todos esses aspectos, tanto no sentido de ser de sua existência como meio de comunicação quanto nas formas de mediação social que concatena (GOMES, 2011). Dessa forma, as concepções sobre a identidade brasileira reconfiguram-se, tomadas por um viés mercadológico em que considera como nacional aquilo que também se insere na lógica do consumo, de forma que “a partir da articulação entre interesses políticos e interesses econômicos, cultura nacional será identificada à cultura popular de massa” (GOMES, 2011, p. 48).

Para Martín-Barbero (1987), as formas como as mídias massivas se manifestam e reverberam estão intrínsecas e sua interpretação não pode ser deslocada das transformações sociais, culturais, de consumo e histórias de uma sociedade no tempo em que se inserem.

[...] a dinâmica cultural da televisão atua pelos seus gêneros. A partir deles, ela ativa a competência cultural e a seu modo dá conta das diferenças sociais que a atravessam. Os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 298)

Nesse sentido, os gêneros televisuais podem ser entendidos como matrizes culturais que estão em constante transformação, de forma a estabelecer com a sociedade uma relação de representação ao refletir suas nuances, da mesma forma que suas mediações reforçam aspectos culturais, sociais e econômicos, ou seja, propagam e, assim, contribuem para a manutenção das ideias e ideologias circulantes (FECHINE, 2011).

Os gêneros partem, dessa forma, de um lugar histórico e sociocultural, sendo seu entendimento possível a partir da consideração desses contextos. Cada gênero carrega consigo o gene das mudanças sociais e técnico expressivas do seu meio comunicativo, sendo, assim, marcado por uma contínua regeneração e simulacro de discursos que se reproduzem e se renovam constantemente (FECHINE, 2011).

As formas de reconhecimento dos aspectos sociais, políticos e culturais dos sujeitos ganham aspectos mais condensados na televisão. Se por um lado o rádio e a imprensa, mesmo como mídias de massa, refletiam as diferenças culturais e políticas, a televisão tende a absorver essas divergências (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Ao conectar o espetáculo com a cotidianidade, o modelo hegemônico de televisão imbrica em seu próprio modo de operação um dispositivo paradoxal de controle das diferenças: uma aproximação ou *familiarização* que, explorando as semelhanças superficiais, acaba nos convencendo de que, se nos aproximarmos o bastante, até as mais "distantes", as mais distanciadas no espaço e no tempo, se parecem muito conosco; e um distanciamento ou exotização que converte o outro na estranheza mais radical e absoluta, sem qualquer relação conosco, sem sentido para o nosso mundo. Por ambos os caminhos, o que se impede é que o diverso nos detenha, nos questione, mine até o nosso mito de desenvolvimento, segundo o qual existe um único modelo de sociedade compatível com o progresso e, portanto, com o futuro. (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 250-251)

Para Martín-Barbero, a televisão na América Latina se apropria de três espaços para suas mediações¹⁰: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. A constituição da família como unidade básica da audiência televisiva é um mecanismo para se adentrar em um espaço privado em que os sujeitos se reconhecem e produzem sentido para suas vivências grupais.

A temporalidade social, por sua vez, diz respeito ao contexto em que os sujeitos consomem conteúdo televisivo. Ou seja, a reflexão se esse ato ocorre em um espaço público ou privado, por exemplo; e o lugar que a televisão ocupa em suas casas, como um espaço mais tímido no quarto ou se desempenha um papel importante na sala, na vida social das famílias. A temporalidade social diz muito sobre a forma como o sujeito interpreta o conteúdo que consome e como, a partir disso, constrói sentidos sobre o que está assistindo.

Em relação à competência cultural, Martín-Barbero (1987) a aponta como algo que transcende os usos feitos pelas diferentes classes sociais da televisão, considerando também a educação, etnia e aspectos culturais, regionais e comunitários dos sujeitos, assim como memórias e imaginários.

Dessa forma, a televisão é, ao mesmo tempo, produto e produtora de sentidos desses espaços que ocupa. À medida que comunica à sociedade sobre si mesma, ela reafirma identidades diversas que pairam no social, permitem aos sujeitos reconhecerem a si e aos outros

¹⁰ Sendo essas entendidas como “os lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 292).

de maneira que ao mesmo tempo em que instaura e reproduz ideias que são, de certa forma, públicas, fala de perto com os sujeitos sobre si próprios.

É como se a família soubesse mais de si quando vê refletido na tela um drama familiar com o qual se identifica e que até então poderia não ter sido debatido conscientemente entre os familiares que o vivenciam, mas apenas sentido pelas entrelinhas. Dessa forma, as pessoas percebem seus lugares sociais e seus potenciais a partir da identificação ou do distanciamento do outro. Nesse sentido, essas mediações podem tanto romper com ideias recorrentes, em tom de provocação, como manter ideias hegemônicas que pairam na sociedade, na temporalidade social e na competência cultural; e também tensionar múltiplos aspectos em um mesmo discurso.

Um exemplo é como a televisão, seja em telenovelas, telejornais ou outros gêneros televisivos, pode abordar a imagem do sujeito velho de múltiplas formas. Ao mesmo tempo que contribui para a instituição de um discurso sobre a velhice no qual aponta para a fragilidade do corpo velho como máquina de produção em uma sociedade capitalista, também defende a negação da velhice e do sujeito velho ao contribuir para a instituição da imagem da terceira idade como um estilo de vida ideal e de protagonismo da própria vida a ser seguido pelos sujeitos velhos.

Dessa forma, os discursos ora se distanciam ora se aproximam dos indivíduos, mas contribuem para a circulação de ideias e para a instauração de debates, uma vez que são reverberados por diferentes sujeitos em diferentes espaços, partindo da esfera privada para a pública e vice-versa, de forma a estimular as práticas sociais.

Nessa linha, cabe a reflexão de Rocha (2011, p. 13), que observa que a televisão insere-se em um lugar em que “sustenta a ideologia dominante ao mesmo tempo que precisa subvertê-la”. Essa ambiguidade, além de mostrar paradoxos e as múltiplas faces sociais, ocorre também para que o meio de comunicação seja aceito junto a uma ampla audiência, da qual pode se aproximar ou se distanciar, ou mesmo entrar em conflito de ideias, com ideologias dominantes, por exemplo.

Ao partir de lugares micros, como a família, que além do ambiente familiar concatena aspectos etnográficos, e lugares macros como o próprio espaço público e a sociedade, percebe-se que uma complexidade da mediação televisiva ao considerarmos o fenômeno massivo¹¹ está

¹¹ Considera-se aqui o sentido da palavra massa atribuída por Martín-Barbero, no contexto social, como um fenômeno psicológico em que indivíduos de diferentes vivências, ocupações e caráter se comportam de maneira diferente na coletividade (MARTÍN-BARBERO, 1987). Ainda de acordo com o autor, na América Latina o sentido de massa integra simultaneamente a ideologia dominante e o popular, como em uma fusão em que “agora somos todos massa” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 167).

na “junção possivelmente inextricável daquilo que nele é desativação de diferenças sociais e, portanto, integração ideológica, e daquilo que ele tem de presença de uma matriz cultural e de um *sensorium*¹² que às elites produz asco” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 297).

Dessa forma, o massivo sofre atravessamentos de tensões nacionais dotadas de sentidos e representações sociais, participação política, modos de consumo e usos do espaço de formas diversas aos olhos dos diferentes sujeitos, sendo um ponto de encontro e mesmo contradição de múltiplas matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Contemplar a discussão das matrizes culturais e fazer uma análise cultural do jornalismo, especialmente do gênero televisivo telejornal, em que se localiza nosso objeto de pesquisa (o Jornal Nacional), significa refletir sobre o contexto de criação desse produto midiático, considerando fatores socioculturais que fazem parte do lugar de onde se fala, tal como a presença de ideologias e relações de poder vigente que se encontram nesse mesmo espaço. Também é preciso considerar que características técnicas, estéticas e identitárias inerentes ao telejornalismo impactam a produção de sentidos pelo público.

Nesse sentido, Escosteguy (2012) observa que o processo comunicativo do jornalismo incorpora tanto uma análise de produção quanto de recepção, de forma que os atos de comunicação partem dos jornalistas para o público, construindo sentidos produzidos também a partir de implicações culturais que constituem a identidade e, conseqüentemente, a percepção do mundo na ótica do produtor e do sujeito receptor.

O estudo das matrizes que agem no fazer jornalístico permite compreender tanto a origem histórica da forma como se dá o processo produtivo (relações de trabalho, hierarquias, funções, rotinas, fluxos...), como a dos formatos (materializados nos distintos gêneros), bem como os valores-notícia (calcados no que é praticado e aceito pelo social e dentro da cultura como “notícia”, nos limites do que pode circular dentro de cada cultura e dentro de uma cultura universal ou global). (FELIPPI; ESCOSTEGUY, 2013, p. 21)

Ainda nessa direção, é importante considerar o jornalismo como um promotor de um espaço da sociabilidade, em que os receptores interpretam os discursos e constroem sentidos de reconhecimento e diferenciação com o “outro”. Dessa forma, os gêneros locativos constroem e retornam aos grupos sociais em forma de produto midiático, discursos e ideologias oriundas da própria sociedade e sua cultura, que são reinterpretados e reverberados de diferentes formas nas diversas comunidades que constituem esse espaço social de forma mais ampla (ESCOSTEGUY, 2012).

¹² Grifos do autor.

Para Ronsini (2010), os discursos são resultados de uma lógica de produção que busca atender às demandas do público, do mercado midiático e a interesses políticos e econômicos.

Em se tratando das matrizes culturais, elas condensam a produção hegemônica de comunicação baseada no capital e nas transformações tecnológicas e sua cumplicidade com o imaginário subalterno. Além disso, no espaço das competências de recepção/consumo se encontram as práticas sociais que condicionam a produção de sentido. (RONSINI, 2010, p. 9)

Dessa forma, as mediações perpassam a relação entre os receptores e os meios, agindo de diferentes maneiras a partir de aspectos comunitários e individuais, como classes sociais, gênero, família, entre outros. Gomes (2011), por sua vez, adota o conceito de modo de endereçamento para pensar a relação entre produtor e receptor nos gêneros televisivos que envolvem o jornalismo. De acordo com ela,

o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. Ele permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico. (GOMES, 2011, p. 36)

Assim, os modos de endereçamento se apropriam dos contextos socioculturais e ideologias, considerando também as características intrínsecas ao seu gênero, para construir uma comunicação midiática que faça sentido com as expectativas colocadas pelo público no programa, tanto no quesito gênero quanto nas ideias que são difundidas por meio do gênero e formato jornalístico em que essa comunicação acontece.

Como produtos culturais, os gêneros televisuais¹³ estão em constante mudança, refletindo as transformações da sociedade em que se inserem. O mesmo ocorre com os modos de endereçamento que integram esses produtos. O Jornal Nacional, por exemplo, sofreu mudanças visuais, de linguagem e de conteúdo, com o objetivo de sempre manter uma relação próxima aos seus telespectadores, a qual faça sentido com o contexto sociocultural e histórico que eles vivenciam naquele momento (GOMES, 2011).

É importante frisar que o telejornal ocupa um lugar duplo, uma intersecção, pois ao mesmo tempo que possui características da televisão, meio em que é veiculado, carrega em si

¹³ Nos baseamos na perspectiva de Fechine (2011), a partir da qual os gêneros televisuais são: “[...] unidades da programação definidas por particularidades organizativas que surgem do modo como se coloca em relação ao apelo a determinadas matrizes culturais (o que inclui toda a ‘tradição dos gêneros’ das mídias anteriores), a exploração dos recursos técnico-expressivos do meio (dos códigos próprios à imagem videográfica) e a sua própria inserção na grade da programação em função de um conjunto de expectativas do e sobre o público” (FECHINE, 2011, p. 18).

características do jornalismo, de forma mais ampla, e se utiliza da fusão desses dois espaços para produzir sentidos em uma sociedade imbuída em contextos econômicos, políticos e culturais.

Dessa forma, o jornalismo precisa ser capaz de lidar ao mesmo tempo que mescla discursos hegemônicos e não hegemônicos na tentativa de promover uma reconciliação e um reconhecimento dos mais diversos sujeitos em seus conteúdos, também se atentando para que cumpra seu papel social de ampliar a voz de diferentes sujeitos, reproduzir discursos e desconstruir estigmas, ao mesmo tempo que pode reforçá-los.

Quando deslocamos essa discussão para o objetivo desta pesquisa, percebemos que analisar as abordagens construídas dos sujeitos velhos, não raro invisibilizados na sociedade do consumo ou submetidos ao apagamento de suas múltiplas vivências e identidades no rótulo da terceira idade, requer a consideração de questões primordiais.

Uma delas, que destacamos, é a de que ter que estimular e construir pautas nos telejornais que contemplem as vivências, histórias e instaurar os debates sobre os desafios, superações e a múltiplas questões que atravessam o velho e a velhice, é o primeiro passo para se ocupar um lugar nos telejornais, por exemplo, e se distanciar cada vez mais do silenciamento e do apagamento social desses sujeitos.

Em seu artigo *Memória, Esquecimento e Silêncio*, Pollak (1989) destaca o silenciamento, as memórias individuais de sujeitos oprimidos e sobreviventes de guerras. Para ele, “essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos” (POLLAK, 1989, p. 8).

Apesar de os sujeitos destacados na presente pesquisa não serem vítimas ou sobreviventes de uma guerra, a perspectiva de Pollak dialoga com este trabalho quando refletimos sobre os conflitos que ser velho em uma sociedade capitalista pode implicar na percepção dos sujeitos sobre si e em sua aceitação social. A negação da velhice e mesmo o ato de se evitar a chamar alguém de velho pelo receio de ser ofensivo é também uma forma de se esquivar do debate sobre um assunto que inquieta e pode mesmo ser considerado um tabu: o envelhecimento, o ser velho, o como viver e como não viver sendo velho.

Essa discussão faz-se importante e necessária, visto que na atual sociedade da tecnologia e informação, os meios de comunicação tradicionais como a televisão passam a reproduzir seus discursos também no espaço da web.

3.3 Jornalismo audiovisual na web

Considerando que nossa análise do Jornal Nacional, que é produzido e veiculado na televisão, se dê a partir da plataforma Globoplay, deve-se considerar que esse espaço na web ocupado pelo JN configura-se, principalmente, como um lugar de reprodução de um conteúdo pensado de forma mais específica para o gênero televisual.

Com a ampliação do acesso à internet, empresas consagradas no mercado da comunicação por meio da produção de conteúdos para impresso, rádio e televisão passaram a se utilizar da convergência do ciberespaço¹⁴ para nele disseminarem o conteúdo produzido para suas mídias tradicionais e mesmo criar materiais voltados para a web (KILPP; FERREIRA, 2012).

Em um cenário em que as emissoras de televisão começam a investir na produção de conteúdos para a internet como uma estratégia para manter sua audiência, conquistar novos públicos e manter-se como autoridades na produção de conteúdo jornalístico, faz-se importante refletirmos como o Jornal Nacional, principal telejornal de amplitude nacional do país, absorveu essas mudanças ao ter seu conteúdo estendido também para os sites criados pela Rede Globo nesse novo contexto: o online.

Nessa nova conjuntura, o JN continua a ser um produto do jornalismo audiovisual, que pode ser entendido como “aquele que integra as matrizes de imagens e de sons de forma a criar uma narrativa que priorize a informação” (MAIA; COUTINHO; MELLO, 2012, p. 4).

Além do jornalismo audiovisual que está inserido no gênero televisivo e constitui-se no formato de telejornalismo, o JN desdobra-se também no ciberespaço ao ser reproduzido na Globoplay, agregando a si características do jornalismo na web, mesmo que não seja produzido especificamente para esse espaço.

Nesse sentido, Palacios *et al.* (2002) apontam a presença de três características que podem ser potencializadas no jornalismo desenvolvido na web: interatividade, customização, hipertextualidade.

A interatividade refere-se ao fato de que, diante de um computador, ao consumir conteúdo, o usuário se relaciona com a máquina, com a publicação, por meio do hipertexto e

¹⁴ Partimos da definição de ciberespaço de Levy (1999), para quem o ciberespaço é “[...] um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 1999, p. 85). Ainda de acordo com ele, o ciberespaço se comporta como “[...] um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LEVY, 1999, p. 34).

com outros leitores ou o produtor do conteúdo ao inserir um comentário em uma notícia, por exemplo.

A “Customização do conteúdo/Personalização” (PALACIOS *et al.*, 2002, p. 4-5), por sua vez, refere-se à possibilidade de o internauta configurar as informações de acordo com suas preferências, como em sites noticiosos nos quais ele pode pré-selecionar os assuntos de seu interesse. Já a hipertextualidade é apontada como uma característica que, “específica da natureza do jornalismo *online*, traz a possibilidade de interconectar textos através de links” (PALACIOS *et al.*, 2004, p. 5). Esses links podem levar para páginas no próprio site ou para outros endereços na web. Com a hipertextualidade e a multimidialidade, ou seja, a convergência dos diversos formatos de mídias anteriores, pode-se unir, na web texto, imagem e som nas narrativas jornalísticas.

Além das características supracitadas, Palácios (1999) aponta para a memória como um recurso do jornalismo na web, permitindo o fácil acesso a informações que anteriormente estavam somente sob o controle das emissoras de televisão ou com gravações e armazenamento de conteúdo pelo próprio telespectador, por meio de fitas cassetes, por exemplo. A disseminação desses materiais na web possibilitou a construção de uma memória ou acumulação de informações que podem ser facilmente recuperadas em qualquer tempo e espaço.

Nesse sentido, o pesquisador também acrescenta a Instantaneidade do Acesso como uma característica do jornalismo para web, possibilitando a atualização do material informativo (PALÁCIOS, 2003).

Kilpp e Ferreira (2012) analisam quais as características do audiovisual dos canais televisivos na internet. Para tanto, as pesquisadoras selecionaram cinco canais de televisão que possuem sites na internet: Rede Globo, SBT, Rede Record, Band e Rede Televisão.

As autoras identificaram três tipos de conteúdo. O primeiro foi denominado por elas como “postagem reprodutiva”, em que os vídeos são apenas uma reprodução do que foi exibido na televisão aberta, ou televisão off-line¹⁵, sendo reproduzido, então, no sítio da emissora na internet.

O segundo tipo de material é a postagem de reverberação, que parte de conteúdos produzidos pela televisão para novas criações. Nessa categoria, o material jornalístico publicado na internet é frequentemente a transcrição de trechos de reportagens televisivas com o acréscimo ou exclusão de imagens e de elementos gráficos, terminando, assim, por reverberar

¹⁵ Kilpp e Ferreira (2012) chamam de televisão off-line os canais televisivos com conteúdo produzido para televisão aberta que são sítios na internet.

o que já foi divulgado na televisão aberta. A postagem exclusiva, por sua vez, trata dos vídeos produzidos especialmente para a internet (KILPP; FERREIRA, 2012).

A partir dos veículos de comunicação analisados, as pesquisadoras concluíram que a internet tem sido utilizada pela televisão off-line, em sua maioria, para que os internautas acessem vídeos já veiculados pelas emissoras.

Na mesma linha que Kilpp e Ferreira (2012), ao refletir especificamente sobre telejornalismo na web, Amaral (2007) aponta que quando as emissoras de televisão disponibilizam no ambiente virtual os telejornais em fluxo contínuo, está substancialmente fazendo telejornalismo e utilizando a web como suporte tecnológico.

Quando a emissora de televisão disponibiliza sua programação, aí incluídos seus telejornais, na rede, em fluxo contínuo ao vivo, não existe nenhum suporte textual que prepare o internauta para o que irá assistir, a não ser as manchetes-links que abrem a janela do vídeo. Nesse caso, a emissora está fazendo o telejornalismo padrão do sistema convencional, *broad* ou *narrowcasting*, e utilizando a Internet como suporte de emissão, como utiliza o satélite, o cabo ou as ondas hertzianas, fazendo, portanto, *webcasting*, ou seja, difusão via Web. (AMARAL, 2007, p. 7)

Na perspectiva da pesquisadora, os conteúdos do JN transpostos na web na plataforma Globoplay podem, então, ser classificados no que ela de “Modelo III Transpositivo On Demand e em ‘tempo real’” (AMARAL, 2007, p. 9), em que o telejornal pode tanto ser exibido ao vivo na web como disponibilizado, posteriormente, na plataforma em que está hospedado. Da mesma forma, Renault (2013) direciona sua análise aos telejornais que passaram a ser reproduzidos na web, denominando-os de webtelejornalismo, conceito definido por ela como

um conjunto de conhecimentos, rotinas e práticas jornalísticas que resulta na produção e exibição do webtelejornal. O webtelejornal é um cibermeio¹⁶ que tem por objetivo a divulgação de informação jornalística audiovisual. Ele cumpre, na web, o papel do telejornal, por isso pode ser considerado um desdobramento no ciberespaço do telejornalismo. (RENAULT, 2013, p. 24)

O webtelejornalismo permitiu que os canais abertos lançassem na internet o material já produzido e transmitido pelos telejornais ou mesmo transmitir o telejornal ao vivo, simultâneo à exibição do programa na televisão, de forma que o espectador e/ou internauta possa rever as reportagens e mesmo opinar sobre o conteúdo em espaços destinados aos comentários do público, por exemplo (RENAULT, 2013). Identicamente, a possibilidade de visitar as

¹⁶ Ao referir-se a cibermeio, Renault adota o conceito de López *et al.*, segundo o qual um cibermeio é “o site que cumpre, na web, o papel dos meios de comunicação tradicionais. Os cibermeios são sites que têm por objetivo a produção e a divulgação de informações jornalísticas (LÓPEZ GARCIA; ALONSO; PALACIOS, 2007, p. 19 *apud* RENAULT, 2013, p. 31).

matérias veiculadas na televisão permite ao internauta a reinterpretção da realidade de diferentes formas e temporalidades, visto que, com essas mudanças, o prazo para se analisar e refletir sobre uma informação é praticamente ilimitado.

Apesar das discussões de Kipp e Ferreira e de Renault terem sido feitas entre 2012 e 2013, esses conceitos ainda estão atuais quando discutimos a presença do telejornalismo para a web. Brito (2018) analisou a transposiçõ de conteúdo do Jornal Nacional para o ciberespaço, tendo como parâmetro o tempo de 270'50'' do Jornal Nacional exibido na televisão entre os meses de dezembro de 2017 a maio de 2018 e a forma como esse conteúdo é transposto em três plataformas: Globoplay, G1 e Página Especial.

Brito (2018) identificou três estágios do fluxo de transposiçõ do conteúdo noticioso da televisão para a web. O primeiro refere-se à saída do suporte da transmissão do offline para a web, possibilitando uma quebra do formato linear do telejornal transmitido pela televisão. O segundo estágio refere-se à reformataçõ desse conteúdo para a web, de forma a desconstruir os conteúdos televisivos em vídeo e hipertexto. O terceiro, por sua vez, trata-se da produçõ de conteúdo multimídia voltado especificamente para web, onde são criados e publicados infográficos interativos que se baseiam nas reportagens exibidas no telejornal por meio da televisão.

As fases identificadas por Brito correspondem, nos resultados da pesquisadora, respectivamente à plataforma Globoplay, que cumpre a função de repositório de vídeos; ao site G1, que remodela as notícias transmitidas na televisão para a web através da fragmentaçõ dos vídeos e conversão de cada reportagem fragmentada em um texto que é publicado juntamente com o vídeo; e à Página Especial, que procura explorar as potencialidades do ambiente virtual por meio da produçõ de conteúdos interativos (como o Mapa da Violência citado pela pesquisadora, onde o internauta poderia selecionar os dados da sua região ou enviar para a redaçõ fotos e relatos sobre o assunto), em formatos de texto, vídeos, fotos ou áudios.

Brito concluiu que as três páginas cumprem funções específicas na transposiçõ para a web de acordo com os conceitos de Palacios *et al.* (2002), sendo eles a instantaneidade e a memória, “através do acesso direto à notícia pelo Globoplay, hipertextualidade, por meio das notícias em formato de texto e hiperlinks publicadas no site G1 e interatividade/personalizaçõ do conteúdo por meio da Página Especial” (BRITO, 2018, p. 99).

Na presente pesquisa, optou-se por fazer a análise das reportagens do JN a partir da plataforma Globoplay, pois a interface do site é mais intuitiva e a facilidade para encontrar as reportagens é maior. Na Globoplay, o conteúdo do JN é apenas reproduzido da mesma forma que foi veiculado na televisão aberta, mas ao contrário do meio anterior, delimitado por blocos

entre intervalos comerciais e, conseqüentemente, excluindo a presença de chamadas para o que será exibido no próximo bloco.

É importante destacar que o objetivo da plataforma não é o de produzir jornalismo audiovisual na web. Em sua totalidade, a Globoplay pode ser entendida como uma plataforma *Video on Demand* (VOD), que em tradução livre significa vídeo por demanda, e diz respeito à relação que o usuário tem com o recurso, de forma que ele decide o quê e quando assistir. Vieira e Murta (2017) observam que

[...] essa liberdade altera o padrão de comportamento de consumo até então utilizado, marcado pela linearidade e dominado pela passividade. Emergem novos modelos de negócios pela cultura de nichos, recepção por demanda e formas coletivas de distribuição de conteúdos. (VIEIRA; MURTA, 2017, p. 35)

Com o objetivo de atrair um público que se afastava cada vez mais das mídias televisivas e oferecer um conteúdo de maneira personalizada e diferente dos meios de comunicação em massa tradicionais, a Globoplay começou a funcionar no dia 03 de novembro de 2015, com presença em *smartphones*, *tablets* e *smart* televisões, possibilitando que o espectador transite entre diferentes telas simultaneamente, ou que o conteúdo possa ser retomado a partir do ponto em que foi visto anteriormente (ANTONIUTTI, 2019; VIEIRA; MURTA, 2017).

Antes da Globoplay, o Grupo Globo já investia em produtos multiplataformas, como o portal *globo.com*, de 2000, o Portal G1 (de conteúdo jornalístico lançado em 2006) e o site GShow. Uma marca forte da Globoplay é a manutenção da qualidade técnica e identidade da televisão Globo, além da gratuidade do conteúdo que é exibido na televisão. A plataforma também produz conteúdos exclusivos para a web, como por exemplo séries, que assim como as telenovelas que já foram exibidas na televisão aberta, podem ser acessadas exclusivamente por assinantes (VIEIRA; MURTA, 2017).

Desse modo, ao ser reproduzido na web, o conteúdo do telejornal pode ser fragmentado, ocorrendo, assim, a quebra da linearidade e da hierarquização que são características do telejornalismo na televisão aberta, de forma que a audiência, a partir de sua experiência pessoal, determine o que é mais importante individualmente.

Essa maior liberdade de escolha de conteúdo, aliada à memória do telejornal, visto que na Globoplay, por exemplo, os conteúdos configuram-se como um repositório, permitem uma maior reflexão e mesmo ressignificação dos fatos e discursos presentes no telejornal, uma vez que as informações não são mais fugazes, como quando exibidas na televisão, mas podem ser reproduzidas diversas vezes e assim serem assistidas a partir de diversas perspectivas.

Dessa forma, o ciberespaço é um lugar potente como espaço de reprodução dos conteúdos e, conseqüentemente, discursos da televisão, meio de comunicação no qual se insere o telejornalismo, produto midiático que, como discutimos anteriormente, se insere e age sobre um contexto que repleto de ideias, silêncios, inquietações e conflitos que fazem parte da sociedade.

Assim, promover um espaço na televisão e reprodução na web de visibilidade, fala e escuta para os velhos é importante, mas não suficiente. É preciso pensar nas formas como o sujeito velho é apresentado: acontece a desconstrução de estigmas sobre o velho ou a contribuição para um processo de perpetuação de visões estigmatizantes?

Em uma sociedade capitalista em que o valor dos sujeitos está fortemente ligado a seu *status* social e à disponibilidade e intensidade de sua força de trabalho, que imagens se constroem sobre os velhos, muitas vezes considerados pelo sistema do capital como dependentes, ociosos e retrógrados? A pandemia da Covid-19 foi vista por muitos desavisados como uma “gripe de velho”, pois essa população faz parte do grupo de risco, caso contraia a doença. Nesse contexto e pelas discussões até aqui suscitadas, faz-se pertinente e importante analisarmos como a imagem do velho é abordada no principal jornal da televisão aberta brasileira.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 A Covid-19

No dia 18 de janeiro de 2020, o Jornal Nacional, principal telejornal de abrangência nacional da televisão aberta brasileira, noticiava pela primeira vez o que seria uma pneumonia causada por um vírus em território chinês¹⁷.

Intitulada *China relata mais casos de pneumonia causada por novo tipo de vírus*¹⁸ e com 42 segundos de duração, a nota coberta¹⁹ informa que um novo caso de uma pneumonia havia surgido na cidade de Wuhan, na China, e infectado 50 pessoas até aquele momento. A doença é comparada à Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), que matou 800 pessoas no país entre 2002 e 2003. A preocupação era de que a nova pneumonia se espalhasse ainda mais, visto que a poucos dias a circulação de pessoas aumentaria devido à comemoração do Ano Novo Lunar Chinês, causando assim aglomerações.

Naquele momento, não havia sido registrada nenhuma morte por esse novo tipo de pneumonia. Somente em fevereiro a doença começou a ser referenciada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como Covid-19. A palavra Covid é uma abreviação do termo composto COrona VÍrus Disease, e o número 19 refere-se a 2019, ano em que o governo chinês divulgou os primeiros casos da doença oficialmente, no mês de dezembro.

Entre os grupos de risco da Covid-19, ou seja, pessoas mais suscetíveis a complicações caso venham a se infectar pelo novo Coronavírus, estão os sujeitos velhos, pessoas com tabagismo, obesidade, miocardiopatias de diferentes etiologias, hipertensão arterial, diabetes, doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica, neoplasia maligna e gestantes (BRASIL, 2020).

No dia 4 de junho de 2020, quatro meses e quinze dias após a primeira notícia, o mundo registrava 382.867 mortes. No Brasil, as mortes chegavam a 33.781²⁰, de acordo com o Jornal

¹⁷ Embora os registros do surgimento de casos do novo Coronavírus na China datem de outubro de 2019, sendo esse fato confirmado pelo Jornal Nacional em uma de suas edições, a primeira alusão à doença ocorreu no dia 18 de janeiro, de acordo com os arquivos obtidos na plataforma Globoplay.

¹⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8248464/>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹⁹ A nota coberta pode ser definida como: “texto lido pelo apresentador do telejornal em off. Uma informação nova pode transformar uma matéria editada em uma nota coberta, em que o texto e a passagem do repórter, já desatualizados, são retirados para que as imagens sejam editadas com um texto atualizado, gravado pelo apresentador. As matérias internacionais, feitas com texto off e imagens geradas das agências, são notas cobertas” (PATERNOSTRO, 2006, p. 212).

²⁰ A informação foi acompanhada - assistida - ao vivo pela pesquisadora, durante o Jornal Nacional, que até às 0h30min do dia 05 de junho, não havia disponibilizado a edição do dia anterior em sua plataforma Globoplay.

Nacional. Diante disso, a pandemia do novo Coronavírus ocupava os noticiários nacionais e internacionais, sendo a principal preocupação mundial do ano de 2020.

Ao acompanhar o Jornal Nacional²¹ durante o período de janeiro a março de 2020, observamos que muito se discutiu sobre o Coronavírus como uma doença que mata, principalmente, os sujeitos velhos, fato que contribuiu para que muitos cidadãos adotassem uma postura de descaso em relação à pandemia, principalmente por parte dos mais jovens, aliado ao fato de que, como discutimos anteriormente, sujeitos velhos são estigmatizados e, nesse contexto, a visão social que carregam de dependentes e vulneráveis foi também associada à doença, por ser essa, igualmente, vista como de velho e, logo, insignificante.

Diante disso, esta pesquisa se ocupa de refletir sobre como o sujeito velho é apresentado no contexto da pandemia nas reportagens do Jornal Nacional, se esses discursos desconstruem ou reforçam estigmas sobre esses sujeitos. Destaca-se a relevância e abrangência do JN como uma fonte importante de informação para a população brasileira. O programa é assistido em média por 42,4²² milhões de pessoas diariamente, sendo uma importante fonte de informação e influência sob a maneira como as pessoas percebem e emitem opiniões sobre a realidade.

4.2 O Jornal Nacional

O Jornal Nacional (JN) é o telejornal de alcance nacional mais antigo da Rede Globo de Televisão, sendo sua primeira exibição no dia 1º de setembro de 1969. Ao longo de sua trajetória, o Jornal noticiou fatos marcantes da história política, econômica e social do país. Uma de suas grandes marcas é a qualidade técnica das produções, que juntamente com outras práticas, como transmissão ao vivo dos acontecimentos no Brasil e no mundo, bem como notícias que se fundamentam em dados e estatísticas para reforçarem seus argumentos, fazem do Jornal Nacional uma fonte de informação reconhecida e de grande credibilidade por sua audiência, além de um programa modelo para o telejornalismo brasileiro (GOMES, 2012). Por seu vínculo de mais de 50 anos com o telespectador brasileiro e devido ao papel do telejornalismo de informar os acontecimentos a partir da construção de representações da realidade, o JN pode ser considerado o principal formador de opinião a nível nacional da

²¹ Esta pesquisa começa a ser desenvolvida no início de maio, após o acompanhamento de telejornal e a percepção de como as pessoas na fase da velhice ganham mais visibilidade no início da pandemia por serem parte do grupo de risco para a doença.

²² Globo comemora audiência jovem no Jornal Nacional. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/globo-comemora-audiencia-jovem-no-jornal-nacional/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

televisão aberta, fato que justifica a escolha deste produto midiático como objeto de análise desta pesquisa.

Exibido diariamente, de segunda-feira a sábado, o programa reúne milhões de pessoas em frente à TV, e muitas delas, após um dia de trabalho, buscam se manter informadas do que foi notícia no Brasil e no mundo. Tal fato deve-se também à estratégia adotada pelo JN dentro da programação diária da Rede Globo: o telejornal é apresentado pontualmente no intervalo entre duas telenovelas, o que facilita a criação de um vínculo com a audiência que busca apenas entretenimento. Enquanto espera o início da novela que sucede o telejornal, o espectador se informa com o conteúdo noticioso, o que, com o tempo, torna-se um hábito (RENAULT, 2013).

Apesar de o JN ter experimentado uma redução do índice de audiência de cerca de 33,5% no período de 2000 a 2013 (BECKER; ALVES, 2015), o maior número de pessoas em casa com a quarentena do início da pandemia fez com que esse índice aumentasse. O programa registrou, na semana do dia 17 de março de 2020, por exemplo, um aumento de 22,6% de telespectadores na Grande São Paulo, com 38,1 pontos de audiência, o melhor resultado desde 2011 na região mais populosa do país. No Rio de Janeiro, por exemplo, o programa teve o melhor ibope desde agosto do ano passado²³.

4.3 Abordagem qualitativa

O presente estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca observar, compreender, descrever e analisar a forma como o sujeito velho é apresentado no Jornal Nacional no contexto da pandemia do novo Coronavírus e constatar se essa abordagem desconstrói ou reforça estigmas.

Silva, Gobbi e Simão (2005) apontam para a utilidade da pesquisa qualitativa para entender o significado que os acontecimentos e interações possuem para os sujeitos. Laville e Dionne (1999), por sua vez, explicam que:

A abordagem qualitativa apoia-se, como a precedente, em uma categorização dos elementos. Mas antes de reduzir a uma simples frequência todos aqueles reunidos sob uma mesma rubrica como se fossem equivalentes, o pesquisador detém-se em suas peculiaridades, nas nuances que aí se expressam, do mesmo modo que nas relações entre as unidades de sentido assim construídas. Seu postulado subjacente é que a especificidade dos elementos do conteúdo e as relações entre esses elementos são portadoras da significação da mensagem analisada e que é possível alcançá-la sem mergulhar na subjetividade. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 224-225)

²³ Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/com-mais-tvs-ligadas-por-coronavirus-globo-dispara-e-massacra-concorrenca-34656>. Acesso em: 3 maio 2020.

Desse modo, nesse tipo de abordagem é importante considerar, além do conteúdo que se propõe analisar, é preciso observar também o contexto em que ele se manifesta, como os fenômenos sociais e históricos do período estudado, assim como os indicadores e categorias intrínsecos ao conteúdo escolhido para a observação, influenciam no direcionamento e resultados da pesquisa.

No percurso metodológico desta pesquisa qualitativa, realizamos, inicialmente, um procedimento de aproximação ao reconhecimento de campo que nos permitiu identificar, avaliar, selecionar e categorizar temas, expressões e discursos que estão em consonância com a proposta desta pesquisa.

Todo o conteúdo audiovisual analisado está armazenado na plataforma online de conteúdo audiovisual da Rede Globo, a Globoplay, que pode ser acessada pelo endereço online: <https://globoplay.globo.com/>. A escolha do conteúdo, publicado na plataforma entre 18/01 a 30/03, deu-se a partir da análise dos materiais considerados pertinentes à proposta da pesquisa.

O processo de seleção deu-se a partir da identificação, no título e na descrição²⁴, de conteúdos que abordam a pandemia do Coronavírus. Foram selecionados conteúdos nos quais foi possível encontrar ao menos uma das seguintes características: 1) abordavam temas relacionados à pandemia, mesmo que não tratem sobre sua ocorrência em solo brasileiro; 2) traziam o posicionamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) em relação à doença; 3) contemplavam discussões sobre o perfil das vítimas da doença; 4) anunciavam o aumento do número de vítimas; 5) possuíam teor educativo e de prevenção da doença, para a identificação da presença ou ausência da recomendação de cuidados específicos para os sujeitos velhos; 6) conteúdos sobre a pandemia em que eram identificados, no título ou na descrição, os termos “velhos”, “idosos”, “terceira idade”, “acima de 60 anos”, “velhice”.

A partir dos critérios supracitados, encontramos 144 conteúdos, entre reportagens, notas e boletins²⁵. Após a observação desse material, foi feita a escolha do conteúdo que integra a análise. Essa etapa foi orientada pelo objetivo da pesquisa e a identificação do conteúdo audiovisual que fornece informações sobre a problemática levantada.

Ao final, foram analisados 30 conteúdos, entre reportagens, boletins e notas, totalizando 119 minutos, selecionados por se enquadrarem em ao menos um dos seguintes critérios, que estão de acordo com os objetivos de pesquisa: 1) constar no título as palavras: velho, idoso,

²⁴ As reportagens individuais possuem um título para que o internauta identifique o tema do conteúdo que, quando selecionado pelo internauta através de um clique, ocorre a exibição de uma descrição textual com breve detalhamento sobre o assunto.

²⁵ Os boletins do JN são pílulas de informações exibidas à tarde sobre conteúdos que serão exibidos à noite.

mais de 60 ou mais velho; 2) conter na descrição as palavras: velho, idoso, mais de 60 ou mais velho; 3) citar diretamente os sujeitos velhos; 4) conter imagens de sujeitos velhos ou gráficos que abordem a idade.

Nossa análise parte da hipótese de que, conforme discutido no primeiro capítulo, as imagens colocadas sobre os sujeitos velhos são múltiplas, contraditórias e, em muitos casos, carregadas de estigmas. Dessa forma, cabe-nos refletir se a forma como o JN apresenta a imagem do velho no contexto da pandemia da Covid-19 desmistifica ou reforça estigmas sobre esse sujeito. A partir disso, a identificação das formas como o sujeito velho aparece nos conteúdos que abordam a pandemia do Coronavírus constitui os índices de análise, de forma que se chegue a constatações, por meio do material analisado.

Loizos e Gaskell (2002) observam que, em uma análise com conteúdo audiovisual, é importante a “criação de um sistema de anotações em que fique claro por que certas ações ou sequências de ações devam ser categorizadas de um modo específico” (LOIZOS; GASKELL, 2002, p. 149). Na mesma direção, Rose e Gaskell (2002) apontam para a profundidade da investigação dos meios audiovisuais, que são “um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e muito mais” (ROSE; GASKELL, 2002, p. 343).

A partir disso, optamos por realizar o procedimento de transcrição dos conteúdos, que teve por finalidade “gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Ela translada e simplifica a imagem complexa da tela” (ROSE; GASKELL, 2002, p. 348).

O material selecionado foi registrado e transcrito em duas colunas: a da esquerda, responsável por descrever resumidamente cenas e enquadramentos, e a da direita, na qual foi registrada a transcrição literal de trechos da reportagem que dialogam com os indicadores de análise.

4.4 Análise cultural

Após o procedimento de aproximação ao reconhecimento de campo, adotamos neste percurso metodológico a análise cultural, que se fez importante por se configurar como um espaço de reflexão e consideração de aspectos sociais, culturais, históricos e econômicos nos quais se insere o conteúdo analisado. Steffen, Henriques e Lisboa Filho (2020) apontam que

[...] tal metodologia insere os meios de comunicação em um contexto mais amplo, para além de si mesmos, incorporados na complexidade da cultura vivida do período em que foram produzidos, mostrando que o meio cultural em que se encontram é um campo de conflito e negociação de formações sociais de poder atravessado por tensões políticas, históricas, econômicas, sociais, entre outros. (STEFFEN; HENRIQUES; LISBOA FILHO, 2020, p. 27)

Dessa forma, a análise cultural nos permite refletir sobre o Jornal Nacional como um produto cultural que reforça, reproduz ou até mesmo contribui para a desconstrução de discursos dominantes que circulam no tempo e espaço em que ele se localiza. Esse tipo de análise nos auxilia a compreender o que não é dito de maneira direta, de forma a revelar interesses e tensões com raízes mais profundas, que ultrapassam a natureza do produto midiático.

É importante considerar que a forma como o sujeito velho é mostrado e o perfil que se constrói do velho nos conteúdos analisados é também um movimento de reprodução e reafirmação do que está colocado socialmente, de forma que a análise cultural nos faz reconhecer como esses discursos são construídos em um telejornal que não está imerso em uma bolha deslocada da realidade e do que reflete na sociedade, mas faz parte dela, reproduz e legitima discursos.

4.4.1 Estudos Culturais

Os Estudos Culturais é um campo de estudo pautado por uma ideia de interdisciplinaridade, de forma que não se configura como uma disciplina isolada, mas envolve diferentes áreas que buscam produzir conhecimento com base nas relações entre a cultura e a sociedade. A cultura é concebida como um local que reúne diferenças e lutas sociais, de forma a abandonar a visão tradicional e elitista de cultura e direcionar seu foco aos produtos culturais massivos, populares, e as práticas cotidianas, antes desprezados (CORRÊA, 2016; ESCOSTEGUY, 2008; STEFFEN, 2016). Ao relacionar os Estudos Culturais com a televisão, Steffen (2016) reforça o lugar de inserção da televisão no complexo das relações sociais, de forma que

Ela corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. A televisão deve ser vista a partir não só de sua dimensão tecnológica, mas também através de sua dimensão cultural, focando nos processos históricos e sociais que contribuem para a construção deste meio enquanto prática cultural. (STEFFEN, 2016, p. 31)

As bases dos estudos culturais surgiram ao final dos anos 1950, com as produções *The uses of literacy* (1957), de Richard Hoggart, que mescla uma autobiografia e a história cultural do século XX; *Culture and society* (1958), de Raymond Williams, que discute a trajetória do conceito de cultura e traz uma concepção de cultura comum ou ordinária, representando os modos de vida; *The making of the english working-class* (1963), de E. P. Thompson, como uma reconstrução de parte da história inglesa (ESCOSTEGUY, 1998).

Em contraposição ao marxismo clássico, que concebe a sociedade substancialmente a partir de processos econômicos, os Estudos Culturais atribuem à cultura mais autonomia, de forma que “ela não é dependente e nem é reflexo das relações econômicas, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 90).

Dessa forma, a cultura não se configura como um reflexo da base econômica, mas como uma força em constante relação e tensionamento com outras forças, como economia e política, que compõem a sociedade. Os Estudos Culturais concebem a cultura a partir de um contexto histórico e social, entendendo-a como algo comum e ordinário.

No presente trabalho, interessa-nos, principalmente, as contribuições de Raymond Williams (1921-1988), um dos fundadores dos Estudos Culturais, especialmente os conceitos de cultura e estrutura de sentimento, que foram potentes norteadores para a análise cultural desta pesquisa e a identificação da forma como o sujeito velho é apresentado pelo Jornal Nacional do contexto da pandemia da Covid-19 no período analisado.

Ao discutir sobre a trajetória do conceito de cultura, Williams (1992) defende que

Podemos distinguir uma gama de significados, desde (i) *um estado mental desenvolvido* - como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) *os processos de desenvolvimento* - como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até (iii) *os meios desses processos* como em cultura considerada como “as artes” e “o trabalho intelectual do homem”. Em nossa época, (iii) é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele consiste, muitas vezes, desconfortavelmente, com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum grupo social. (WILLIAMS, 1992, p. 11, grifos do autor)

Ao deslocar o conceito para as práticas e o todo social, os Estudos Culturais buscam considerar na cultura os rituais da vida cotidiana como constituintes das formas da cultura, outrora limitada a artefatos e artes. Nesse sentido, Escosteguy (2008, p. 4) observa que “a extensão do significado de cultura - de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos - propiciou considerar em foco toda produção de sentido”.

Ao refletir sobre as práticas e o processo cultural, Williams (1979) defende a existência

no sistema cultural do que ele define como características dominantes, residuais e emergentes. Por caráter dominante, Williams se refere ao espaço de práticas sociais reconhecidas e aceitas em determinada cultura por grande parte da sociedade.

A ideia de dominante proposta por Williams tem uma relação direta e mesmo corresponde aos ideais hegemônicos de uma sociedade, sendo estes concebidos por ele como um conjunto de práticas, expectativas, valores e significados a partir dos quais os sujeitos constroem compreensões sobre si e sobre o mundo.

Dessa forma, Williams percebe a hegemonia como constituinte de um sentido de realidade aceito pela maioria das pessoas de uma sociedade; uma espécie de “[...] sentido absoluto por se tratar de uma realidade vivida além da qual se torna muito difícil para a maioria dos membros da sociedade mover-se, e que abrange muitas áreas de suas vidas” (WILLIAMS, 1992, p. 53). No contexto desta pesquisa, percebe-se a hegemonia de um discurso contra o velho ao identificarmos os estigmas que são colocados sobre esse sujeito em uma sociedade capitalista e de culto à juventude.

Ademais, podemos constatar essa mesma lógica de realidade vivida e aceita a partir das análises desta pesquisa, na qual se constata a referência ao sujeito velho como único alvo da Covid-19, de forma que os dados que relacionam esse público com o perfil de vítimas da doença é majoritariamente reforçado em comparação a outros sujeitos que integram o grupo de risco, estando esse ato em consonância com os discursos de vulnerabilidade e dependência em diversas esferas da vida, os quais são colocados com frequência sobre o sujeito velho.

Williams (1992) enfatiza ainda que apesar de possibilitar uma visão social dominante, as estruturas internas da hegemonia são complexas e necessitam constantemente ser renovadas e recriadas, assim como, por sua complexidade, são desafiadas e também defendidas. A complexidade das estruturas hegemônicas reflete nas ideias dominantes como espaços dinâmicos de tensão, resistência e conciliação ao compartilhar lugar com práticas sociais e culturais residuais e emergentes.

Nesse sentido, o residual corresponde a tudo aquilo que, formado no passado, ainda possui resquícios ativos no processo cultural do presente, ou seja, são experiências, valores e significados que são praticados residualmente, coexistindo com o dominante. Williams distingue que o residual pode ter uma relação de alternativa ou mesmo de oposição à cultura dominante à qual foi incorporado (WILLIAMS, 1979).

O emergente, por sua vez, refere-se a novos significados, valores e práticas que são criados continuamente na dinâmica social, de maneira dinâmica e processual, resultando em novas formas ou adaptações do dominante. Williams aponta para a complexidade em se

distinguir entre o que corresponde a uma “fase nova da cultura dominante (e, nesse sentido, “específico da espécie”) e os que lhe são substancialmente alternativos ou opostos: emergente no sentido rigoroso, e não simplesmente novo” (WILLIAMS, 1979, p. 126). Ao trazer novos valores e ideias que podem ser antagônicas às práticas dominantes existentes, o emergente pode promover um tensionamento com as práticas residuais e dominantes instauradas.

Tal concepção nos interessa especialmente por nos permitir refletir se os discursos que refletem e ao mesmo tempo reforçam os estigmas sobre o velho somente reproduzem discursos dominantes e residuais ou se, no contexto desta pesquisa, a imagem desse sujeito, em algum momento, ganha novas abordagens que vão de encontro ao que está colocado nos estigmas, de forma a abrir espaços de disputa e reflexão a partir de ideias emergentes.

Interconectado aos conceitos de dominante, residual e emergente, Williams (1979) configura o termo estruturas de sentimento, em que o termo sentimento corresponde às visões de mundo ou ideologias vigentes e predominantes, produzidas por grupos influentes, em uma sociedade em determinado tempo e espaço

As estruturas de sentimento podem ser definidas como experiências sociais em solução, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata. Nem toda a arte, porém, se relaciona com uma estrutura contemporânea de sentimentos. (WILLIAMS, 1979, p. 136)

Williams (1979) acrescenta que essas estruturas correspondem à cultura de um certo período no que tange ao resultado dos elementos da organização geral de uma sociedade, concatenando elementos das práticas diárias dos modos como determinada sociedade vive à produção das artes. É importante destacar que, embora a estrutura de sentimentos corresponda ao caráter dominante, sua manifestação é percebida principalmente nos grupos dominantes que a produzem, mas também está presente e pode influenciar a sociedade como um todo.

Quando deslocados para esta pesquisa, os Estudos Culturais apresentam uma importante contribuição ao nos conduzir a uma análise cultural que nos permite interpretar como o Jornal Nacional produz discursos sobre o velho na pandemia do novo Coronavírus. Os conceitos de características dominantes, residuais e emergentes nos possibilitam identificar se os discursos produzidos e veiculados no Jornal contribuem para a desconstrução de estigmas colocados sobre o velho, de forma a adotarem um posicionamento mais emergente, ou se reproduzem estruturas de sentimento e características dominantes, ao reforçarem estigmas que circulam como naturais e discursos hegemônicos por diversos espaços sociais da sociedade capitalista.

Como contribuição à análise cultural atrelada aos Estudos Culturais, Williams (2003) destaca três categorias gerais que definem a cultura. A primeira, tida como “ideal”, refere-se à cultura como um estado ou processo de perfeição humana e concebe a análise de cultura como o descobrimento e descrição dos valores que compõem uma ordem atemporal. A segunda, referida como “documental”, concebe a cultura como a massa de obras intelectuais que registram o pensamento e a experiência humana. Nesse sentido, a análise da cultura configura-se como uma atividade crítica que, além de avaliar obras específicas, as relaciona com as tradições e sociedades nas quais foram concebidas. A terceira, por sua vez, propõe uma definição “social”, na qual a cultura configura-se como um modo determinado de vida, cuja expressão de seus significados e valores se expressam, para além da arte, também em instituições e comportamentos ordinários.

Dessa forma, a análise cultural inclui, além do que já foi mencionado nas outras categorias, a análise de outros elementos do modo de vida, como a organização da produção, estrutura familiar, “a estrutura das instituições que expressam ou governam as relações sociais, as formas características por meio das quais se comunicam os membros da sociedade” (WILLIAMS, 2003, p. 51-52, tradução nossa). A partir disso, faz-se importante observar, nesta pesquisa, como as ideias dominantes influenciam as práticas sociais.

Desse modo, a análise cultural, a partir dos Estudos Culturais, configura-se como um método que nos permite realizar investigações interdisciplinares a partir dos modos como os sujeitos concebem suas experiências e vivências por meio das práticas cotidianas. Além disso, a partir dela é possível pensarmos como a mídia constrói relações com os sujeitos, produz e reproduz discursos do contexto cultural e social em que se insere.

5 ANÁLISE

O processo de análise desta pesquisa foi realizado a partir de duas etapas. A primeira corresponde ao procedimento de aproximação ao reconhecimento do campo, a partir do qual deu-se a escolha dos conteúdos e descrição das categorias, e aspectos técnicos da produção do Jornal Nacional, conforme se sucederá neste capítulo. Esta etapa também considerou os apontamentos de Loizos e Gaskell (2002) e Rose e Gaskell (2002) no tocante à análise de conteúdo audiovisual, de forma que o conteúdo analisado foi transcrito em tabelas de duas colunas, com a transcrição dos áudios e imagens dos trechos do conteúdo analisado, que possuem relação com o propósito desta pesquisa.

A segunda etapa, que corresponde à análise cultural, ocupou-se de analisar os discursos construídos pelo Jornal Nacional, por meio da codificação do *corpus*, de forma a relacioná-los com o conceito de estigma de Goffman (2004) e os Estudos Culturais, com enfoque para os conceitos de Raymond Williams de estruturas de sentimento (1979) e práticas sociais dominantes, residuais e emergentes (1979).

5.1 Procedimento de aproximação do reconhecimento do campo

Nesta etapa, fazemos a descrição conteúdo, a partir das categorias: 1) a construção da relação entre a Covid-19 e o sujeito velho; 2) prevenção e cuidado; 3) negligência; 4) punição; 5) diversidade de perfis e histórias de vítimas e infectados; 6) aspectos técnicos do Jornal Nacional.

Foram analisados, quantitativamente, 29 conteúdos, sendo 20 reportagens, cinco boletins, três notas e um pronunciamento. Identificamos, nessa amostra, 63 fontes jornalísticas divididas entre pessoas, instituições voltadas para a área da saúde e pesquisas que foram citadas. A partir disso, encontramos os seguintes resultados:

- 19% eram representantes do poder público a nível municipal, estadual ou federal;
- 28,6% eram profissionais representantes de organizações voltadas para a saúde ou declarações dessas organizações emitidas por meio de notas;
- 14,3% eram médicos e pesquisadores da saúde;
- 7,93% eram pesquisas sobre a Covid-19;
- 20,7% eram pessoas comuns com menos de sessenta anos;

- 6,3% eram pessoas que aparentavam ter mais de 60 anos, mas não foi possível afirmar com plena certeza;
- 3,2% eram sujeitos velhos comuns, aqueles que não ocupam nenhuma posição de poder.

5.1.1 Construindo um perfil: a relação entre a Covid-19 e o sujeito velho

A relação entre a Covid-19 e a velhice apareceu, pela primeira vez, no Jornal Nacional no dia 31 de janeiro, na reportagem *Metade dos infectados com novo Coronavírus tem mais de 60 anos, diz estudo*²⁶. Apesar do título, a reportagem se iniciava com a informação de que 23 países registraram casos de Coronavírus, relatava as medidas de saúde pública adotadas pelos Estados Unidos e outros países, e reforçava as orientações de prevenção pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Não houve entrevistados, apenas a exibição da fala de representantes de alguns países em tribuna e a divulgação dos dados de dois estudos que faziam alguma relação entre as vítimas de Covid-19 e a idade.

A primeira pesquisa citada foi publicada pela revista médica *The Lancet*, que a partir do estudo sobre 99 pacientes tratados em Wuhan com a doença, apontava para o fato de os dois primeiros pacientes que morreram terem sido dois homens com idade de 61 e 69 anos, ambos aparentemente saudáveis, porém fumantes com pulmões enfraquecidos. A informação sobre a idade dos homens apareceu a partir do tempo 2'34", ou seja, quando já se havia corrido mais da metade da reportagem, que tem 4'12" de duração.

O segundo estudo, realizado pelo *New England Journal of Medicine* com os primeiros 425 infectados, revelou que praticamente a metade dos pacientes tinha 60 anos ou mais. Essa informação, que dá título à reportagem, só aparece aos 3', e ressaltava que nenhum dos infectados tinha menos de 15 anos, de forma a apresentar a hipótese de que as crianças seriam menos propensas a contrair Coronavírus ou quando infectadas apresentavam sintomas mais amenos (subentende-se que os sintomas são mais amenos que nos sujeitos velhos, já que a imagem deles foi utilizada para ilustrar essa informação).

As imagens abaixo referem-se a todos os momentos em que aparece a imagem dos sujeitos considerados velhos ou alguma outra informação visual sobre esse público. Observou-se que, de todas as imagens da reportagem que exibiam pessoas na condição de pacientes, todos

²⁶ Metade dos infectados com novo coronavírus tem mais de 60 anos, diz estudo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 1 maio 2020.

eram velhos, com exceção da figura 6, na qual a mulher era jovem, apesar de estar em um ambiente hospitalar, aparentemente em uma consulta para algum diagnóstico.

Também percebeu-se uma diferença entre o enquadramento de imagens com crianças e com sujeitos velhos. No primeiro caso (figura 4), o sujeito foi enquadrado em um plano geral, no segundo (figuras 2 e 5), em plano médio, dando mais destaque ao sujeito. Esses enquadramentos reforçaram a ideia de que o foco da reportagem, assim como o da doença, eram os velhos. Imagem que foi reforçada também na figura 2, em que o jovem estava em pé, em uma posição que remetia à independência e cuidado para com o paciente, um velho que se encontrava deitado, passivo, frágil. Da mesma forma, o jovem na beira da cama manuseava o celular tranquilamente (figura 4), o que reforçava a ideia de que a juventude não precisa se preocupar, pois, conforme os dados dos estudos e os contrastes entre as imagens de sujeitos tidos como velhos e jovens, deu-se conta de que a Covid-19 é uma doença que infecta, em sua maioria, velhos, que são internados. Ou seja, o lugar do sujeito velho nesse contexto pandêmico é o hospital.

Figura 1 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020²⁷.

Figura 2 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020²⁸.

Figura 3 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020²⁹.

Figura 4 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020³⁰.

²⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

²⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

²⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

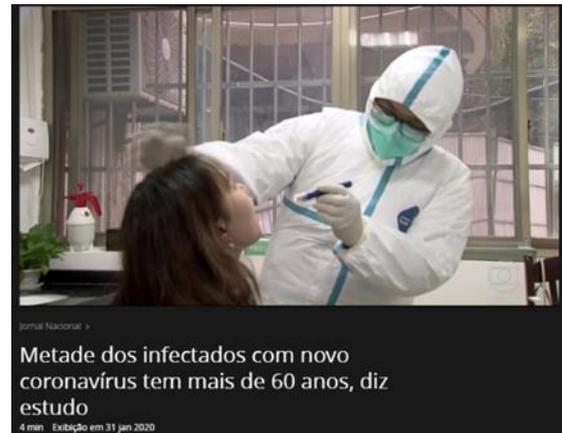
³⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

Figura 5 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020³¹.

Figura 6 – Perfil dos infectados pela Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020³².

O primeiro caso brasileiro de Coronavírus foi noticiado no dia 25/02, mas só seria confirmado no dia seguinte. Intitulada *Exame preliminar identifica primeiro caso do novo Coronavírus no Brasil*³³, a reportagem tinha duração de sete minutos e foi iniciada com a informação de que quatro idosos (esse é o termo utilizado na reportagem) haviam morrido naquele dia na Itália, e acrescentava que já eram 11 no total.

A matéria aborda como a Covid-19 se espalhou e como tem sido o isolamento no país italiano e em outros países do mundo. A imagem que remete a uma pessoa velha só foi exibida uma única vez (figura 7), em que o sujeito, que foi tratado como “este britânico”, falava sobre sua condição de turista que estava isolado no hotel em que estava hospedado, assim como os outros hóspedes do local, como medida de prevenção ao contágio do novo Coronavírus.

³¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

³² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 2 maio 2020.

³³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 2 maio 2020.

Figura 7 – Exame preliminar identifica primeiro caso do novo Coronavírus no Brasil



Fonte: Globoplay, 2020³⁴.

Percebeu-se que o papel do britânico na reportagem foi, principalmente, representar os turistas. Mas um fato curioso era que, diferente das outras fontes da reportagem, ele não foi identificado.

As informações sobre a possibilidade do primeiro caso de Covid-19 no Brasil surgiram somente a partir dos 3'46'' da reportagem, com a informação de que um homem de 61 anos, residente em São Paulo e que esteve recentemente na Itália, havia testado positivo para a doença em um exame preliminar. A confirmação viria com uma contraprova do primeiro exame. A notícia foi dada pelos apresentadores na bancada do Jornal Nacional e por um correspondente de Brasília, ao vivo.

Observou-se que, em menos de dois minutos, a idade do homem foi mencionada na matéria por três vezes. Compreende-se que, no jornalismo brasileiro, é comum a divulgação da idade da fonte ou do sujeito sobre o qual uma reportagem fala, soma-se a isso o fato de que, nesse caso, poucas eram as informações sobre o homem suspeito de ser o primeiro caso de infecção por Covid-19 no país. No entanto, em determinado momento, foi dito na matéria que o suspeito havia ido à Itália a trabalho. Logo, referir-se a ele por sua profissão, e não apenas por sua idade e gênero, foi uma possibilidade não explorada, sendo que uma hipótese para a não ocorrência desse fato é a intenção do discurso em destacar a idade ou de, subjetivamente, recusar a ideia de que um sujeito com mais de sessenta anos ainda está ativo no mundo laboral.

³⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 2 maio 2020.

Aliado a isso, deve-se considerar a informação inicial de que quatro idosos morreram na Itália em um dia, totalizando 11, juntamente aos destaques da idade do suspeito velho.

Com teor educativo, a reportagem *Veja as recomendações para evitar o contágio pelo novo Coronavírus*³⁵ comparava a Covid-19 a outras síndromes respiratórias, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) e a Síndrome Respiratória do Médio Oriente (MERS).

A partir dos 48', a reportagem afirmava que o novo Coronavírus se espalhava mais rapidamente do que a MERS e a SARS, mas “mata muito menos: em torno de 2%”. A maior parte dessa sonora foi ilustrada pela imagem com atributos de um sujeito considerado velho internado (figura 8), o que contribuiu para o entendimento sobre quem morre: o sujeito velho. Nesse mesmo momento, outra imagem que apareceu foi a de um paciente (figura 9), em que não foi possível identificar se tratava-se de uma pessoa velha.

Figura 8 – Recomendações para evitar Coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020³⁶.

Figura 9 – Recomendações para evitar Coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020³⁷.

A partir do 1'30'', a imagem de velhos apareceu novamente (figura 10) para ilustrar a afirmação da sonora do infectologista Jean Gorinchteyn de que “os idosos contemplam um maior número de casos ou pessoas que já têm um problema na sua saúde, problemas cardíacos, pulmonares ou diabetes”. Percebeu-se que, na fala do profissional, uma autoridade no assunto, os velhos eram o principal alvo da doença pertencente ao grupo de risco que foi destacado, tanto na imagem, assim como na ordem em que aparecem na declaração.

³⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

³⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

³⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

Figura 10 – Recomendações para evitar coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020³⁸.

Figura 11 – Recomendações para evitar coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020³⁹.

O fato da construção da imagem do sujeito velho como uma espécie de representante oficial das vítimas de Covid-19 pode estar ligado também à facilidade de identificação visual desse grupo nas imagens veiculadas pelo telejornal, visto que identificar um sujeito velho, apesar da diversidade desse grupo, como já discutimos em capítulos anteriores, é mais fácil a partir de atributos físicos do que identificar pessoas com problemas cardíacos, pulmonares ou diabetes. Nesse sentido, se os diferentes sujeitos do grupo de risco da Covid-19 sofressem estigmas, na perspectiva de Goffman (2004), os velhos seriam do grupo desacreditados, e os outros, cujos problemas de saúde não estão estampados em suas faces, seriam os desacreditáveis.

Aos 1'44'', o repórter afirmou: “Mas não é todo mundo que precisa procurar atendimento”, informando que a procura deveria ser feita somente em casos de sintomas mais graves. No momento em que a sonora informa que “não é todo mundo”, a imagem utilizada na reportagem foi, aparentemente, a de um velho acamado (figura 11), permitindo-nos a interpretação de que também não era todo mundo que seria atingido pela doença, mas em especial os sujeitos velhos.

Observa-se que, nas imagens com pacientes (figuras 8, 9 e 11), o sujeito velho foi mais destacado (figuras 8 e 11), em plano médio, do que na imagem (figura 9) em que não foi possível identificar com clareza se o paciente possuía atributos físicos a partir dos quais a sociedade o considera velho.

³⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

³⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

Na reportagem *Exames de três parentes do paciente de SP infectados pelo Coronavírus dão negativo*⁴⁰ (28/02), por sua vez, autoridades do poder público falavam sobre pessoas que estiveram em contato com o empresário que foi o primeiro caso de Covid-19 no Brasil e eram suspeitas de também terem contraído a doença, mas não foi feita nenhuma menção à idade delas.

A idade do paciente, 61 anos, foi mencionada em uma das ocasiões para dizer que “46 pessoas tiveram contato com o empresário de 61 anos” (24”-28”), assim como estava presente na descrição do vídeo. Apesar de a idade ser uma informação comum em diversas reportagens, outra característica poderia ter substituído a idade, como a adoção do termo “empresário paulista”, por exemplo, ou “empresário residente em São Paulo”.

Considerando que já havia sido veiculada outra reportagem⁴¹ sobre o caso, é possível fazer ao menos três suposições: 1) a idade seria destacada por falta de outras características; 2) a idade seria destacada para reforçar a ideia que já estava em construção, de que os infectados e o grupo de risco era, principalmente, o de pessoas acima de 60 anos; 3) usou-se o termo empresário de 61 anos porque essa referência já havia sido feita na reportagem anterior, sendo uma maneira de o público identificar, três dias depois, com mais facilidade, a quem a reportagem se referia.

Posteriormente, no mesmo conteúdo, uma das fontes entrevistadas foi Dona Lucimara (figuras 12 e 13), que estava preocupada com a viagem do filho, a trabalho, para a China. Após essa situação, foi veiculada a entrevista com a infectologista Nancy Belly, que afirmava que pessoas que não eram do grupo risco não precisavam se preocupar. Posteriormente, foi divulgada uma tabela utilizada como referência no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, que mostrava que o grau de letalidade do novo Coronavírus no mundo aumentava conforme maior era a idade da pessoa, sendo que, acima de 80 anos, o grau disparava para 14,8% (figura 14).

⁴⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 2 maio 2020.

⁴¹ Exame preliminar identifica primeiro caso do novo coronavírus no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 2 maio 2020.

Figura 12 – Exames de pacientes dão negativo



Fonte: Globoplay, 2020⁴².

Figura 13 - Exames de pacientes dão negativo



Fonte: Globoplay, 2020⁴³.

Figura 14 – Exames de pacientes dão negativo



Fonte: Globoplay, 2020⁴⁴.

Figura 15 - Exames de pacientes dão negativo



Fonte: Globoplay, 2020⁴⁵.

Observou-se que a sequência da narrativa parte de Dona Lucimara, que aparentava ter cerca de 60 anos, para a menção da infectologista sobre o grupo de risco, e, posteriormente, para a tabela de letalidade por faixa etária. Essa sequência de informações permitiu ao telespectador a mensagem de que Dona Lucimara deveria se preocupar menos com o filho e mais consigo mesma.

No intervalo entre 2 '19"- 2' 22", a reportagem reforçou que “a atenção é com os mais velhos, mas sem pânico”. A imagem exibida nesse momento era a de duas mulheres velhas, que mesmo estando de costas, aparentavam ter idade superior a 60 anos (figura 15). Até esse

⁴² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 1 maio 2020.

⁴³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 1 maio 2020.

⁴⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 1 maio 2020.

⁴⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 1 maio 2020.

momento, percebeu-se que a imagem do sujeito velho era a principal elencada pelo JN, a fim de falar sobre o grupo de risco para o novo Coronavírus. Uma pergunta também se fez possível: quem era esse velho? A tabela com o grau de letalidade por idade (figura 14) foi um primeiro passo de indicação do perfil desse sujeito.

No mês de março, cinco reportagens e dois boletins reforçaram o perfil dos velhos como mais vulneráveis ao óbito em caso de contágio pela Covid-19. Essa ideia pôde ser observada pela informação de que esse público fazia parte do grupo de risco⁴⁶ e também pela divulgação constante da idade das vítimas que faleceram, fato que é normal no jornalismo, mas, nesse caso, reforçou o discurso sobre a vulnerabilidade dessas pessoas.

Uma das reportagens, intitulada *Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo Coronavírus*⁴⁷, exibida no dia 12 de março, abordava o fato de órgãos como coração, pulmão, bem como o sistema imunológico ficarem mais fracos conforme as pessoas envelhecem.

Logo no início da reportagem, foi relatado que, conforme envelhecemos, “a defesa do organismo também perde força” (10’’-16’’). Esse trecho foi ilustrado com a figura 16, que reforçava o que foi dito a partir de dois fatos principais: na cena, a velha está se alimentando de uma sopa, uma alimentação cuja uma das funções é servir a quem está fraco ou doente. A outra ação, em sentido mais técnico, é o enquadramento da câmera, um primeiro plano com leve *plongée*, sendo este um enquadramento de comum utilização quando a intenção é passar a ideia de vulnerabilidade do objeto principal enquadrado na câmera.

⁴⁶ Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395321/>. Acesso em: 2 maio 2020.

⁴⁷ Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

Figura 16 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁴⁸.

Em continuidade à reportagem, o infectologista David Uip reforçou que são raros os casos de doenças graves abaixo dos 50 anos e que, como o sistema imunológico é mais fraco na velhice, a pessoa infectada nessa fase da vida poderia não apresentar, por exemplo, a febre, que é um dos sintomas da Covid-19. Outros sinais, de acordo com David, eram: comportamento mais quieto, irritabilidade ou dizer coisas consideradas sem sentido.

O infectologista Jamal Suleiman, por sua vez, reafirmou a necessidade de se intensificar os cuidados com esse público, visto que quanto mais cedo a doença é identificada, maior a chance de sobrevida. Além disso, foi exibida uma pesquisa com a taxa de letalidade por faixa etária (figura 17).

⁴⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 1 maio 2020.

Figura 17 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁴⁹.

Figura 18 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵⁰.

Apesar de centralizar a necessidade de cuidado para com o sujeito velho, a reportagem também abordou que, além desse público, pessoas com doenças crônicas ou imunidade baixa por conta da quimioterapia, por exemplo, também são mais vulneráveis. A cena que ilustrou essa parte do áudio (figura 18) era a de uma multidão, sendo a pessoa do primeiro plano desfocada, reforçando nossa percepção de que um dos motivos que levou o JN a centralizar o grupo de risco na imagem dos sujeitos velhos foi o fato desse grupo ser facilmente reconhecido quando se trata da veiculação de suas imagens, de forma a distanciar o público de risco de qualquer outra imagem que não seja a do sujeito velho.

Percebeu-se, ainda, que as que retratam os sujeitos velhos foram enquadradas em plano detalhe (figura 19), enquadramento que teve como uma das intenções reforçar ou mesmo dramatizar algo em primeiro plano, de forma a se destacar o que realmente precisa chamar atenção - a imagem do sujeito velho; em principalmente em plano médio, de forma a mostrar a interação do sujeito velho com o espaço em que ele se encontra: a rua, o lugar onde, teoricamente, ele não deveria estar (figuras 20, 21, 22 e 23).

⁴⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 1 maio 2020.

⁵⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 1 maio 2020.

Figura 19 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵¹.

Figura 20 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵².

Figura 21 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵³.

Figura 22 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵⁴.

⁵¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁵² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁵³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁵⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

Figura 23 – Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável



Fonte: Globoplay, 2020⁵⁵.

Durante a reportagem, recomendou-se que os sujeitos velhos diminuíssem o contato com outras pessoas, em especial, com crianças, como os netos. Nesse sentido, trazemos os resultados de uma pesquisa que não foi veiculada na reportagem, realizada pelo SESC São Paulo em parceria com a Fundação Perseu Abramo, a qual teve como foco 234 municípios distribuídos nas cinco macrorregiões do país (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste), em 2020.

O resultado de 4144 entrevistas demonstrou que, em média, em 26% dos casos, o sujeito velho e os netos residiam na mesma casa. Ainda de acordo com a pesquisa, 13% dos sujeitos velhos criavam os netos que moravam com eles, 7% cuidavam dos netos parte do dia e 3% cuidavam dos netos em período integral, mas estes não residiam com o sujeito velho (SESC SÃO PAULO, 2020). Dessa forma, a recomendação de que sujeitos velhos diminuam o contato com seus netos é uma ação que pode ser dificultada em situações como as apresentadas na pesquisa.

Além disso, no último trecho em que a reportagem se refere aos sujeitos velhos, o infectologista Suleimann indicou que caso haja sintomas, o velho deveria procurar o médico que acompanhava sua saúde. Nesse sentido, apontamos para dados de uma pesquisa de 2018, encomendada pelo Conselho Federal de Medicina, sobre a opinião dos brasileiros sobre o atendimento público na área da Saúde. Foram realizadas 2087 entrevistas com pessoas acima de 16 anos, em todo o território nacional, em que 20% da amostra corresponde a pessoas com mais de 60 anos. Os resultados do estudo mostraram que:

⁵⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

- No que diz respeito à facilidade de acesso aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), 74% responderam ser difícil ou muito difícil a consulta com médicos especialistas. Do público com mais de 60 anos, 63% responderam da mesma forma;
- Sobre as consultas com médicos em postos de saúde, 53% acharam difícil ou muito difícil. No público entrevistado com mais de 60 anos, 47% compartilhavam dessa mesma percepção;
- 55% dos entrevistados achavam péssimo ou ruim o tempo de espera para fazer uma consulta. No público com mais de 60 anos, o percentual de entrevistados com essa opinião é de 48%;
- A expectativa de atendimento e tempo de espera era de mais de um mês a seis meses para 39% dos entrevistados. Para as pessoas com mais de 60 anos, esse percentual alcançou 44%;
- A expectativa de atendimento e tempo de espera de 6 a 12 meses era de 16%; para os entrevistados acima de 60 anos, era de 15%; já a expectativa de mais de 12 meses era de 29% para o total de entrevistados e 19% para o público de 60 anos ou mais (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2018).

Em outra pesquisa, realizada pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar, em março de 2020, o número de pessoas com mais de 60 anos com planos de saúde de assistência médico-hospitalar no Brasil era de 6,6 milhões, o que correspondia a 14% do total de beneficiários da saúde suplementar e 22% da população brasileira com mais de 60 anos (INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR, 2020).

Esses dados reforçaram nossa percepção de que o JN adotou um discurso que destaca a vulnerabilidade e a necessidade de prevenção do sujeito velho no contexto da pandemia. No entanto, no *corpus* desta pesquisa e no processo anterior à constituição do mesmo, durante a leitura flutuante, em nenhum momento encontramos algum conteúdo que explorasse a pluralidade de ser velho no Brasil, com apontamentos para fatores socioeconômicos e culturais que mostrassem como parte da população de velhos do país é impedida de cumprir à risca as medidas de prevenção devido a fatores socioeconômicos e como o poder público poderia intervir, de forma que os discursos das reportagens refletem a responsabilidade integral do velho e de seus familiares de se prevenirem e não serem infectados pela doença.

No que diz respeito aos óbitos da doença no país, a primeira morte por Covid-19 no Brasil ocorreu no dia 16 de março, em São Paulo. O óbito foi anunciado pelo infectologista do Centro de Contingência de SP, David Uip. Tratava-se de um homem de 62 anos, que era

também diabético e hipertenso. A vítima não havia viajado, tendo, portanto, contraído o vírus em território brasileiro. Não foram divulgadas mais informações ou imagens da vítima. Intitulada *Homem de 62 anos é primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil*⁵⁶, a reportagem traz também informações sobre o perfil dos pacientes mais vulneráveis por faixa etária (figura 24), reforçando que o índice de morte aumenta de acordo com a idade e por comorbidades (figura 25), a partir de uma pesquisa realizada na China.

Figura 24 – Vulnerabilidade de vítimas por idade



Fonte: Globoplay, 2020⁵⁷.

Figura 25 – Vulnerabilidade de vítimas por comorbidade



Fonte: Globoplay, 2020⁵⁸.

Dessa forma, a partir do conteúdo que categorizamos como a construção da relação entre a Covid-19 e o sujeito velho, concluímos que o Jornal Nacional faz a associação entre esses sujeitos e a doença por meio de imagens e com enfoque nas reportagens que apontem para a vulnerabilidade desse público. No entanto, essas mesmas reportagens não são plurais, ou seja, não discutem outros perfis de sujeitos e comorbidades do grupo de risco, de forma a centralizar no velho a imagem da vítima fatal da Covid-19.

Além disso, o programa não se preocupa em colocar em discussão a diversidade socioeconômica, nem os desafios de ser velho no país, de forma que se subentende que todas as medidas preventivas, como o distanciamento dos velhos de seus netos, só dependem da decisão desses sujeitos, sem considerar situações como a impossibilidade de afastamento entre familiares por residirem na mesma casa, por exemplo. Essa ideia de total responsabilidade do

⁵⁶ Homem de 62 anos é primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8407398/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁵⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8407398/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁵⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8407398/>. Acesso em: 7 maio 2020.

velho, sem considerar a diversidade, remeteu-nos ao conceito de reprivatização do envelhecimento apontado por Debert (2003) e destacado no primeiro capítulo desta pesquisa.

5.1.1.1 Prevenção e cuidado

As pesquisas que mostravam que os sujeitos velhos são mais vulneráveis caso fossem infectados pela Covid-19 e o constante número de mortos com esse perfil levou grande parte do poder público e a mídia a adotarem uma postura de incentivo ao cuidado e à prevenção dos sujeitos velhos. Nesse sentido, encontramos nove reportagens, duas notas e um boletim, materiais estes que possuíam, entre outras fontes, infectologistas, representantes do Ministério da Saúde, juízes etc.

Ao assistirmos às reportagens, percebemos a presença de ações protetivas, como: priorização da vacina contra a gripe para pessoas acima de 60 anos e as que trabalham na saúde; recomendação do cuidado e distanciamento familiar entre sujeitos velhos e seus parentes^{59 60 61}; recomendações para o adiamento de cruzeiros marítimos, que são aglomerações que atraem com frequência sujeitos velhos, de acordo com uma das reportagens⁶³, e outras atividades de lazer^{64 65}; ênfase na necessidade do isolamento social do público vulnerável^{66 67 68 69 70}.

Outras medidas foram: autorização, pela justiça, para que o criminoso João de Deus, de 78 anos e com problemas respiratórios, cumprisse prisão domiciliar⁷¹; funcionamento especial

⁵⁹ Sobe para 34 o número de casos do novo coronavírus no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8389211/>. Acesso em: 7 maio 2020.

⁶⁰ Cidades brasileiras adotam medidas para prevenir a Covid-19.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8400506/>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁶¹ Ministro da Saúde ressalta papel do cidadão na luta contra a Covid-19.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8410930/>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁶² Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 9 maio 2020.

⁶³ Boletim JN: Ministério da Saúde lista recomendações para atrasar pico da doença no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8397717/>. Acesso em: 10 maio 2020.

⁶⁴ Boletim JN: Ministério da Saúde lista recomendações para atrasar pico da doença no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8397717/>. Acesso em: 10 maio 2020.

⁶⁵ Número de casos do novo coronavírus no Brasil passa de cem.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8398364/>. Acesso em: 10 maio 2020.

⁶⁶ Moradores de comunidades do Rio entram na luta contra o coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421055/>. Acesso em: 10 maio 2020.

⁶⁷ Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre Coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8431880/>. Acesso em: 10 maio 2020.

⁶⁸ Aumenta o número de mortos pela Covid-19 no Brasil. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/8414878/>. Acesso em: 11 maio 2020.

⁶⁹ Número de mortos pelo coronavírus no Brasil sobe para 46.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428477/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷⁰ Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷¹ João de Deus deixa o presídio onde estava desde dezembro de 2018.

do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para manter, principalmente, os sujeitos velhos longe de aglomerações; produção voluntária de álcool em gel e distribuição em instituições de longa permanência para evitar que os velhos saíssem às ruas; disponibilização de abrigos para sujeitos velhos e pessoas em vulnerabilidade social⁷².

Na reportagem *Sambódromo do Rio abre as portas para abrigar os sem-teto*⁷³, uma das primeiras imagens mostradas foi a de Antônio Fidélis da Silva, que nas palavras do repórter, “reza todos os dias para não ficar doente” (figuras 26, 27 e 28).

O guardador de carros, que estava em situação de rua e cuja idade não foi revelada, tem a aparência física de uma pessoa mais velha, no entanto, não é possível afirmar com plena convicção, pois o alcoolismo e a qualidade de vida que ele levava podem tê-lo tornado aparentemente mais velho do que ele realmente era. “Eu uso como símbolo, mas não vou dizer que isso aqui que vai me proteger” (16”), declarou ele segurando o colar de crucifixo. Antônio falou também da vulnerabilidade de estar em situação de rua: “Um dormindo colado co’outro. Vai almoçar, vai tomar banho, sem usar máscara, sem uma proteção, aí vai contaminando. Eu procuro ficar afastado” (33”), afirmou ele.

Figura 26 – Abrigo para os sem-teto



Fonte: Globoplay, 2020⁷⁴.

Figura 27 – Abrigo para os sem-teto



Fonte: Globoplay, 2020⁷⁵.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447519/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷² Sambódromo do Rio abre as portas para abrigar os sem-teto.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 28 – Abrigo para os sem-teto



Fonte: Globoplay, 2020⁷⁶.

Apesar da reportagem remeter à vulnerabilidade da população de rua no contexto da pandemia, logo no início, em que relatava o fato de um dos entrevistados rezar todos os dias para não ficar doente, pudemos perceber a presença de um discurso que remetia à fortaleza e religiosidade dos sem-teto, em um primeiro momento, não como um ser negligenciado nas políticas públicas, mas um guerreiro, forte, que luta todos os dias, guiado pela fé.

A idade de Antônio não é revelada. Logo, não é possível ter certeza de que ele é um velho, por ter mais de 60 anos. Quando relacionamos tal fato ao enquadramento em *contre-plongée* (figura 26), muito utilizado para evocar ideias de poder, dominação e controle, foi possível nos questionarmos: será que se ele fosse identificado como um sujeito velho em situação de rua, a imagem seria enquadrada dessa mesma forma? Ou será que tal enquadramento ocorreu sem a intenção de apresentá-lo como um sujeito velho e, dessa forma, mostrá-lo como alguém forte, apesar dos tantos problemas que sua condição social o deixava vulnerável? Não conseguimos afirmar, mas levantamos essas hipóteses.

Em outro momento da reportagem, o repórter afirmou que “idosos em situações vulneráveis nas favelas do Rio também ganharam a possibilidade de abrigo” (2'05") e, em seguida, falou sobre as duas mil vagas prometidas em hotéis populares pela prefeitura do Rio de Janeiro, sendo que não ficou nítido se todas as vagas eram específicas para esse público.

A aposentada Damiana Fernandes dos Santos (figura 29), de 63 anos, foi entrevistada durante a reportagem. Ela se sentia aliviada por poder deixar a favela do Vidigal, onde morava, e ocupar uma dessas vagas. Perguntada pelo repórter se ela estava preocupada, ela confirmou que sim, além de estar preocupada, estava também insegura. Em outro momento, ela expressou

⁷⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

seu desejo para os próximos tempos: “Tem que ter mais assim... mais carinho, mais amor [...] fraternidade. Eu espero isso, sinceramente” (2'31"), concluiu ela.

Figura 29 – Abrigo para os sem-teto



Fonte: Globoplay, 2020⁷⁷.

Tal declaração, que partiu de uma velha, colocou-nos outro questionamento para o qual não temos resposta. As palavras de Dona Damiana refletiam alguma situação de abandono que ela vivenciava por ser velha? Ou eram apenas um desejo de transformação para a humanidade? Não sabemos, assim como não foram revelados mais dados sobre ela, com quem vivia e minúcias de sua vida na Comunidade do Vidigal.

A nota coberta *Estudantes da Universidade Federal da Paraíba produzem álcool para abrigo de idosos*⁷⁸, de 21 de março, abordou a mobilização de professores e alunos da UFPB, juntamente com o Conselho Regional de Química, para a produção e doação de álcool em gel para instituições de longa permanência de sujeitos velhos. De acordo com a matéria, a ação ajudou a manter a recomendação para ninguém sair às ruas e nenhuma das 65 pessoas de grupo vulnerável pela idade apresentou qualquer sintoma de gripe (figuras 30 e 31).

⁷⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁷⁸ Estudantes da Universidade Federal da Paraíba produzem álcool para abrigo de idosos. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421088/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 30 – Álcool para proteger idosos



Fonte: Globoplay, 2020⁷⁹.

Figura 31 – Álcool para proteger idosos



Fonte: Globoplay, 2020⁸⁰.

Apesar de identificarmos nos conteúdos abordagens sobre prevenção e cuidado com os sujeitos velhos, somente um conteúdo foi direcionado inteiramente para esse público. Trata-se de um pronunciamento, em tom de recomendação, que os âncoras do Jornal Nacional, William Bonner e Renata Vasconcellos, fizeram a esse público. Não há nenhuma imagem veiculada durante a leitura do comunicado. Durante dois minutos, a tela exhibe apenas os apresentadores na bancada. Intitulada *Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa*⁸¹, a orientação foi ao ar na edição do dia 24 de março. O conteúdo foi transcrito abaixo, na íntegra:

Agora a gente precisa fazer um pedido para quem tem 60 anos ou mais. Se existe uma certeza da comunidade médica mundial, é que as pessoas nessa idade correm riscos maiores com o Coronavírus do que as que têm menos de 60 anos ou mais.

O problema é que ainda tem muitas pessoas nessa faixa etária andando por aí, enquanto deveria estar se protegendo dentro de casa. E isso é perigoso. Para essas pessoas, e perigoso para toda a sociedade, porque os doentes da Covid-19 tendem a precisar da internação mais frequentemente quanto mais idade eles têm.

A partir de amanhã, a prefeitura de Porto Alegre vai multar quem tiver 60 anos ou mais e estiver na rua. É multa pesada, hein? Mais de 400 reais. Pensa só no impacto que isso tem pra quem já recebe aposentadoria. É de partir o coração, claro, porque a gente sabe que mesmo os mais idosos não saem de casa pra desafiar a autoridade de saúde, né? Muitos deles fazem isso, provavelmente, porque não têm ajuda pra fazer compras, por exemplo. Porque vivem sozinhos, talvez até porque não estejam convencidos de que o perigo de fato é real. Por que os que têm 60, 60 e poucos anos, normalmente se sentem muitíssimo bem com a idade que têm, né? São pessoas

⁷⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421088/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁸⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421088/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁸¹ Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 3 maio 2020.

atuantes, ativas... só que o vírus, ele não respeita isso. A ciência mostra que ele é especialmente perigoso pra quem tem a idade biológica de 60 anos para cima. E ponto. Se você tem 60 anos ou mais, fique dentro de casa para não correr riscos. Se você tem essa idade e vive em Porto Alegre, fique dentro de casa pra proteger a sua saúde e o seu bolso também. E se você ainda não tem 60 anos e pode, fique dentro de casa. Pra se proteger, pra proteger os idosos e pra dar o exemplo. Juntos, nós vamos vencer esse vírus. (JORNAL NACIONAL, 2020 – TRANSCRIÇÃO VERBAL)

Apesar de curto, o pronunciamento, que expressa um cuidado e conscientização do seu público alvo, também aponta para algumas questões sobre como a velhice é vivenciada no Brasil: a aposentadoria para muitos é pouca, há sujeitos velhos que moram com a família, assim como casos em que a família reside com esses sujeitos, e estes sujeitos possuem uma grande contribuição de renda para filhos e netos, assim como há também os que vivem sozinhos por preferência ou outros motivos. Quando o comunicado reflete sobre como as pessoas na faixa etária de 60 anos se sentem, reforça também como a velhice é múltipla e com diferentes experiências a partir de diversos fatores, tais como idade, cultura, profissão etc.

Esse pronunciamento, feito na bancada do JN pelos apresentadores, foi o conteúdo que mais abordou a diversidade do sujeito velho na categoria *prevenção e cuidado*. As demais reportagens ressaltaram mais o que está sendo feito em alguns locais como forma de cuidado e prevenção, mas não abordaram temas como a relação entre o sujeito velho e políticas públicas que podem ser importantes para esse público, ou mesmo o debate de como a pandemia agrava desigualdades sociais para esse grupo de sujeitos, por exemplo.

5.1.1.2 Negligência

Reportagens com abordagens que denunciavam a negligência ao sujeito velho no contexto da pandemia também foram encontradas.

O tratamento negligente é representado, principalmente, pelas declarações do presidente da república, Jair Bolsonaro, que critica e até mesmo pede o fim do isolamento social⁸². O presidente defendeu que ocorresse somente o isolamento vertical, de forma que apenas a população de risco ficasse em casa, sendo esta representada por pessoas acima de 60 anos e aquelas com problemas respiratórios pré-existentes.

Apesar de defender o fim do isolamento social mesmo em uma situação de transmissão comunitária, ou seja, aquela em que não se pode mais saber a origem do contágio, o líder do

⁸² Bolsonaro contraria especialistas e autoridades e pede fim do ‘confinamento em massa’. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428514/>. Acesso: 3 maio 2020.

governo tentou minimizar o efeito de suas palavras, afirmou que as pessoas devem ter a preocupação de não transmitir o vírus para outros, como pais e avós⁸³.

Por outro lado, mesmo com as recomendações de cuidado e distanciamento familiar feitas pelo Ministério da Saúde, uma das reportagens trouxe a história de Lucas, de 26 anos, que apresentou alguns sintomas do novo Coronavírus e não foi autorizado a fazer o teste para a doença, obtendo como resposta da unidade de saúde que o exame era direcionado somente a pessoas com mais de 60 anos ou do grupo de risco devido a doenças preexistentes⁸⁴. A negligência com os velhos é constatada após ele dizer que sua preocupação maior é com a mãe, Edna, de 65 anos, diabética e hipertensa. Após a declaração do jovem, a reportagem exibiu um trecho de uma das coletivas de imprensa com o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, em que ele afirmava que o teste para o Coronavírus não era para todo mundo, mas para pessoas em estado moderado ou grave.

Apesar de não haver possibilidade de testes para todos, conforme apontou o Ministério da Saúde em uma das reportagens, o JN poderia ter abordado impasses como esse em suas reportagens, de forma a apontar formas pelas quais, muitas vezes, o cuidado com os velhos fica impossibilitado, principalmente no caso de famílias mais pobres, em que as pessoas precisam conviver em um espaço pequeno ou dividir o mesmo cômodo para dormir, por exemplo, por não terem outras alternativas.

5.1.1.3 Punição

Algumas ações punitivas, sob o pretexto de prevenção e cuidado para com os sujeitos velhos, foram encontradas, como é possível perceber a partir de medidas adotadas pelo poder público em duas cidades. Em São Bernardo do Campo (SP), pessoas com mais de 60 anos seriam levadas de volta para casa se estivessem na rua sem uma justificativa como fazer compras, ir à farmácia ou tomar a vacina contra a gripe. Em caso de insistência em permanecer fora de casa, a pessoa pagaria uma multa de R\$ 200 reais⁸⁵. Em Porto Alegre (RS), a prefeitura iria multar em mais de R\$400 reais pessoas nessa mesma faixa etária que estivessem na rua⁸⁶.

⁸³ Bolsonaro contraria especialistas e autoridades e pede fim do ‘confinamento em massa’. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428514/>. Acesso em: 2 maio 2020.

⁸⁴ Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de coronavírus, mas ainda esperam exames. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 1 maio 2020.

⁸⁵ Boletim JN: Número de pacientes graves internados com covid-19 em SP cresceu 42% em 1 dia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8434605/>. Acesso em: 3 maio 2020.

⁸⁶ Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 4 maio 2020.

Apesar das medidas possuírem um teor preventivo, foram classificadas como punitivas, visto que a multa nesses dois locais era somente para esse público, desconsiderando que muitos vivem com parentes que não estão nessa faixa etária e, mesmo com todos os cuidados, ainda assim podem contaminar os sujeitos tidos como mais vulneráveis.

Além do mais, essas medidas punitivas, sem um contraponto que poderia ter sido feito pelo Jornal Nacional, por exemplo, reforçam o estigma colocado sobre o sujeito velho que carrega fisicamente as marcas da velhice. Quem é o velho punido? Aparentemente, não são todas as pessoas que aparentam ter 60 anos ou mais, mesmo aquelas em que se é possível ter dúvidas sobre a idade fisicamente, mas principalmente aquelas em que seus atributos físicos, como rugas ou cabelos completamente brancos, denunciam a idade mais avançada.

5.1.1.4 Diversidade de perfis

Embora o sujeito velho tenha sido destacado como a vítima central em casos de contágio da Covid-19, percebemos que, no final do período de análise, essa visão passava por alterações.

Um dos fatos que apontam para esse processo é a divulgação de uma informação da OMS, que alertava que crianças e jovens também estavam entre os mortos pela doença⁸⁷. No entanto, a informação foi veiculada em um boletim com duração de 1'22", sendo o tempo de declaração sobre o fato apenas 8".

Após o registro da primeira morte pela doença no Brasil, o Ministério da Saúde traçou um perfil das vítimas da Covid-19 e apresentou a informação de que 43% dos casos graves eram de pessoas de 30 a 60 anos, com algum problema preexistente⁸⁸ (figuras 32, 33, 34, 35 e 36).

⁸⁷ Boletim JN: OMS faz alerta e diz que crianças e jovens estão entre os mortos pela Covid-19. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8403815/>. Acesso em: 3 maio 2020.

⁸⁸ Primeiro caso de coronavírus no Brasil completa um mês. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 10 maio 2020.

Figura 32 – Um mês do primeiro caso



Fonte: Globoplay, 2020⁸⁹.

Figura 33 – Um mês do primeiro caso



Fonte: Globoplay, 2020⁹⁰.

Figura 34 – Um mês do primeiro caso



Fonte: Globoplay, 2020⁹¹.

Figura 35 – Um mês do primeiro caso



Fonte: Globoplay, 2020⁹².

⁸⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁹² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 36 – Um mês do primeiro caso



Fonte: Globoplay, 2020⁹³.

Na mesma data, o JN divulgou o *Boletim JN: Ministério da Saúde anuncia 77 mortes e 2.915 casos de Coronavírus no Brasil*⁹⁴, em que, exatamente após um mês da primeira morte por Covid-19 no país, o Ministério apresentou dados sobre a doença. As informações foram divulgadas ao vivo pela repórter Camila Bomfim, que acompanhava a coletiva, minutos antes. De acordo com levantamento do MS, a cardiopatia era a condição mais frequente entre os casos confirmados e os óbitos também. Outras comorbidades relacionadas a casos e mortes e citadas na reportagem, de acordo com os dados do MS, foram: doenças hepáticas, asma, diabetes, doenças renais e obesidade.

Além disso, o boletim trouxe informações que desvincularam do velho a percepção desse sujeito como o único pertencente ao grupo de risco, discurso este predominante até aquele momento. Essa abordagem ficou explícita na declaração da repórter de que

E também nessa coletiva deixou claro que, além do grupo de idosos, de pessoas com mais de sessenta anos, há também pessoas de qualquer idade e que tenham essas comorbidades, essas doenças preexistentes, que foram registrados como casos de infectados e também mortos. Portanto, tirando esse conceito de apenas um grupo de risco de 60 anos. A gente tem um dado aqui também que há pelo menos 100 casos graves entre pessoas de trinta a cinquenta anos. (JORNAL NACIONAL, 2020 – TRANSCRIÇÃO VERBAL)

Dessa forma, percebe-se um movimento contrário à centralização da imagem do velho como uma espécie de representante oficial das vítimas da doença, assim como uma tentativa consciente e ativa de se distanciar do conceito de sujeitos velhos como único grupo de risco, conforme exposto na transcrição acima.

⁹³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8434704/>. Acesso em: 10 maio 2020.

Na mesma direção de abordar a diversidade do perfil das vítimas, duas outras reportagens dão nome e história a essas pessoas. Em *Histórias das vítimas mostram a dimensão do risco do Coronavírus*⁹⁵, exibida no dia 27 de março, é possível conhecer um pouco mais sobre algumas das tantas vítimas. Uma delas é o manobrista Antônio Brito dos Santos, de 49 anos, que morreu cinco dias depois de surgirem os primeiros sintomas (figura 37). A família acreditava que ele nunca seria infectado, visto que saía pouco de casa e tinha pouco contato com pessoas.

Figura 37 – Histórias das vítimas do Coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020⁹⁶.

Um advogado de 65 anos e com doença pré-existente também morreu três dias depois da internação. A mãe, que residia com ele, também foi contaminada e estava internada em isolamento (figura 38). O irmão do advogado falou do quão assustador foi a velocidade com que tudo aconteceu e como foi acompanhar esse processo da doença em uma pessoa tão próxima.

⁹⁵ Histórias das vítimas mostram a dimensão do risco do coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 5 maio 2020.

⁹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 38 – Histórias das vítimas do coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020⁹⁷.

A maestrina Naomi Monakata, de 64 anos, ganhou fama mundial devido a seus 20 anos à frente da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP). Ela faleceu de choque séptico após contrair Coronavírus (figura 39). Os amigos lembraram seu papel na formação de tantos músicos.

Figura 39 – Histórias das vítimas do coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020⁹⁸.

⁹⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 12 maio 2020.

⁹⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Internado em Fortaleza, o corretor de imóveis Raimundo Rebouças, de 44 anos, fala sobre a doença: “Não queiram passar por isso que estou passando e que muitos estão passando no mundo inteiro. Porque eu digo a vocês... a sensação que dá é de você morrer afogado, no seco. E não queiram saber como isso é ruim” (2'52”), declarou ele. Raimundo fez o vídeo pelo celular e, durante a gravação, comentou que estava deitado na rede porque era “um pouco alto e não cabia na cama” (2'42”). Essa informação levanta-nos a reflexão sobre qual a estrutura disponível nesses hospitais para o cuidado dos pacientes (figura 40).

Figura 40 – Histórias das vítimas do Coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020⁹⁹.

Figura 41 – Histórias das vítimas do Coronavírus



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁰.

Em casa, a jovem Roberta Alves Silva, de 27 anos, aguardava o resultado do exame, mas foi tratada como paciente de Covid-19. Com sintomas da doença, diabética e recém chegada do exterior, ela relembra o que viu no tempo que ficou internada no hospital. “Eu vi jovens também, eu vi profissionais da saúde. Eu vi uma mobilização grande de pessoas trabalhando sem parar [...]. Nunca vou esquecer o que vi. Por favor, fiquem em casa, escutem as orientações que o Ministério da Saúde tá divulgando e se cuidem pra que tudo isso termine e que as pessoas não morram mais” (3 '43”) - pediu ela emocionada e com a voz ainda fraca (figura 41).

Apesar de evidenciar que os sujeitos velhos não são as únicas vítimas da Covid-19, nota-se, a partir das fontes entrevistadas, que nenhum sobrevivente com mais de 60 anos foi tido como fonte da reportagem. Entendemos tal fato como um reforço à ideia de que a doença infecta

⁹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8438884/>. Acesso em: 12 maio 2020.

pessoas de diferentes idades, mas somente os sujeitos não-velhos voltam para contar suas histórias.

De maneira similar, a reportagem *Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de Coronavírus¹⁰¹, mas ainda esperam exames*, do dia 28 de março, abordou a situação dos familiares das vítimas. Bruna Marques perdeu a mãe, Cleide Renata, que tinha 43 anos, estava grávida de 12 semanas, era auxiliar de enfermagem e asmática. Ela faleceu seis dias após a internação e a suspeita é de que foi por Coronavírus. Enquanto os resultados dos exames da mãe não ficaram prontos, Bruna não pôde fazer o teste para saber se contraiu a doença (figuras 42 e 43).

Figura 42 – Parentes com suspeita de Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰².

Figura 43 – Parentes com suspeita de Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰³.

O jovem Rodrigo, de 26 anos, apresentou sintomas da doença, mas não foi autorizado a fazer o teste por não ter mais de 60 anos ou ser do grupo de risco. A preocupação dele era com a mãe, Edna, de 65 anos, que possuía diabetes e hipertensão. Os dois viviam juntos e uma das formas de prevenção adotada nesse cenário foi o não compartilhamento de pratos e talheres (figura 44).

¹⁰¹ Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de coronavírus, mas ainda esperam exames.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 10 maio 2020

¹⁰² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁰³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 44 – Parentes com suspeita de Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁴.

Patrícia Leite contou na reportagem que o avô, Sr. Luiz, de 93 anos, morreu após uma semana de internação:

Apesar de meu avô ser muito idoso, ele sempre foi muito forte. Ele fazia tudo sozinho. Tomava banho, cuidava das coisinhas dele, tudo sozinho. Ele teve mal estar, fraqueza e cansaço. Ele não teve tosse, falta de ar e nem febre. O que eu falo ‘pras pessoas é realmente tomar cuidado porque é sério e foi muito rápido, né?! Muito rápido e, às vezes, nem parece que foi real, assim, pra mim. (Figuras 45 e 46)

Figura 45 – Parentes com suspeita de Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁵.

Figura 46 – Parentes com suspeita de Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁶.

Entendemos que é importante falar sobre a demora dos exames de detecção da Covid-19 e velocidade em que a doença tirou vidas. No entanto, é questionável o fato de que, em

¹⁰⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

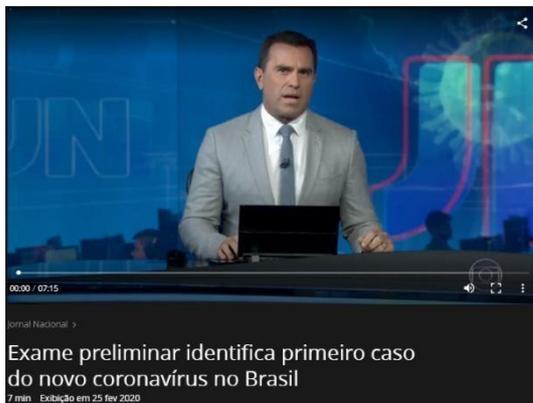
¹⁰⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

ambas as reportagens em que as histórias das vítimas foram contadas, esse espaço de escuta e de conhecer um outro que foi levado pela doença, aparentemente, só foi possível devido à abordagem de casos de óbitos e pessoas que contraíram a doença mesmo sem estarem no grupo de sujeitos velhos. Desse modo, percebe-se que as reportagens foram construídas a partir do que não é normal e esperado todos os dias: a centralização da doença na imagem do sujeito velho. Tal fato reforça a invisibilidade e a banalização do velho como vítima da Covid-19, visto que, para que suas histórias fossem contadas, foi preciso abordar também a de pessoas mais jovens.

5.1.1.5 Produção

No tocante aos aspectos de produção e técnica do Jornal Nacional que contribuem para a construção de sentidos aos telespectadores, percebeu-se a predominância do estilo de texto verbal formal durante todo o conteúdo analisado. Além do texto, a formalidade é reforçada pelo figurino dos apresentadores, os homens, sempre de terno no estúdio, e as mulheres de camisas sociais (figuras 47 e 48). Os repórteres, de terno ou traje esporte fino (figuras 49 e 50). No *corpus*, não foram identificadas muitas construções de linguagem que remetesse a interpelações, como o exercício de questionar algo ao telespectador ou se referir a ele diretamente pelo pronome *você*, com exceção de uma nota falada pelos apresentadores, intitulada: *Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa*¹⁰⁷.

Figura 47 – Apresentador com traje formal



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁸.

Figura 48 – Apresentadora com traje formal



Fonte: Globoplay, 2020¹⁰⁹.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 3 maio 2020.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 49 – Repórter com roupa social



Fonte: Globoplay, 2020¹¹⁰.

Figura 50 – Repórter com roupa formal



Fonte: Globoplay, 2020¹¹¹.

Frequentemente, as reportagens fizeram uso de verbos no infinitivo, como *evitar* e *fazer* para orientar os telespectadores sobre as formas de se prevenir contra a Covid-19, assim como a utilização do pronome indefinido *quem*, como na frase “Agora a gente precisa fazer um pedido para quem tem 60 anos ou mais”¹¹².

Dessa forma, percebeu-se que, no *corpus* analisado, os textos foram marcados por uma certa impessoalidade, a qual pode atribuir-se ao fato de o JN se configurar como um jornal de abrangência nacional, assistido por sujeitos com trajetórias, identidades, condições econômicas, sociais, culturais e localização geográfica distintas. Para contornar a situação e manter-se próximo à audiência, os textos são construídos de forma que o telespectador sinta que os apresentadores estão lhe contando uma história ou o informando algo, sensações que foram reforçadas pelo enquadramento da câmera na bancada, geralmente em plano americano (figura 51), para promover um distanciamento entre as partes, de modo a ressaltar a relação de formalidade entre elas e a autoridade do apresentador em relação ao assunto tratado. O apresentador fica centralizado no enquadramento e transmite a sensação de estar olhando diretamente para a audiência que se encontra do outro lado.

¹¹⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹¹¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8389211/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹¹² Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 3 maio 2020.

Figura 51 – Plano Americano da apresentadora na bancada



Fonte: Globoplay, 2020¹¹³.

Outro aspecto a ser destacado é a entonação: quando a intenção era frisar alguma informação ou palavra, os apresentadores adotaram um tom de voz mais firme ou falaram com mais lentidão. Esse aspecto foi muito observado no anúncio de números ou para informar algo que consideram o mais importante¹¹⁴.

A postura dos apresentadores também foi permeada por uma comunicação corporal quando o intuito era reforçar alguma informação, como o arquear das sobrancelhas, acompanhado da entonação da voz, ou o gesticular dos braços, quando a apresentadora Renata apontava para o rumo do telespectador ao dizer que especialistas fizeram uma série de recomendações “fáceis”: ao pronunciar a palavra “fáceis”, a apresentadora direcionou o braço para frente, de forma a passar a sensação de que estava sugerindo que as medidas eram simples para os telespectadores seguirem (figura 52).

¹¹³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 12 maio 2020.

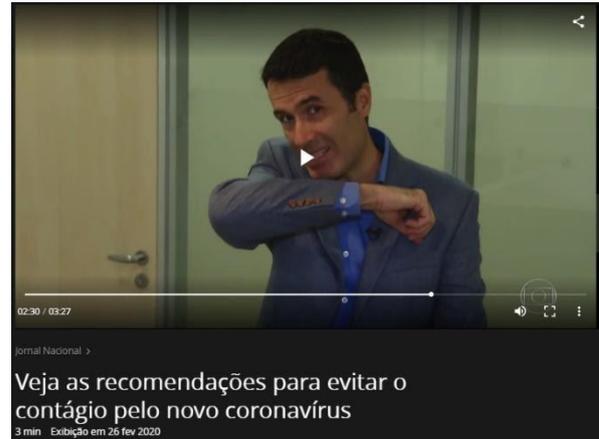
¹¹⁴ Boletim JN: Número de pacientes graves internados com covid-19 em SP cresceu 42% em 1 dia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8434605/>. Acesso em: 3 maio 2020.

Figura 52 – Apresentadora aponta para os telespectadores



Fonte: Globoplay, 2020¹¹⁵.

Figura 53 – Repórter orienta sobre Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹¹⁶.

Da mesma forma, percebe-se que os repórteres se utilizam da expressão corporal para enfatizar algo, como em uma reportagem¹¹⁷ em que se falava sobre as formas de se proteger da Covid-19. Para ilustrar uma das medidas de proteção, o repórter colocou a boca na posição do cotovelo para explicar como se deveria espirrar para evitar a transmissão de vírus e bactérias pela saliva (figura 53).

Além disso, percebeu-se que as reportagens se utilizam de um enquadramento de câmera com plano geral quando abordam um assunto de forma mais ampla ou para a transição de um plano mais fechado para outro (figura 54). Ao tratar de assuntos ou informar uma situação específica, opta-se frequentemente por utilizar um plano médio (figura 55) e, em alguns casos, o plano detalhe (figura 56).

¹¹⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

¹¹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

¹¹⁷ Veja as recomendações para evitar o contágio pelo novo coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 1 maio 2020.

Figura 54 – Plano geral de comunidade no Rio



Fonte: Globoplay, 2020¹¹⁸.

Figura 55 – Plano médio - transporte público no Rio



Fonte: Globoplay, 2020¹¹⁹.

Figura 56 – Plano detalhe



Fonte: Globoplay, 2020¹²⁰.

Figura 57 – Cenário do JN em segundo plano



Fonte: Globoplay, 2020¹²¹.

¹¹⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421055/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹¹⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421055/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹²⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹²¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 58 – Ilustração da Covid-19 em amarelo



Fonte: Globoplay, 2020¹²².

Figura 59 – Gráfico com dados



Fonte: Globoplay, 2020¹²³.

Figura 60 – Ilustrações sobre a Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹²⁴.

No momento em que as reportagens se voltam para falar sobre o sujeito velho, é comum a presença de planos mais fechados com a imagem desse público, de forma a passar a sensação de que os velhos estão na mira, não somente das câmeras do JN, mas também do Coronavírus. Dessa forma, os planos mais fechados, muito utilizados para enfatizar aspectos mais dramáticos da reportagem, são utilizados para dar ênfase sobre o drama da existência social e da vida e morte dos velhos na pandemia.

O cenário, por sua vez, foi preenchido com a redação do jornal em segundo plano, de forma a evocar as sensações de instantaneidade das informações que são divulgadas (figura 57). Quando o assunto a ser discutido era a Covid-19, o telão azul que preenche o segundo plano

¹²² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8392228/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹²³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹²⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395321/>. Acesso em: 12 maio 2020.

deu lugar a uma tela vermelha, com um mapa do mundo plano e ilustrações do novo Coronavírus em cor amarela e formato 3D em movimento, de forma chamativa a atentar para a importância do tema (figura 58).

As fontes das reportagens foram, em sua maioria, pesquisadores, autoridades e profissionais da saúde, por meio de depoimentos reproduzidos de coletivas, entrevistas em consultórios ou online. Outras fontes utilizadas foram pesquisas, comumente veiculadas com o auxílio de gráficos e ilustrações (figuras 59 e 60).

5.2 Análise Cultural

Ao fazermos a análise do conteúdo do *corpus*, uma das primeiras impressões, que se manteve até o fim da análise, é a da centralização do sujeito velho como vítima quase exclusiva da Covid-19. Embora tenhamos constatado no material analisado falas que faziam alusão a pessoas hipertensas, diabéticas e asmáticas como integrantes do grupo de risco, o direcionamento para esses perfis ocorreu de forma breve e superficial.

Além disso, em todas as falas sobre os sujeitos que constituem esse grupo, o velho é o primeiro a ser citado e, em alguns casos, o único a aparecer por meio do texto verbal e de imagens exibidas nas reportagens, principalmente em conteúdos sobre proteção e isolamento, conforme comprovam alguns trechos transcritos do *corpus* e dispostos no quadro 1:

Quadro 1 – Trechos do *corpus* que destacam o sujeito velho como vítima da Covid-19

TRECHO	FONTE	REPORTAGEM ¹²⁵	DATA DE EXIBIÇÃO
Os idosos contemplam o maior número de casos ou pessoas com problema na saúde, sejam problemas cardíacos, pulmonares, diabetes, que tendem a fazer formas graves e até mesmo fatais	Sonora do infectologista Jean Gorinchteyn	Veja as recomendações para evitar o contágio pelo novo coronavírus	26/02
A preocupação maior é com os idosos	Sonora do Secretário Executivo do Ministério da Saúde, João Gabbardo dos Reis	Sobe para 34 o número de casos do novo coronavírus no Brasil	10/03
E se ficam com os avós, quem é que a gente quer proteger? Os mais idosos	Sonora do ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta	Governo anuncia medidas após decreto de pandemia de Covid-19	11/03

Continua

¹²⁵ Os títulos dispostos como nome da reportagem referem-se ao título do conteúdo *online*.

Continuação

TRECHO	FONTE	REPORTAGEM	DATA DE EXIBIÇÃO
Os especialistas explicam que idosos e pessoas com doenças crônicas são os grupos de maior risco.	Off da reportagem	Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19	12/03
Recomenda adiar ou cancelar cruzeiros, que são grandes aglomerações com muitos idosos, que são grupo de risco.	Off do boletim a partir de recomendações do Ministério da Saúde	Boletim JN: Ministério da Saúde lista recomendações para atrasar pico da doença no Brasil	13/03
Recomenda evitar viagens, cinemas, shoppings, shows e destaca que essa medida vale especialmente para idosos e pessoas com outras doenças.	Off da reportagem a partir de recomendações do Ministério da Saúde	Número de casos do novo coronavírus no Brasil passa de cem	13/03
Atenção especial com os idosos, que têm o sistema de defesa mais frágil, eles precisam de diminuir o contato físico com outras pessoas	Off da reportagem	Cidades brasileiras adotam medidas para prevenir a Covid-19	14/03
[...] esse novo coronavírus tem uma letalidade que, como eu falei há pouco, gira em torno de 3 a 6 por cento principalmente na ideia geral. Quando nós pegamos a faixa dos pacientes com 80 anos ou mais, aí essa letalidade chega de 15 a 20%	Sonora do infectologista da Sociedade Brasileira de Infectologia, Clóvis Arns da Cunha	Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus	25/03
Pois estão colaborando para proteger as vidas dos nossos idosos que temos em nosso país. E também das crianças, jovens e adultos que neste momento estão em tratamento hematológico e oncológico, bem como aqueles que aguardam por um transplante de medula óssea ou foram recentemente transplantadas	Reprodução em off de parte da nota divulgada pela Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea	Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus	25/03

Fonte: Autoria própria.

O destaque para o velho não ocorre sem fundamento. A partir da leitura dos dados¹²⁶ disponibilizados pelo Ministério da Saúde sobre os óbitos por infecção do novo Coronavírus até o dia 25 de julho, analisados pela Revista Veja¹²⁷, o grupo de pessoas com idade entre 70 e

¹²⁶ Banco de Dados de Síndrome Respiratória Aguda Grave - incluindo dados da COVID-19. Disponível em: <https://opendatasus.saude.gov.br/dataset/bd-srag-2020/resource/d89ea107-4a2b-4bd5-8b8b-fa1caaa96550>. Acesso em: 10 jan. 2020.

¹²⁷ Coronavírus: o perfil com maior risco de morte por Covid-19. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/coronavirus-o-perfil-com-maior-risco-de-morte-por-covid-19/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

79 anos é o terceiro em internações, mas o primeiro em mortes, representando 25% dos óbitos no período. Na mesma linha, a pesquisa aponta que pessoas de 60 a 69 anos representam 23,5% das mortes. Ainda de acordo com os dados, 39% dos pacientes que não sobreviveram à Covid-19 tinham problemas cardíacos, 31% possuíam diabetes e 6,3% problemas renais. Além disso, outros dados veiculados pelo próprio JN no *corpus* analisado apontam para o perfil de pessoas acima de 60 anos como o grupo de maior risco^{128 129 130 131 132 133}.

No entanto, há pesquisas científicas que trazem outras perspectivas sobre os grupos de risco. Um estudo brasileiro, divulgado em maio de 2020 e liderado pelo epidemiologista e professor da Escola Paulista de Medicina (EPM/Unifesp) Leandro Rezende, a partir de dados de 51.770 participantes da Pesquisa Nacional de Saúde, reforça os grupos de risco para Covid-19 grave no país como composto por sujeitos velhos, sujeitos com doenças crônicas, obesos e fumantes. De acordo com o estudo, no Brasil, a proporção de pessoas no grupo de risco é de 34% (53 milhões) a 54% (86 milhões) dos adultos acima de 18 anos. Além disso, 47% dos adultos com menos de 65 anos apresentam, no mínimo, um fator de risco para o desenvolvimento de Covid-19 grave. Concluiu-se também a presença dos fatores de risco com frequência duas vezes maior em adultos com menor nível socioeconômico.

De acordo com outro estudo publicado em outubro de 2020 com dados da Pesquisa Nacional de Saúde de 2013, a idade é o principal fator de risco para comorbidades vinculadas à Covid-19. No entanto, a pesquisa também identificou o risco maior para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Os resultados apontaram que 68,7% dos brasileiros viviam com ao menos uma pessoa que faz parte do grupo de risco, sendo que, desses, 30,3% residiam com pelo menos um sujeito velho, porém os outros 38,4% moravam com pessoas que possuíam menos de 60 anos e apresentavam condições médicas preexistentes (BORGES; CRESPO, 2020).

O documento Guia de Vigilância Epidemiológica (2020), publicado pelo Ministério da Saúde em agosto de 2020, listou, além da idade, outras 12 condições e fatores de risco a serem considerados para possíveis complicações da Covid-19: tabagismo; obesidade; miocardiopatias

¹²⁸ Metade dos infectados com novo coronavírus tem mais de 60 anos, diz estudo.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8285523/>. Acesso em: 1 maio 2020.

¹²⁹ Aumenta o número de mortos pela Covid-19 no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8414878/>. Acesso em: 11 maio 2020.

¹³⁰ Exames de três parentes do paciente de SP infectado pelo coronavírus dão negativo.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8361486/>. Acesso em: 2 maio 2020.

¹³¹ Homem de 62 anos é primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8407398/>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹³² Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 7 maio 2020.

¹³³ Primeiro caso de coronavírus no Brasil completa um mês.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8435254/>. Acesso em: 10 maio 2020.

de diferentes etiologias; hipertensão arterial; pneumopatias graves ou descompensados; Imunodepressão e imunossupressão; Doenças renais crônicas em estágio avançado; diabetes; doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica; neoplasia maligna; doenças hematológicas; gestação (BRASIL, 2020).

Embora as pesquisas apresentadas na presente dissertação tenham sido publicadas após o período que constitui nosso *corpus* de análise, destaca-se que essa discussão sobre grupos de risco e mesmo a consideração de comorbidades e condições que não estavam relacionadas diretamente à velhice já eram citadas superficialmente nas reportagens do Jornal Nacional, conforme o quadro abaixo.

Quadro 2 – Trechos do *corpus* que destacam sujeitos não velhos como vítima da Covid-19

TRECHO	TIPO	REPORTAGEM	DATA DE EXIBIÇÃO
Reiteramos que todos aqueles que podem manter-se em isolamento devem fazê-lo. Pois estão colaborando para proteger as vidas dos nossos idosos que temos em nosso país. E também das crianças, jovens e adultos que neste momento estão em tratamento hematológico e oncológico, bem como aqueles que aguardam por um transplante de medula óssea ou foram recentemente transplantadas.	Trecho de nota divulgada pela Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea	Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus	25/03
E alerta: uma grande parte de nossos leitos de UTI já está sendo consumida com esses pacientes e muitos deles têm idade inferior a 60 anos.	Trecho de nota divulgada pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira	Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus	25/03
A gente tá vendo pacientes graves, sim, que não tá dentro dos grupos de risco clássicos, claro que é minoria desses pacientes, então cuidado com essa informação de que a doença não traz quadro de gravidade pra populações mais jovens, porque isso, de certa forma, desestimula que o jovem obedeça as recomendações de restrição e eles podem sim ser afetados com a doença, claro que de uma magnitude menor que os idosos, mas toda a problemática de você minimizar uma doença que é grave e que pode sim ter impacto em outras faixas etárias.	Sonora de Álvaro Furtado Costa, infectologista do Hospital das Clínicas	Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus	25/03

Continua

Continuação

TRECHO	TIPO	REPORTAGEM	DATA DE EXIBIÇÃO
Hoje, a Organização Mundial da Saúde fez um alerta e disse que crianças e jovens estão entre os mortos vítimas da nova doença.	Apresentadora Renata Vasconcelos no estúdio	Boletim JN: OMS faz alerta e diz que crianças e jovens estão entre os mortos pela Covid-19	16/03
O Ministério informou, justamente nesse balanço de um mês após o primeiro caso, que a cardiopatia é a condição mais frequente entre os casos confirmados e os óbitos também.	Entrada ao vivo de repórter	Boletim JN: Ministério da Saúde anuncia 77 mortes e 2.915 casos de coronavírus no Brasil	26/03
E listou uma série de outras doenças pré-existentes que estão sendo confirmadas em casos que são de coronavírus e também nas mortes, como por exemplo, doenças hepáticas, asma, diabetes, doenças renais e também obesidade.	Entrada ao vivo de repórter	Boletim JN: Ministério da Saúde anuncia 77 mortes e 2.915 casos de coronavírus no Brasil	26/03
E também nessa coletiva deixou claro que, além do grupo de idosos, de pessoas com mais de sessenta anos, há também pessoas de qualquer idade e que tenham essas comorbidades, essas doenças preexistentes, que foram registrados como casos de infectados e também mortos.	Entrada ao vivo de repórter	Boletim JN: Ministério da Saúde anuncia 77 mortes e 2.915 casos de coronavírus no Brasil	26/03
Seis em cada dez brasileiros que morreram de Covid-19 tinham problema de coração. Quatro em cada dez, diabetes. E um em cada quatro, problemas no pulmão.	Off de reportagem	Primeiro caso de coronavírus no Brasil completa um mês	26/03
Estudos com base em pacientes chineses no início do surto, mostra que a mortalidade é maior entre quem tem doenças crônicas. Entre as pessoas sem doenças preexistentes, só 1,4% morreram. Entre doentes cardiovasculares, 13%. Com diabetes, 9 por cento. Hipertensão, mais de oito por cento. Doenças respiratórias crônicas, oito por cento, e quase a mesma porcentagem entre os que tinham câncer.	Off de reportagem	Homem de 62 anos é primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil	17/03
Os especialistas explicam que idosos e pessoas com doenças crônicas são os grupos de maior risco.	Off de reportagem	Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19	12/03
Além dos idosos, também são mais vulneráveis pessoas com doenças crônicas ou imunidade baixa, por causa de quimioterapia, por exemplo.	Off de reportagem	Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus	12/03

Fonte: Autoria própria.

Destaca-se, ainda, que em todas as reportagens analisadas o sujeito velho era citado quando tratava-se do grupo de risco, sendo o primeiro a ser citado quando eram feitas referências aos sujeitos que constituem esse grupo. Também não foram encontradas, no intervalo de análise, nenhuma reportagem que abordasse especificamente ou com mais profundidade as comorbidades ou condições dos grupos de risco que não fossem a velhice.

A partir desses dados que reforçam o velho com a maior vítima da Covid-19 no Brasil no período analisado, é perceptível que todo o discurso sobre as vítimas pela doença foi centralizado na imagem do velho. Essa centralização dá-se nos textos das reportagens, conforme exemplos dispostos na tabela 01, assim como nas imagens que foram utilizadas no *off* das matérias. Quando referenciava-se aos grupos de risco, comumente eram colocadas imagens de pessoas com características que, culturalmente, remetem à ideia de velhice, de sujeitos velhos (figuras 10, 11, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 30, 31 e 32).

Em casos de pessoas com outras comorbidades, era comum a utilização imagética de trechos de notas, apresentadores no estúdio ou repórter, entrevistas com pesquisadores, gráficos que ilustram as informações verbais (figuras 25, 37) e imagens mais subjetivas, que não associavam esses sujeitos a uma imagem concreta ou única (figuras 18 e 62).

Figura 61 – Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19



Fonte: Globoplay, 2020¹³⁴.

Apesar de as pesquisas destacarem a idade como um dos fatores de definição do grupo de risco, a pergunta que se coloca é: por que somente o velho é utilizado como representação da vítima da Covid-19 no Jornal Nacional? É importante considerar, conforme uma das

¹³⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395321/>. Acesso em: 12 maio 2020.

reportagens destacou¹³⁵, que, com o avanço da idade, as pessoas estão mais sujeitas a comorbidades, como o desenvolvimento de hipertensão e problemas cardíacos, mas o desenvolvimento desses problemas não se limita apenas à idade. Dessa forma, observa-se que o JN centraliza seus esforços em construir um perfil único para a vítima - o dos velhos - e ignora a diversidade de sujeitos existente.

Observou-se, ainda, que o sujeito velho vítima da Covid-19 explorado no JN é uma pessoa com cabelos muito brancos, rugas na face e necessidade de locomoção, sendo necessário a utilização de bengalas (figuras 6, 13, 16 e 22). O velho é também um ser frágil e ocioso, que tem como hábitos frequentar a igreja¹³⁶, ir a cruzeiros¹³⁷ ou perambular sem rumo pelas ruas¹³⁸.

No contexto da pandemia, o velho é apresentado como um só, sem história individual, sem vivências diversas. É como um objeto comum que as famílias possuem em suas casas, igual em todos os lares. Dessa forma, a preocupação é centralizada na eliminação da doença, de modo que discussões sobre o cuidado específico ao sujeito velho e o aumento de sua suscetibilidade à violência doméstica por estarem mais tempo em casa, isolados, são discussões ignoradas pelo telejornal.

Ignora-se, ainda, que a experiência de um velho de classe média que pode contar com plano de saúde, alimentação balanceada e uma trajetória de vida ligada a um estilo de vida saudável é, de fato, diferente de um sujeito velho pobre, sem plano de saúde e cujos filhos ainda residem com ele e é necessário recorrer a atividades informais para complementar a renda (BARRETO; CARRIERI, 2020).

Dessa forma, o que se prioriza, de fato, é o recolhimento dos velhos para dentro de suas casas, como “coisas” que são recolhidas do quintal diante de uma tempestade. Ignorar o que ocorre dentro dos lares, a estrutura, o bem-estar e a saúde mental do sujeito velho é também uma forma de desumanização, em que não há preocupação com as condições de vida e dignidade desses sujeitos que, isolados em casa, já tiveram seu direito de ir e vir interrompido de forma arbitrária, diferente de outros sujeitos que também fazem parte do grupo de risco.

Além disso, o que se espera do velho no lar, assim como na sociedade capitalista, é o silêncio, a passividade, a inércia. Nenhum conteúdo do *corpus* foi na contramão desse discurso,

¹³⁵ Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹³⁶ Cidades brasileiras adotam medidas para prevenir a Covid-19.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8400506/>. Acesso em: 9 maio 2020.

¹³⁷ Boletim JN: Ministério da Saúde lista recomendações para atrasar pico da doença no Brasil.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8397717/>. Acesso em: 10 maio 2020.

¹³⁸ Moradores de comunidades do Rio entram na luta contra o coronavírus.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421055/>. Acesso em: 10 maio 2020.

de forma que o velho não foi apresentado, em nenhum momento, como um sujeito ativo que pode reagir e resistir aos danos que a pandemia tem causado a todos, alguém que, mesmo dentro de casa, pode criar, se reinventar, elaborar estratégias para passar o tempo de forma criativa a partir de sua sabedoria e práticas culturais que cultivou ao longo da vida.

Afinal, histórias de superação são para os vivos que resistem e lutam com autonomia, para aqueles que são protagonistas de suas próprias vidas. Os velhos, os velhos já estão mortos aos olhos da sociedade capitalista, na qual a produtividade é valor primordial no modo de vida dominante e os modos alternativos são apagados, invalidados, visto como inúteis, e os laços sociais são mediados pelo consumo (BARRETO; CARRIERI, 2020; ROSA, 2020).

Percebeu-se, ainda, que, por meio da perspectiva de Goffman, o Jornal veicula o perfil de velho portador da Covid-19 a partir da reprodução dos estigmas de abominações do corpo (FERRIGO, 2002; GOFFMAN, 2004), de modo que só os sujeitos evidentemente velhos pelas marcas físicas que carregam são as vítimas, a partir de imagens que remetiam a condições de fragilidade dessas pessoas, reforçando a ideia da vulnerabilidade e do lugar do sujeito velho na pandemia: o hospital, trancafiado dentro de casa ou nos braços da morte.

Por outro lado, pessoas com mais de 60 anos que não possuem rugas ou cabelos brancos não foram alvo das imagens veiculadas pelo JN, de forma a se configurarem como sujeitos desacreditáveis, aqueles não sofrem desaprovação social apesar de carregarem atributos estigmatizantes, uma vez que essas características não são perceptíveis (GOFFMAN, 2004). Ou seja, são pessoas que possuem atributos em comum com o sujeito velho, nesse caso, a idade, mas conseguem se distanciar do estigma por não apresentarem as marcas físicas do velho estigmatizado.

A partir dessa imagem única, o Jornal também contribui com o fortalecimento do discurso de reprivatização do envelhecimento (DEBERT, 2003), visto que só são considerados velhos e vulneráveis aqueles que se permitiram chegar a esse ponto por não buscarem alternativas para esconderem suas rugas em uma sociedade que cultua a juventude. Dessa forma, velhos mais jovens não têm suas imagens anexadas à do “velho da Covid-19”, visto que muitos deles, por diferentes motivos, não possuem as marcas que denunciam sua idade, podendo elas terem sido escondidas no estilo de vida mais ativo e que se aproxima da juventude, proposto pela categoria da terceira idade, conforme discutimos no primeiro capítulo.

Notou-se, também, que o Jornal reproduz e fortalece a visão da sociedade de que ser velho é também uma condição ligada à classe social do indivíduo, de forma que, diferente do indivíduo cuja força produtiva não é mais suficiente para movimentar o modo de produção capitalista, os sujeitos velhos de camadas sociais mais abastadas e com suas trajetórias ligadas

a posições de autoridade conseguem preservar seu prestígio, não sendo vistos como velhos ou sendo ainda mais valorizados por isso, tendo suas idades avançadas relacionadas com uma grande experiência de vida.

Tal fato fica evidente nas fontes das reportagens analisadas: médicos e políticos que estavam entre os entrevistados aparentavam ter mais de 60 anos, mas em nenhuma reportagem foi feita alguma associação deles como pertencentes ao grupo de risco por idade. Estavam sempre em posição de autoridade de quem fala para o velho, reforçando também a ideia de que o ser velho sempre se constitui no outro e nunca em si mesmo, conforme reafirmam as imagens abaixo de pessoas em posições de poder (figuras 63, 64, 65, 66 e 67) e pessoas comuns (figuras 7, 16, 29, 30, 31, 68 e 69).

Figura 62 – Glaydson Godinho - representante da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia



Fonte: Globoplay, 2020¹³⁹.

Figura 63 – Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, 65 anos



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁰.

¹³⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8431880/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428514/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 64 – Coordenador Centro de Covid-19 SP, David Uip



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴¹.

Figura 65 – Presidente da Academia Nacional de Medicina, Rubens Belfort



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴².

Figura 66 – Secretário Executivo do Ministério da Saúde, João Gabbardo dos Reis



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴³.

Figura 67 – Coordenador de Controle de Doenças de SP, Paulo Menezes



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁴.

¹⁴¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8355212/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8431880/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8389211/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Figura 68 – Turista britânico não identificado



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁵.

Figura 69 – Mulher velha tomando sopa



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁶.

Figura 70 – Aposentada Damiana Fernandes dos Santos, 65 anos



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁷.

Figura 71 – Mulher velha não identificada moradora de instituição de longa permanência



Fonte: Globoplay, 2020¹⁴⁸.

Além de por meio das imagens, tal discurso fez-se evidente em algumas declarações de autoridades durante reportagens. Um exemplo é o presidente da república, Jair Bolsonaro, que reforçou essa ideia em um de seus pronunciamentos. Ele afirmou que, mesmo com mais de 60 anos, não seria afetado se contraísse a doença devido a seu histórico de atleta¹⁴⁹.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8352058/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8395315/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8447528/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8421088/>. Acesso em: 12 maio 2020.

¹⁴⁹ Bolsonaro contraria especialistas e autoridades e pede fim do 'confinamento em massa'. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428514/>. Acesso em: 2 maio 2020.

O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo é o das pessoas acima dos 60 anos [...]. Devemos sim é ter extrema preocupação em não permitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós [...]. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (BOLSONARO, Jair, 2020)

Nesse trecho, percebe-se que o presidente se colocou acima da Covid-19, mesmo pertencendo ao grupo de risco no que diz respeito à sua idade, 65 anos. Além disso, ao falar que caso fosse contaminado teria apenas uma gripezinha e reforçar que as pessoas precisavam ter cuidados com seus pais e avós, o presidente, subjetivamente, apontou para a Covid-19 como uma doença de velhos fracos e vulneráveis, assim como se distanciou desse perfil por meio do argumento de que possuía um histórico de atleta e, assim, não seria afetado pela doença, caso fosse contaminado.

Outra reportagem¹⁵⁰ expôs a situação de que o então chefe do Centro de Contingência do Coronavírus em São Paulo, David Uip, havia contraído a doença que tanto combatia, mas estava bem. A matéria exibiu um depoimento via telefone de Uip, cuja transcrição era: “Eu tô brincando que eu estou enjaulado porque é difícil você ficar isolado sabendo que o mundo tá caindo na sua frente. Mas esta faz parte da doença e eu tenho que cumprir a minha parte à semelhança de tantos outros brasileiros que estão isolados” (UIP, David, 2020, transcrição Jornal Nacional).

Observa-se que Uip não se reconheceu, em sua fala, como um sujeito do grupo de risco, apesar de ter 68 anos, de acordo com informações da Wikipédia¹⁵¹, de forma a se sentir representado na expressão genérica “à semelhança de tantos outros brasileiros” (UIP, David, 2020, transcrição Jornal Nacional). A idade dele também não foi revelada, ao contrário da idade de outros infectados, pessoas “comuns” sobre as quais a reportagem abordou, reforçando a posição de autoridade de Uip e distanciando-o de ser reconhecido como velho.

Além disso, percebeu-se, também, uma exclusão do sujeito velho como fonte ao longo dos conteúdos do *corpus*. Das 63 fontes, apenas duas eram sujeitos velhos, nove eram médicos e pesquisadores; 13 eram pessoas “comuns” com idade abaixo de 60 anos; 12 eram autoridades em cargos públicos; quatro aparentavam ter mais de 60 anos, mas não foi possível afirmar com plena certeza; 18 eram profissionais representantes de organizações voltadas para a saúde ou declarações dessas organizações emitidas via notas e cinco eram pesquisas sobre a Covid-19.

¹⁵⁰ Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de coronavírus, mas ainda esperam exames.
Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 1 maio 2020.

¹⁵¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Uip. Acesso em: 6 mar. 2021.

Nesse sentido, é importante considerar que, com a Covid-19, as fontes oficiais do governo, como o presidente e representantes de órgãos públicos de saúde ou pesquisadores da área e pessoas que não estão no grupo de risco, ganharam mais destaque. No entanto, tal situação não justifica o fato de apenas duas fontes, ou seja, 3,2% do total, serem sujeitos velhos em um *corpus* em que 86% do conteúdo faz alguma associação entre o sujeito velho e a Covid-19.

Em tempos em que o distanciamento social é uma medida de prevenção importante e as práticas produtivas do telejornal são adaptadas a esse novo contexto, uma alternativa seria entrevistar esse público remotamente, por videochamadas, assim como ocorreu com alguns profissionais da saúde e sujeitos comuns com menos de sessenta anos.

Situações como essa refletem a falta de escuta e exclusão social cotidiana do sujeito velho. Dessa forma, a sociedade se sente autorizada a falar sobre o velho, ditar regras para sua conduta sob as condições de muito caso elas não sejam cumpridas e infantilizá-lo sob o pressuposto de que se importa e se preocupa com sua situação diante da pandemia. No entanto, a preocupação em ouvir a opinião sobre esse sujeito, que está presente em 86% do conteúdo, suas necessidades e desafios, é mínima. Da mesma forma, somente um conteúdo do *corpus* era direcionado diretamente para esse público, um pronunciamento em que os apresentadores do JN na bancada orientavam esses sujeitos a ficarem em casa¹⁵².

Por outro lado, 6,3% das fontes eram pessoas que aparentavam ter mais de 60 anos, mas não foi possível afirmar com plena certeza, ou seja, eram mais aceitáveis para serem ouvidas do Programa, assim como são na sociedade, por não serem consideradas velhas instantaneamente.

A partir dessas reflexões, destaca-se, também, a observação de Goffman (2004) de que os estigmas fazem com que a sociedade crie uma identidade deteriorada do sujeito, fazendo com que ele sofra impedimentos sociais, como a falta de espaço e voz para dizer o que pensa, bem como o descrédito perante os seus papéis sociais em esferas diversas dos grupos que integra, de forma a não serem tratados como seres sociais.

Em complemento, esses sujeitos configuram-se, também, como pertencentes aos grupos dos estigmatizados de culpas de caráter, ocupando um lugar perto dos sujeitos vistos como decadentes, como viciados, em uma sociedade em que o trabalho é um dos principais atributos que promovem dignidade aos sujeitos. Logo, a sociedade não os considera moralmente como

¹⁵² Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8428631/>. Acesso em: 3 maio 2020.

sujeitos autônomos para tomarem decisões ou possuírem lucidez para falarem sobre suas próprias vidas (ANDRADE, 2011; FERRIGNO, 2002).

A reportagem *Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de Coronavírus, mas ainda esperam exames*¹⁵³, por exemplo, trouxe o depoimento de Patrícia Leite, cujo avô havia falecido de Covid-19 aos 93 anos. Em determinado momento, Patrícia declarou que “apesar de meu avô ser muito idoso, ele sempre foi muito forte. Ele fazia tudo sozinho. Tomava banho, cuidava das coisinhas dele, tudo sozinho”. A partir dessa fala, percebe-se por parte da neta a reprodução da ideia de que, devido à idade avançada, não se esperava tanto do seu avô, reforçando a afirmação de Goffman sobre estigmas, em que cada simples ato do sujeito estigmatizado torna-se algo extraordinário.

Em outra reportagem, intitulada *Número de casos do novo Coronavírus no Brasil passa de cem*¹⁵⁴, foram abordadas algumas recomendações do Ministério da Saúde para adoção de novos hábitos. Em determinado momento, o texto verbal da reportagem cita que é preciso “[...] evitar viagens, cinemas, shoppings, shows. Essa medida vale especialmente para idosos e pessoas com outras doenças.” Ao dizer que a medida vale para idosos e pessoas com outras doenças, o conteúdo reforça o estigma do sujeito velho como uma pessoa doente, frágil e vulnerável. E, além disso, compara a velhice a uma doença.

Esses padrões de pensamento são aceitos socialmente com naturalidade, de forma a se reproduzirem nos discursos hegemônicos, dominantes nas práticas sociais ao influenciarem as visões sobre os velhos e, conseqüentemente, as ações de outros sujeitos diante desse público. Dessa forma, não entrevistar sujeitos velhos, por exemplo, é uma ação originária da prática social e cultural de não se ouvir esses sujeitos, de não os legitimar ou colocá-los sempre em descrédito devido à falta de lucidez que se acredita que eles possuem, especialmente em sociedades capitalistas (MARTÍN-BARBERO, 1987).

Em outro exemplo, em um dos boletins do JN, a repórter trouxe a informação de duas cidades brasileiras em que pessoas com mais de 60 anos que estiverem andando pela rua sem motivo maior seriam “levadas de volta pra casa” ou multadas¹⁵⁵, de forma a reproduzir uma ideia de infantilização do velho, que o responsabiliza pela doença, o menospreza e lhe tira o direito da vida plena, mas somente para o sujeito velho (LUCENA, 2021).

¹⁵³ Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de coronavírus, mas ainda esperam exames. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8440861/>. Acesso em: 1 maio 2020.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8398364/>. Acesso em: 1 maio 2020.

¹⁵⁵ Boletim JN: Número de pacientes graves internados com covid-19 em SP cresceu 42% em 1 dia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8434605/>. Acesso em: 3 maio 2020.

O fato reforça, também, o sentimento de que, com sua força de trabalho retirada da grande roda produtiva do capitalismo, os velhos se sentem destituídos de parte de seu poder de participação e visibilidade como cidadãos, ficando, assim, mais vulneráveis às decisões de terceiros (STUCCHI, 1998).

Apesar de ser uma medida que tem como intuito proteger esse público, percebe-se, ainda, uma intenção punitiva de multar aqueles que, vistos como ociosos, também são mais propensos a contrair a doença e morrerem. Destaca-se o fato de que o assunto não foi explorado durante a edição do JN a partir de uma perspectiva de escuta aos velhos ou alguma abordagem sobre a pluralidade de condições que se vive na velhice, como os velhos que vivem sozinhos, sem aposentadoria e com trabalho informal para sobreviver.

Da mesma forma, identificou-se no conteúdo outros discursos que remetem à naturalização de práticas de exclusão social que atingem os sujeitos velhos. Em uma das reportagens, orientou-se que “os idosos também precisam diminuir o contato físico com outras pessoas, em especial crianças, como os netos” (JORNAL NACIONAL, 2020 – TRANSCRIÇÃO VERBAL). Tal trecho evoca ideias ambíguas, visto que, ao mesmo tempo que o velho precisa se afastar pelo seu próprio bem, de forma preventiva, também é possível a interpretação de que o sujeito velho atrapalha a rotina de outras pessoas e familiares e precisa ficar longe deles para que ele não “procure ser contaminado”, o que pode resultar, também, em punições por meio de multas de valores consideráveis, conforme trouxe um dos boletins citados anteriormente. Essa concepção desconsidera, ainda, que em muitos casos são os familiares que vivem e dependem dos rendimentos do sujeito velho, sendo ele um chefe de família (GOLDENBERG, 2020).

No *corpus* analisado, identificou-se, também, a partir da segunda metade de março, um movimento de distanciamento da imagem do velho como o único vulnerável da Covid-19 (quadro 2). Além disso, uma das reportagens¹⁵⁶ exibiu a informação de que havia pelo menos 100 casos graves entre pessoas de trinta a cinquenta anos, e que a maioria era de homens, 52% tinham mais de 60 anos, mas 43% dos casos graves ocorreram em pessoas de 30 a 60 anos. A reportagem destacou, ainda, que o Ministério da Saúde analisou as primeiras 59 mortes, sendo a maioria de pessoas com 60 anos ou mais, mas 5 óbitos foram de pacientes de 30 a 50 anos.

No entanto, ao refletir sobre o *corpus* de forma integral, percebeu-se que o distanciamento da imagem do velho como única vítima da Covid-19 não se deu a partir de uma

¹⁵⁶ Boletim JN: Número de pacientes graves internados com covid-19 em SP cresceu 42% em 1 dia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8434605/>. Acesso em: 3 maio 2020.

preocupação em desconstruir os estigmas sob esse sujeito e apontar para outras perspectivas dos grupos de risco da Covid-19, mas influenciado pelas autoridades médicas que, durante as reportagens, iniciaram um movimento de reforçar que outras pessoas, do grupo de risco ou não, também eram vítimas da Covid-19.

Ou seja, a mudança não ocorreu por uma decisão do Jornal Nacional de se distanciar da desmoralização do velho, mas por sua preocupação em proteger e alertar a população em geral, sendo esse um dos papéis do jornalismo e da informação.

Desse modo, percebeu-se que, apesar de grande parte do conteúdo reforçar a necessidade de cuidado e prevenção com os velhos, não há uma preocupação legítima com a saúde desse público, o que ficou evidente a partir da homogeneização do perfil do velho e da falta de discussões sobre a real situação desses sujeitos, as políticas públicas que os amparam e mesmo a ausência das vozes deles na maior parte do conteúdo analisado.

A escolha da centralização do grupo de risco da Covid-19, fundamentada na imagem do sujeito velho, se transforma em um discurso de fácil aceitação em uma sociedade em que o velho é visto como dependente, infantilizado e excluído socialmente.

Além disso, a punição unicamente do velho e sua associação exclusiva ao grupo de risco provocam um movimento semelhante ao que ocorreu com a epidemia de HIV/AIDS no início da década de 1980, em que o termo “grupo de risco”, aplicado a homossexuais, prostitutas e usuários de drogas como mais suscetíveis a contraírem o HIV, culminou na patologização desse grupo, de forma a legitimar discriminações que já existiam sobre esses sujeitos (FONSECA, 2020; LUCENA, 2021).

Assim, o Jornal Nacional adota uma postura que reproduz ideias de uma estrutura de sentimento dominante (WILLIAMS, 1979) que beneficia discursos hegemônicos que colocam o velho como um sujeito vulnerável e fraco na sociedade capitalista, ao colocá-lo como a vítima da Covid-19, reforçando os estigmas que pairam sobre esses sujeitos para construir um perfil do velho que está condenado à morte, assim como contribuindo para a discriminação única desses sujeitos ao vinculá-los exclusivamente ao grupo de risco. Além disso, os discursos que tentam distanciar o sujeito velho de um perfil de vítima exclusiva da Covid-19 não refletem uma tendência para discursos emergentes (WILLIAMS, 1979), mas apenas o cumprimento do papel do telejornal de noticiar e reproduzir as declarações de especialistas e do Ministério da Saúde, nesse caso, com certa superficialidade

Além disso, é possível perceber que, além de delinear um perfil de sujeito velho estigmatizado do tipo desacreditado por meio das imagens veiculadas nas reportagens, de sujeitos cuja velhice é denunciada nas características físicas, o Jornal Nacional reproduz ideias

hegemônicas ao corroborar com o discurso de reprivatização do envelhecimento em uma sociedade que cultua a juventude como o padrão ideal.

A associação constante entre a Covid-19 e o sujeito velho, aliada às consequências sociais e econômicas em virtude da doença, é uma combinação com potencial de despertar o desejo de isolamento e mesmo eliminação do velho, na expectativa de que a doença também seja aniquilada (LUCENA, 2021). O que se tem é uma contradição em que os velhos devem se ausentar ainda mais da sociedade para que sejam protegidos, no entanto, sua importância não é tanta para que os familiares que residem com ele deixem de trabalhar e, conseqüentemente, diminuir drasticamente as chances de transmissão da doença. Apesar de contraditória, tal prática é esperada em uma sociedade em que a juventude representa o progresso, a cultura do envelhecer é abominada e os velhos configuram-se como um corpo estranho, indesejado.

Além disso, ao elevar o velho como um embaixador exclusivo dos mortos, o Jornal reforça a visão de vulnerabilidade que é socialmente e culturalmente colocada sobre esse público, constituindo-se as estruturas de sentimento (WILLIAMS, 1979) que são construídas a partir de discursos hegemônicos, reverberados socialmente e reproduzidas nos diversos espaços de discussões, como os meios de comunicação.

A difusão desse discurso pelo programa, assim como áudios, vídeos e figuras que viralizaram nas redes sociais criticando os idosos ou representando-os de maneira caricata como desobedientes e teimosos que precisam ser colocados à força dentro de casa, influenciou a postura de descaso de outros sujeitos diante da pandemia (HAMMERSCHMIDT; BONATELLI; CARVALHO, 2020).

Para além do próprio presidente da república, que defendeu o isolamento social somente dos sujeitos velhos para não prejudicar a economia, de forma a colocá-la como prioridade acima da própria vida humana, a difusão da Covid-19 como uma “doença de velho”, algo fraco e inofensivo, de forma semelhante à visão que não raro paira sobre esses sujeitos na sociedade capitalista, fez que com outros sujeitos se sentissem protegidos e autorizados a continuarem suas vidas de forma normal.

Tal postura faz-nos questionar: se o sujeito velho comum, sem *status* social elevado, fosse mais reconhecido e respeitado na sociedade, a postura dos demais sujeitos seria diferente? Haveria uma adequação de seus modos de vida, uma tentativa de distanciamento social maior, uma renúncia temporária ao lazer e às aglomerações não essenciais, uma mobilização para salvar os sujeitos velhos? Não podemos afirmar com total certeza que sim, mas é possível que a postura e o esforço para um cuidado legítimo ocorressem com mais intensidade, visto que os

sujeitos respeitariam o velho da mesma forma que se reconhecem ou lutam para ser reconhecidos no corpo e no papel social dos mais jovens.

A partir da discussão apresentada e da análise do *corpus*, concluiu-se que o Jornal Nacional não se preocupou em desconstruir estigmas sobre o velho e promover um espaço de debates sobre as multiplicidades da velhice no contexto da pandemia. O programa reproduziu a mesma lógica dominante de valorização à juventude, a partir da qual comportou-se de forma a não possibilitar a escuta dos velhos ao longo das reportagens, de forma a colocá-los no centro como marcados para morrer por uma doença, mas sufocar suas vozes antes mesmo da Covid-19 silenciá-los com a morte, assim como acontece diariamente nas práticas sociais, nas quais o velho não é ouvido, tendo sua humanidade retirada por não contribuir como antes com sua força para girar a roda da economia capitalista, ou tem sua voz sufocada, desacreditada e desmoralizada em um processo que o coloca como um ser infantilizado.

Ademais, além de reproduzir ideias de uma estrutura de sentimento dominante, de forma a reforçar estigmas sobre o sujeito velho, o telejornal contribuiu para uma postura de descaso por parte de toda a sociedade ao centralizar a imagem de vítima única da Covid-19 e não se contrapor a discursos negligentes do início da pandemia, como o do presidente Bolsonaro.

Dessa forma, a ação de se estigmatizar os velhos e colocá-los unicamente como os vulneráveis contribuiu para o comprometimento da sociedade, visto que, em março de 2021, embora ainda se encontre com certa facilidade o ponto de vista de que a Covid-19 é uma doença letal exclusivamente para os velhos, a contaminação e morte de sujeitos não velhos e sem comorbidades aumenta a cada dia, em virtude de se sujeitarem a situações de risco, como aglomerações, guiados pela antiga falácia que se construiu nos discursos iniciais da pandemia de que era apenas uma gripezinha, uma doença que veio para oficializar quem já sofria com os apagamentos e anulações sociais: o sujeito velho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos analisar como o sujeito velho foi apresentado no contexto da pandemia da Covid-19 nos conteúdos do Jornal Nacional, de forma a identificar se os discursos produzidos desconstróem ou reforçam estigmas sobre esses sujeitos.

A partir da análise dos conteúdos escolhidos, concluímos que a forma como o Jornal Nacional apresentou o sujeito velho no contexto da pandemia, mais especificamente entre os meses de janeiro a março de 2020, reforçou estigmas já existentes sobre esses sujeitos na sociedade. Dessa forma, constatamos que, apesar de ser um modelo de telejornal polifônico, com entrevistas de diversos sujeitos no conteúdo, o JN não se configurou, no período analisado, como um produto midiático e cultural plural, com diferentes perspectivas em debate.

Apesar desta pesquisa se constituir unicamente por conteúdos que tracem alguma relação entre o sujeito velho e a pandemia da Covid-19, observamos que apenas 3,2% das fontes jornalísticas consultadas eram sujeitos velhos comuns. Em contrapartida, 20,7% eram pessoas comuns com menos de sessenta anos. Esses dados, aliados à trajetória da análise, nos mostraram que, em suas práticas produtivas, o Jornal Nacional reproduziu a mesma dinâmica à qual estão submetidos os velhos na sociedade: o silêncio e a invisibilidade, embora esses sujeitos fossem um dos assuntos centrais dos conteúdos analisados.

Ademais, ficou evidente que as abordagens construídas ao longo do *corpus* constroem a imagem do sujeito velho como um ser vulnerável, frágil, infantilizado, retratado majoritariamente na posição de vítima, doente, debilitado. Nesse contexto, o velho configurou-se, também, como um peso para os familiares, alguém totalmente dependente dos parentes, uma visão que vai na contramão da pesquisa realizada pelo SESC São Paulo em parceria com a Fundação Perseu Abramo em 234 municípios distribuídos nas cinco macrorregiões do país (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste), em 2020, a partir de 4.144 entrevistas, a qual demonstrou que 13% dos sujeitos velhos criavam os netos que moravam com eles, sete por cento cuidavam dos netos parte do dia e três por cento cuidavam dos netos em período integral, mas estes não residiam com o sujeito velho (SESC SÃO PAULO, 2020).

Na mesma linha, em entrevista à BBC News Brasil em 2020¹⁵⁷, a antropóloga Mirian Goldenberg defende que, ao contrário da crença de que os sujeitos velhos são levados para as casas dos familiares na velhice, na verdade, são os filhos e, às vezes, os netos que passam a

¹⁵⁷ Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. [Entrevista concedida a] Luis Barrucho. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 26 mar. 2021.

residir na casa dos sujeitos velhos que, com suas aposentadorias, são chefes de família e sustentam seus parentes.

Dessa forma, apesar de o envelhecimento ser um processo que provoca mudanças no corpo ao longo dos anos, focalizar apenas nesses aspectos negativos contribui para uma visão de inércia e retrocesso do sujeito velho, de forma que ele seja apenas visto como o peso, o doente, o mal cuidado, debilitado. Como já discutimos anteriormente, a velhice é múltipla, e embora esses aspectos negativos também possam existir, focalizar apenas neles é reforçar estigmas já colocados pela sociedade. A velhice é e precisa ser vista como um período de desenvolvimento de novas habilidades, assim como as outras etapas da vida. Da mesma forma, o sujeito velho é um ser que não apenas acumula memórias e experiências diversas que vivenciou ao longo de sua trajetória, mas que ainda hoje as realiza, se descobre, se reinventa, contribui socialmente, aprende e ensina.

Ao silenciar outras perspectivas sobre o sujeito velho que o distancie de um ser debilitado, uma vítima em potencial e mesmo única da Covid-19, o JN reproduz um discurso dominante na sociedade capitalista, que é reforçado, no produto midiático, por meio da reunião de fontes jornalísticas formadas por pesquisadores que, no direcionamento da reportagem, limitaram quase que unicamente a explorar imagem do sujeito velho como o de pessoas que constituem o grupo de risco, em caso de contágio pela doença.

Além disso, o programa abordou a necessidade de prevenção ao sujeito velho de forma insistente, porém superficial. Ao destacar a importância dos cuidados para com esse público, o JN não lançou o debate sobre a multiplicidade da velhice no Brasil, de forma a ignorar questões econômicas e sociais que afetam a maneira como os sujeitos se previnem contra a doença. Assim, um olhar homogeneizado sobre os sujeitos velhos e suas trajetórias reforçou um discurso de reprivatização do envelhecimento (DEBERT, 2003), responsabilizando somente o velho e seus familiares pela forma como ocorre a prevenção dentro dos lares, independente da classe social.

O discurso de reprivatização e responsabilização do sujeito velho pela pandemia é evidenciado, também, a partir dos conteúdos que identificamos como punitivos, em que os sujeitos velhos seriam multados caso estivessem na rua sem justificativa em duas cidades brasileiras. Ao silenciar o debate sobre como o direito de ir e vir do velho é interrompido enquanto outros sujeitos que fazem parte do grupo de risco podem levar suas vidas normalmente, apenas com orientações de manterem o distanciamento, o JN mostra seu apoio à punição daqueles sujeitos.

Tal fato reforça, novamente, a estigmatização do sujeito velho, visto que a punição acontece, principalmente, para aqueles em que as características físicas que a sociedade considera atributos da velhice são mais evidentes, nos seres em que se encontram com facilidade os estigmas de abominações do corpo, ou seja, transformações corporais opostas aos padrões que constituem a juventude. Os velhos são seres pertencentes ao grupo de risco em que a denúncia é feita a partir de aspectos físicos, diferente da maioria dos outros sujeitos que constituem esse grupo e ganham pouco destaque ao longo dos conteúdos do JN.

Também constatamos que, apesar de reforçar a necessidade de prevenção e cuidado com o sujeito velho na pandemia, não há uma preocupação de fato com esse público, o que fica evidente na ausência da escuta desses sujeitos como fontes jornalísticas e da pluralidade de ser velho, conforme dissemos anteriormente, assim como também por meio da ausência de conteúdos sobre a saúde mental do sujeito velho nesse momento desafiador ou reportagens que mostrassem como esses sujeitos se reinventam durante o isolamento, que valorizem a história, memória e resistência do sujeito velho comum.

Dessa forma, as medidas de prevenção se configuram, também, como o reforço à necessidade de isolamento do velho em casa, como se sua eliminação do convívio social fosse uma forma eficaz de se eliminar o vírus. Por outro lado, a outra parcela da população é incentivada pelo governo a trabalhar normalmente, de forma a arriscar a própria vida e a dos familiares velhos com os quais convivem para salvar a economia. Ou seja, ações como essas reforçam a ideia de que o isolamento do sujeito velho ocorre mais por um incômodo com sua presença na sociedade do que pela intenção de cuidar desse público.

No entanto, com o decorrer do tempo cronológico da produção dos conteúdos pelo Jornal, percebemos que houve um distanciamento do discurso do sujeito velho como vítima única da Covid-19. Tal fato ocorreu conforme outras pesquisas surgiram e declarações de autoridades médicas e do Ministério da Saúde, que reforçavam que pessoas abaixo de sessenta anos também eram vítimas da Covid-19. Apesar dessas informações, dispostas principalmente no texto verbal, os sujeitos velhos continuaram a ter sua imagem explorada como principal vítima oficial, de forma a não haver nenhuma imagem concreta vinculada a outros perfis, mas somente a utilização de imagens abstratas ou fotografias em plano geral, de forma a representar a multidão.

Em toda a análise, ficou-nos explícito que a postura dos sujeitos e as ações da sociedade ocorrem sob influência da cultura e das estruturas de sentimentos dominantes. Essa percepção dá-se a partir do reforço dos estigmas ao sujeito velho pelo Jornal Nacional, assim como por

meio da forma que esse produto midiático se comporta, reforçando a necessidade de se isolar o sujeito velho, da mesma forma que ocorre na sociedade, assim como silenciá-lo.

O JN mostrou, ainda, que as histórias dos velhos não são importantes o suficiente para serem contadas. Somente com o aumento de casos de vítimas de sujeitos não velhos, o programa teve a atitude de produzir reportagens mais humanizadas, que dão rosto, nome e contam histórias das vítimas da Covid-19. Em uma sociedade que cultua a juventude como padrão ideal, sinônimo de progresso, a cultura do envelhecimento não é aceita, fato manifesto nos discursos que pairam pela sociedade e foram reproduzidos pelo JN, que mais apontam para apagamento e eliminação dos velhos do que o olhar com cuidado e afeto.

Por outro lado, reportagens com vítimas mais jovens foram feitas com mais profundidade, sendo que nestas os sujeitos tinham rostos e histórias, de forma a reforçar a ideia de que o velho é o outro, o resto, o marginalizado, e a sociedade é somente a juventude que pulsa. As preocupações com as vítimas mais jovens são também uma preocupação com os sujeitos que movem a sociedade capitalista, em que a vida do velho é vista como algo insignificante, que está com seu prazo de validade vencido nas relações mercantis.

Ainda nessa direção, é importante considerar o jornalismo como um promotor de um espaço da sociabilidade, no qual os receptores interpretam os discursos e constroem sentidos de reconhecimento e diferenciação com o “outro”, que influenciam, como já dissemos, a postura dos sujeitos na sociedade e suas práticas cotidianas. Dessa forma, a valorização da eterna jovialidade coloca desafios à construção de vínculos de reciprocidade e identificação com o sujeito velho.

Aliado a isso, ressaltamos, ainda, que essas abordagens para construções de sentido foram feitas no principal telejornal de alcance nacional do país, que reúne, em média, 42,4 milhões de pessoas que acompanham seu conteúdo de segunda a sábado. Com um papel inerente aos telejornais, o JN possui, dentre suas funções, a de construir narrativas sobre os acontecimentos, sendo uma importante influência sobre a maneira como as pessoas enxergam a realidade e emitem opiniões sobre ela. Ademais, ao ter seu conteúdo disponibilizado, também, no ciberespaço através da Globoplay, as abordagens do telejornal se perpetuam em um tempo diferente daquele da programação televisiva ao vivo, de forma a potencializar o alcance dos discursos construídos.

É importante considerar que a pandemia da Covid-19 foi uma péssima surpresa para o mundo e ressignificou a forma como os sujeitos se relacionam durante o distanciamento social. Da mesma forma, as práticas cotidianas e sociais também tiveram que ser refletidas e reconfiguradas. Ao deslocar tal fato para o fazer jornalístico, apontamos para a constatação de

que o sujeito velho, seus direitos e a multiplicidade da velhice no Brasil não são temas pautados com frequência na mídia tradicional, o que contribui para um despreparo, por parte dos telejornais e dos jornalistas, em relação à abordagem de temáticas ligadas a um sujeito que já sofre um processo de estigmatização e apagamento social.

Aliada a isso, tem-se a questão de que a urgência em se produzir diversos conteúdos diariamente que reforçaram o caos na saúde devido à pandemia propicia o desenvolvimento de um discurso que, uma vez criado, deve-se apenas ser reproduzido, de forma a facilitar o profissional da mídia a lidar com mais rapidez com o grande fluxo de conteúdos sobre o tema que precisa produzir. Dessa forma, colocar o sujeito velho como uma vítima única da doença é também uma maneira de se construir um lugar comum, de apresentar uma justificativa, uma dúvida a menos a tantas perguntas sobre a doença.

Tal atitude, com o tempo, configurou-se como um hábito, uma reprodução quase automática que encontrou aprovação nas ideias dominantes da sociedade, de forma a ser naturalizada e não haver uma reivindicação social ou um olhar mais sensível do jornalista para a importância de não se reproduzir os estigmas sobre o sujeito velho. Além disso, a construção e reprodução dos estigmas criam cenários de julgamentos sobre sujeitos já tidos como estranhos na sociedade.

Dessa forma, é conveniente para os discursos da mídia encontrar um posicionamento “seguro”, de apontamento para esse outro, e apenas reproduzir tal discurso nas práticas cotidianas e na imensa massa de conteúdos produzidos para os telejornais sobre a Covid-19. Além disso, tal apontamento para o sujeito velho surge e é alimentado pela sociedade, que culpabiliza com certa naturalidade o corpo velho tido como inútil, indesejado, de forma que torná-lo quase um vetor da doença é uma escolha que surge a partir de um estigma, assim como tenta consagrar e legitimar todos nos preconceitos anteriores à própria pandemia.

No entanto, tais aspectos e desafios não deslocam da mídia e, especialmente, do Jornal Nacional, nosso objeto de análise, a responsabilidade do programa jornalístico veiculado em uma emissora de concessão pública, de desmistificar estigmas e lançar luz a um debate de saúde pública tão importante para a sociedade a partir dos pilares do respeito com o outro e com a pluralidade.

É necessário mais escuta aos diferentes sujeitos. É preciso que o JN valorize o sujeito velho com abordagens que valorizem suas histórias, memórias, resistência, sonhos, e a forma como se reinventam e podem ser donos de si. Imagens que remetem à fragilidade e dependência do sujeito velho precisam ser veiculadas, afinal, mostram uma das possíveis facetas da velhice. E, para além disso, é preciso lançar luz sobre o debate do que precisa ser feito ou de denúncia

ao poder público sobre o descaso com as condições de vida precária que esses sujeitos podem vivenciar, mesmo com todos os seus direitos como cidadãos. Dessa forma, a velhice precária precisa ser escancarada, assim como seus aspectos positivos e o protagonismo do sujeito velho em relação à sua vida também precisa ser mostrado. Sujeitos possuem diferentes histórias e necessidades e não devem, nunca, ser tratados como uma massa homogênea, como um produto que se compra no mercado e se escolhe qualquer um, pois todos são “a mesma coisa”. Precisamos falar de rostos, sonhos, faces, medos, vidas.

Encerramos a presente discussão com a conclusão de que, ao estar inserido em uma sociedade em que a cultura da juventude é tida como padrão ideal, o Jornal Nacional reproduz também ideias dominantes que manifestam um incômodo com o sujeito velho, culminando em práticas sociais que favorecem a eliminação social, responsabilização e punição do velho mascaradas em um discurso de prevenção à Covid-19. Além disso, os estigmas colocados sobre o sujeito velho pela sociedade contribuíram para a visão da pandemia como uma doença irrelevante ao eliminar somente o outro, o indesejado. Tal cenário, aliado ao desrespeito com a vida do velho e aos discursos que centralizaram nesse sujeito a imagem do grupo de risco, influenciam ações de descaso e negligência no que tange à pandemia, fazendo com que os jovens se sentissem livres e protegidos, a partir de um discurso em que a vítima é o outro, o velho.

Em abril de 2021, após um ano da produção pelo JN dos conteúdos analisados nesta dissertação, a Covid-19 ainda é vista por muitos como uma doença de velhos, enquanto os meios de comunicação, inclusive o Jornal Nacional, trabalham para desconstruir essa visão. Os velhos saem cada vez mais de cena, não são apontados como os portadores da doença como antes, assim como também não são lembrados, voltando ao apagamento social que sofreram mesmo quando estavam nos holofotes, sendo apontados como culpados, em imagens que alternavam entre suas fragilidades como vítimas e seus papéis como vilões que emperram a economia capitalista.

Mas, agora, o sujeito não velho vítima da pandemia tem sua história contada. Ao contrário do velho, a juventude gera surpresa, comoção com sua partida que é um pedaço da sociedade que se esvai todos os dias. A Covid-19, que era um problema do “outro”, o velho que a sociedade não reconhece, passa a ser um problema “dos nossos”, mais que isso, um problema nosso. A cada morte jovem, o desespero e um espelho imaginário em que os sujeitos dizem a si mesmos “podia ser eu” se repetem.

Desse modo, a Covid-19 não tem um sujeito alvo, não é uma doença de velhos, mas de comportamentos de risco que levam ao contágio e morte pela doença todos os dias,

independentemente da idade. No entanto, ainda que fosse uma doença caracterizada por se desenvolver nesses sujeitos, tal fato jamais justificaria visões desumanas e de desprezo. Todas as vidas importam, mas é preciso mais que isso, é necessário que sejam importantes de forma igualitária e que as ações de preocupação sejam específicas, porém em igualdade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Neusa. Televisão e Telejornalismo: modelos virtuais. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 30., 2007, Santos. **Anais [...]**. Santos: Intercom, 2007. p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2233-1.pdf>. Acesso em: 1 out. 2020.
- ANDRADE, Márcia. Estigma e Velhice: ensaios sobre a manipulação da idade deteriorada. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 79-97, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2011v14i1p79-97>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/6928/5020>. Acesso em: 19 mar. 2020.
- ANTONIUTTI, Cleide Luciane. Globo Play: um estudo sobre a plataforma de vídeo on demand da Rede Globo. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 105-119, nov. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31657/rcp.v3i6.119>. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/119>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- BARRETO, Raquel de Oliveira; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Covid-19: uma dura sentença de morte. **Caderno de Administração**, Maringá, v. 28, p. 105-108, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/cadadm.v28i0.53674>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53674>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- BARROS, Myriam Moraes Lins. Velhice na contemporaneidade. *In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 13-23.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (v. 1).
- BECKER, Beatriz. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 95-111, nov. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n2p95>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p95#:~:text=O%20artigo%20prop%C3%B5e%20uma%20reflex%C3%A3o,jornalismo%20como%20forma%20de%20conhecimento>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p. 44-50, dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6316>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6316>. Acesso em: 2 jun. 2020.
- BECKER, Valdecir; ALVES, Kellyanne Carvalho. Análise da queda da audiência do Jornal Nacional e os impactos no telejornalismo. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 16, n. 32, p. 87-102, nov. 2015. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol16n32.3348>. Disponível

em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/3348. Acesso em: 11 abr. 2021.

BORGES, Gabriel Mendes; CRESPO, Claudio Dutra. Aspectos demográficos e socioeconômicos dos adultos brasileiros e a COVID-19: uma análise dos grupos de risco a partir da pesquisa nacional de saúde, 2013. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 10, p. 1-15, out. 2020. DOI: <http://doi.org/10.1590/0102-311x00141020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v36n10/1678-4464-csp-36-10-e00141020.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica: emergência de saúde pública de importância nacional pela doença pelo coronavírus**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://portalarquivos.saude.gov.br/images/af_gvs_coronavirus_6ago20_ajustes-finais-2.pdf. Acesso em: 5 ago. 2020.

BRITO, Michelle Paulino. **Do telejornal para a web: análise da transposição do Jornal Nacional da emissora Globo Brasil para a internet**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação Variantes de Estudos de Media e Jornalismo) – Faculdade de Letras, Universidade de Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/186458032.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

CAMARANO, Ana Amélia; CHRISTOPHE, Micheline. Dos asilos às instituições de longa permanência: Uma história de mitos e preconceitos. *In*: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: Um novo risco social a ser assumido?** 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010. p. 145-162.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000>. Acesso em: 11 abr. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Opinião dos brasileiros sobre o atendimento público na área da saúde**. Brasília: CFM, 2018. Disponível em: https://portal.cfm.org.br/images/PDF/datafolha_sus_cfm2018.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

CONTATO, Ana Carolina. As transformações do telejornalismo brasileiro e a influência da ditadura militar na televisão nas décadas de 1960 e 1970. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E IMAGEM, 1., 2014, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Encoi, 2014. p. 1-14. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT1/AS%20TRANSFORMACOES%20DO%20TELEJORNALISMO.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

CORRÊA, Rogério Saldanha. **A construção da Brasilidade: uma análise cultural midiática do programa Esquenta – TV Globo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro

de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6377>. Acesso em: 12 abr. 2021.

COSTA, Elizabeth M. Sene. **Gerontograma: a velhice em cena – estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Agora, 1998.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *In*: BARROS, Lins de; MORAES, Myriam (org.). **Velhice ou terceira idade?: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-68.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representação da velhice. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 8, n. 44, p. 60-68, 1988.

DEBERT, Guita Grin. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 133-155, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000200007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a07.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2020.

DEBERT, Guita Grin. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Coletiva**, Recife, n. 5, set. 2011. Disponível em: <http://coletiva.labjor.unicamp.br/index.php/artigo/velho-terceira-idade-idoso-ou-aposentado-sobre-diversos-entendimentos-acerca-da-velhice/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Jornalismo e estudos culturais: uma perspectiva cultural. *In*: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 25-38.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. **CARTOGRAFIAS: website de estudos culturais**, Porto Alegre, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, abr. 1998. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3014>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**, Recife, v. 1, n. 5, p. 14-26, jun. 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3195/3195.PDF>. Acesso em: 11 abr. 2021.

FELIPPI, Angela; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **Rumores**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 8-27, dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69427>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69427>. Acesso em: 11 abr. 2021.

FERRIGNO, José. O estigma da velhice: Uma análise do preconceito aos velhos à luz das ideias de Erving Goffman. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 13, n. 24, p. 48-56, abr. 2002.

FONSECA, Leandro Noronha da. Os riscos da expressão “grupo de risco”. **SESC SP**, São Paulo, 24 nov. 2020. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/14883_OS+RISCOS+DA+EXPRESSAO+GRUPO+DE+RISCO. Acesso em: 24 mar. 2020.

FREITAS, Adriana Valéria da Silva; NORONHA, Ceci Vilar. Idosos em instituições de longa permanência: falando de cuidado. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 14, n. 33, p. 359-369, jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a10v14n33.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

FREITAS, Cindy Figueiredo. **Mãe de Isabela, filha, irmã, guerreira**: as representações na cobertura televisiva do caso Isabela Nardoni. 2016. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

GERBASE, Carlos. Enquadramentos: planos e ângulos. **Primeiro Filme**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 3 ago. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. Pandemia de coronavírus evidencia “velhofobia” no Brasil, diz antropóloga. [Entrevista concedida a] Luis Barrucho. **BBB News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 26 mar. 2021.

GOMES, Itania Maria Mota. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Análise de Telejornalismo**: desafios teórico-metodológicos. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 39-58.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 17-47. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/9wgnpc/pdf/gomes-9788523211998.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.

GUTMANN, Juliana Freire. O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal? Um olhar sobre formas audiovisuais contemporâneas do jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 64-79, 2012. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v8n2.2012.422>. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/422>. Acesso em: 11 abr. 2021.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; BONATELLI, Lisiane Capanema Silva; CARVALHO, Anderson Abreu de. The path of hope in relationships involving older adults: the perspective from the complexity of the covid-19 pandemic. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 29, e20200132, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2020-0132>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v29/1980-265X-tce-29-e20200132.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR. **Panorama dos Idosos Beneficiários de Planos de Saúde**. São Paulo: IEES, 2020. Disponível em: https://www.iess.org.br/cms/rep/panorama_dos_idosos.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

KILPP, Suzana; FERREIRA, Lorena de Risse. Estatuto do audiovisual de TV na Internet. **Contemporânea**, Salvador, v. 10, n. 2, p. 289-301, ago. 2012. DOI: <http://doi.org/10.9771/contemporanea.v10i2.6329>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6329>. Acesso em: 11 abr. 2021.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Carlos Eduardo Corrêa de. **Telejornalismo: mercadoria?** 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/540095/carlos-eduardo-corr%C3%AAa-de-lima>. Acesso em: 11 abr. 2021.

LOIZOS, Peter; GASKELL, George. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 137-155.

LUCENA, Dhara Côrte de. Compaixão e menosprezo: a economia moral no tratamento à população idosa. **Revista Longeviver**, São Paulo, v. 9, p. 134-143, mar. 2021. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/879/939>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

MAIA, Kênia; COUTINHO, Fábio Pereira e Iluska; MELLO, Edna. Práticas audiovisuais: o jornalismo em diferentes suportes. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:KHP911_eWsYJ:https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/download/489/395+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 13 abr. 2021.

MANCUZO, Carolina Zoccolaro Costa; MARIA, Renato Pandur de; BONI, Paulo César. Enchentes no Nordeste: a humanização da notícia na cobertura fotográfica da Folha de S. Paulo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 6, n. 8, p. 79-100, jun. 2010. DOI: <http://doi.org/10.5433/1984-7939.2010v6n8p79>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/5685>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Esboços: histórias em contextos globais**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 65-71, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>. Acesso em: 11 abr. 2021.

<https://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-modelos-jornalismo.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PEIXOTO, Clarice P. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. *In*: BARROS, Lins de; MORAES, Myriam (org.). **Velhice ou terceira idade?**: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo**: telejornalismo na web. 2013. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/13475>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ROCHA, Simone Maria. Os Estudos Culturais e a Análise Cultural da Televisão: Considerações Teórico-Metodológicas. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 10, n. 19, p. 1-20, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5902/217549773000>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/3000>. Acesso em: 11 abr. 2021.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 19., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Compós, 2010. p. 1-16. Disponível em: http://compos.com.pucRio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

ROSA, Carlos Mendes. A velhice da morte. *In*: MARÍN, Carlos Robledo (org.). **La Vejez**: reflexiones de la postpandemia. Medellín: Fundacol, 2020. p. 151-162.

ROSE, Diana; GASKELL, George. Análise de imagens em movimento. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343-364.

SALCHER, Eduarda Brum Guedes; PORTELLA, Marilene Rodrigues; SCORTEGAGNA, Helenice de Moura. Cenários de instituições de longa permanência para idosos: retratos da realidade vivenciada por equipe multiprofissional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.18, n. 2, p. 259-272, jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14073>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v18n2/1809-9823-rbagg-18-02-00259.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SALGADO, Marcelo Antônio. Os Grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. Políticas públicas para a habitação do idoso. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 39, 2007.

SESC SÃO PAULO. **Idosos no Brasil II: vivências, desafios e expectativas na 3ª idade.** São Paulo: Pesquisas FPA, 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2020/08/Pesquisa-Idosos-II-Completa-v2.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO; Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 7, n. 1, p. 70-81, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SILVA, Júnia; COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 820-830, dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n4/23.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2020.

SILVA, Vanessa. **Velhice e envelhecimento: qualidade de vida para os idosos inseridos nos projetos do SESC-Estreito.** 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/119776>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SIMÕES, Júlio Assis. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. *In*: BARROS, Lins de; MORAES, Myriam (org.). **Velhice ou Terceira Idade?: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 13-34.

SOUSA, Gerson de. **Memória e velhice: entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida.** 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30042009-101336/pt-br.php>. Acesso em: 18 nov. 2019.

STEFFEN, Lauren Santos. **Relações e tensões em campo: tipificações e cultura vivida na série especial do jornal nacional com os jogadores da seleção brasileira.** 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6378>. Acesso em: 13 abr. 2021.

STEFFEN, Lauren Santos; HENRIQUES, Mariana Nogueira; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação1. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 21-39, set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-5844202031>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/interc/v43n3/1809-5844-interc-43-3-0021.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

STUCCHI, Deborah. O curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria. *In*: BARROS, Lins de; MORAES, Myriam (org.). **Velhice ou terceira idade?: Estudos antropológicos sobre**

identidade, memória e política. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 35-46.

TEIXEIRA, Débora; FARIAS, Rita. As representações da velhice e sua interface com a moda: o caso da revista Cláudia. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 85-99, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2019v8n14p85-99>. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/21529>. Acesso em: 25 abr. 2020.

VIEIRA, Amanda Veronesi; MURTA, Cíntia Maria Gomes. Globo Play: a plataforma da Rede Globo. **Revista GEMInIS**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 31-47, ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/295>. Acesso em: 11 abr. 2021.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: CORREIA, João Carlos (org.). **A sociedade do telejornalismo**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 11-28.

VIZEU, Alfredo. Decidindo o que é notícia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [s. l.], 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución**. 1. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICES

Título: Metade dos infectados com novo coronavírus tem mais de 60 anos, diz estudo
<https://globoplay.globo.com/v/8285523//>

Subtítulo: Segundo as primeiras pesquisas, taxa de letalidade do coronavírus de Wuhan é bem menor do que as de outros tipos de coronavírus como Mers e Sars.

Duração: 4'12''

IMAGEM	TEMPO	ÁUDIO
Plano Fechado. Aparelho cardíaco, prontuário com pessoa assinando o documento.	2'34'' - 48''	A análise destacou ainda que os dois primeiros pacientes que morreram, um homem de 61 anos e outro de 69, eram aparentemente saudáveis, mas fumantes com pulmões enfraquecidos.
Plano Geral. Dois profissionais em uma das salas do hospital, ambos usando EPIs da cabeça aos pés.		
Plano Médio. Imagem de uma senhora, aparentemente velha, de costas, sentada em frente a um profissional da saúde.		
Plano médio. Um velho deitado em um leito de hospital, amparado por um jovem e um profissional com os EPIs.	2'50'' - 2'52''	Um estudo ainda mais amplo da renomada publicação
Gráficos com dados de pesquisa.		
Plano Geral. Criança na perspectiva/ linha do horizonte, beira de cama do parente, mexendo no celular.	2'52'' - 55''	New England Journal of Medicine
Plano Médio. Velho sendo examinado por profissional.	2'55 - 3'08''	Com os primeiros 425 infectados, revelou que praticamente a metade dos pacientes tinha 60 anos ou mais. Nenhum tinha menos de 15 anos.
	3'8''	
	3'12''	Segundo os pesquisadores, ou as crianças são menos propensas a contrair o novo coronavírus
	3'15 - 3'19	Ou quando infectadas, apresentam sintomas mais a menos

Título: Exame preliminar identifica primeiro caso do novo coronavírus no Brasil
<https://globoplay.globo.com/v/8352058/>

Subtítulo: Informação é do Ministério da Saúde. O paciente, internado em São Paulo, já colheu material para a contraprova. Itália tem 11 mortes pelo novo coronavírus e 320 doentes.

Duração: 7'15''

Data de veiculação: 25/02/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Primeiro Plano e Frontal. A imagem, do tradicional azul do JN, passa para um vermelho quando se fala da covid-19, com o vírus destacado em amarelo. O apresentador Rodrigo Borcardi está na tribuna anunciando a reportagem.	0'' - 9''	Quatro idosos morreram hoje na Itália por causa do novo coronavírus. Já são 11 no total. O número de doentes já passou de 320.
Plano Frontal + Selfie, vídeo feito por dispositivo móvel do turista, um homem velho.	2'' - 2'7''	Este britânico diz que há carros da polícia estacionados em todas as entradas do hotel.
Primeiro Plano + Frontal. Repórter ao vivo em outro estúdio do JN.	4'43'' - 5'18''	Esse é um homem de 61 anos, residente de São Paulo, que estava na Itália a trabalho. Ele ficou na Itália de 9 a 21 de fevereiro, mais especificamente justamente na região de Lombardia. Voltou no dia 21 para o Brasil, sentiu alguns sintomas, que são característicos, né, do novo coronavírus. Sintomas como febre, tosse seca, dor de garganta, se apresentou, foi até o hospital Albert Einstein. Os primeiros exames foram feitos, exames preliminares que testavam positivos para o novo coronavírus.
Primeiro Plano + Frontal. Repórter ao vivo em outro estúdio do JN.	5'19'' - 5'28''	Agora então a expectativa é por esse contraprova, o resultado deve sair amanhã pela manhã, então essa análise está sendo feita neste momento pelos exames que foram feitos por esse homem de 61 anos
Primeiro Plano + Frontal. Repórter ao vivo em outro estúdio do JN.		

	5'28'' - 5'34	o que seria o primeiro caso confirmado de coronavírus no Brasil.
	5'51 - 6'02''	A Anvisa também avisou que está providenciando agora a lista de passageiros que estavam no mesmo voo que esse homem de 65 anos que voltou da Itália.

Título: Veja as recomendações para evitar o contágio pelo novo coronavírus
<https://globoplay.globo.com/v/8355212/>

Subtítulo: É importante reforçar medidas básicas de higiene como lavar sempre as mãos até a altura do pulso e usar álcool gel.

Duração: 3'27''

Data de veiculação: 26/02/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Médio e Frontal. Velho como paciente no hospital.	48'' - 53''	Covid 19 se espalha mais rapidamente do que a Merz e a Sars, mas mata muito
Plano Geral. Paciente internado, não é possível saber se é um sujeito velho.	53'' - 56''	menos, em torno de 2%.
Plano Geral. Senhora velha caminhando com uma bengala em meio a outras pessoas.	1'30'' - 1'34	Fala do infectologista Jean: Os idosos contemplam o maior número de casos ou pessoas com problema
Imagem do infectologista Jean.	1'34- 1'43	na saúde, sejam problemas cardíacos, pulmonares, diabetes, que tendem a fazer formas graves e até mesmo fatais.
Plano Médio e Frontal. Paciente frágil e velho, sendo cuidado por outros três profissionais.	1'44''-46'	Mas não é todo mundo que precisa
Imagem de profissionais de saúde	1'46'' - 1'47''	procurar atendimento,

Título: Exames de três parentes do paciente de SP infectado pelo coronavírus dão negativo
<https://globoplay.globo.com/v/8361486/>

Subtítulo: Mas outras três pessoas que tiveram contato com o empresário de 61 anos se tornaram suspeitas de ter a Covid-19.

Duração: 3'35''

Data de veiculação: 28/02/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Geral e Frontal. Dona Lucimara é entrevistada pelo repórter na feira.	1'39 1'42	- Dona Lucimara acompanha as notícias que vem de fora e só pensa no filho.
Primeiro Plano e Frontal. Dona Lucimara fala sobre a preocupação com o filho.	1'42 1'46	- Fala de Dona Lucimara: 'O meu filho ia viajar pra China, tadinho, a respeito do trabalho'.
Médica falando em consultório	1'47 1'52	- Fala de infectologista: Se você não é de risco e é premente que você vá, ok! Vai viajar e tome todos os cuidados.
Gráfico sobre letalidade do vírus por idade	1'57 2'18	- Uma tabela usada como referência pelo hospital Albert Einstein aqui em são paulo mostra o grau de letalidade no mundo desse novo coronavírus. Baixo, vai aumentando com a idade do paciente. Pula de 1%, pra quem tem até 49 anos, para quase 15% para os que passaram dos 80. Na maioria, com doenças pré-existentes.
Plano Geral. Destaque para duas mulheres velhas, que caminham de costas na calçada carregando carrinhos que são, aparentemente, de feira. (FIGURA 04).	2'19 2'21	- A atenção é com os mais velhos, mas sem pânico.
mulher lavando a mão		

Título: Sobe para 34 o número de casos do novo coronavírus no Brasil

<https://globoplay.globo.com/v/8389211/>

Subtítulo: ANS incluiu testes para o novo coronavirus na lista de exames obrigatórios dos planos de saúde. Preço do teste em laboratórios particulares varia de R\$ 150 até R\$ 2 mil.

Duração: 3'0"

Data de veiculação: 10/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Geral. Coletiva de imprensa.	1'07'' - 1'13	O Ministério da Saúde reforçou os cuidados que devem ser adotados pela população. A preocupação maior é com os idosos.
Plano Fechado.Fala do secretário executivo João Gabbardo.	1'13 - 1'31''	Alguém que estiver doente não deve visitar o seu familiar idoso de 70, 80, 90 anos de idade. Conversa por celular, por telefone, conversa pela internet, mas não faz visita física. Essas são as recomendações que nós estamos dando: evitar aglomerações.
Plano Fechado.Fala do secretário executivo João Gabbardo.	1'31 - 1'36	Quem tá doente, evita a possibilidade de exposição a outras pessoas.

Título: Procedimentos básicos podem reduzir risco de transmissão da Covid-19
<https://globoplay.globo.com/v/8395321/>

Subtítulo: 'É hora de reforçar medidas de higiene e distanciamento social', diz especialista.
 Lavar as mãos e limpar bem os banheiros são as principais recomendações.

Duração: 3'59''

Data de veiculação: 12/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano geral. Dois homens de cabeça branca de costa.	1'37 - 1'39''	Os especialistas explicam que idosos
Plano geral. Dois homens de cabeça branca de costa.	1'40 - 1'41	E pessoas com doenças crônicas são os grupos de maior risco
Plano Fechado. Imagens das pernas de crianças e jovens.	1'42 - 1'50	Mas crianças e jovens sem sintomas são transmissores. Por isso, é preciso evitar as aglomerações.

Título: Idosos fazem parte do grupo mais vulnerável ao novo coronavírus
<https://globoplay.globo.com/v/8395315/>

Subtítulo: A taxa de letalidade da Covid-19 aumenta a partir dos 50 anos. Entre os chineses com 80 anos ou mais, quase 15% morreram.

Duração: 2'31

Data de veiculação: 12/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Americano, apresentadores olhando para telespectador.	0 - 7s	Pra evitar contaminação, os IDOSOS (<i>ênfase na palavra - 3s</i>) precisam de uma atenção especial.
Plano Médio. Velho na rua, de costas.	7s - 8s	Quando a gente envelhece, órgãos como o coração e o pulmão vão ficando mais fracos.
Primeiro Plano. Velho sentado no banco, de costas.	8s - 10s	O sistema imunológico,
Plano Geral. Velha de costas caminhando na rua.	10s - 11s	a defesa,
Plano Médio. Velho em pé na rua.	11s - 12s	do organismo,
Primeiro Plano + Leve Plongée. Velha de costas comendo uma sopa.	12s - 16s	também perde força
Primeiro Plano. Infectologista David Uip em entrevista coletiva.	16s - 32s	esta é uma população alvo de todos os cuidados, desde orientação e inclusive prevenção. Você tem raros casos de doença grave na faixa abaixo de 50 anos. Então, é claro, que nós estamos focando na população mais vulnerável. (Sonora de David Uip)
	33s - 49s	Entre os chineses infectados com o novo coronavírus até o dia 11 de fevereiro, o percentual dos que morreram, entre os

<p>Gráfico para ilustrar e reforçar o que a sonora diz</p>		<p>mais jovens, foi muito baixo. A taxa de letalidade começou a aumentar a partir dos 50 anos de idade. Entre os chineses com 80 anos ou mais, quase quinze por cento morreram.</p>
<p>Plano Americano. Passagem do repórter Fábio Turci</p>	<p>50s - 59s</p>	<p>Como a defesa do organismo é mais fraca, o idoso infectado pode não ter febre, que é um dos sintomas provocados pelo novo coronavírus. Mas existem outros sinais.</p>
<p>Textos para reforçar o que a sonora diz</p>	<p>1'' - 1'11</p>	<p>Falta de ar, tosse, que em poucos dias vai piorando, fica mais intensa, mais frequente, e mudança de comportamento. O idoso pode ficar mais quieto, mais irritado, falar coisas sem sentido.</p>
<p>Primeiro Plano. Infectologista Jamal Suleimann em consultório.</p>	<p>1'12 - 1'24</p>	<p>Nosso cuidado em relação a eles é maior, porque identificando precocemente, a chance de sobreviver ou a chance de fazer uma intervenção com sucesso é muito maior. (Sonora - Infectologista Jamal Suleimann)</p>
<p>Textos para reforçar o que a sonora diz</p>	<p>1'24 - 1'49</p>	<p>Pra se proteger, os idosos têm que estar em dia com os remédios que precisam tomar. Por exemplo, pra pressão alta ou diabetes. Se estes problemas estiverem descontrolados, a pessoa estará ainda mais vulnerável. As vacinas também deverão estar atualizadas. O governo até antecipou a campanha de vacinação contra a gripe para o dia 23. E os idosos também precisam diminuir o contato físico com outras pessoas. Em especial, crianças, como os netos.</p>
<p>Plano Médio. Mulher velha andando na rua.</p>	<p>1'50 - 1'52</p>	<p>Além dos idosos, também</p>
<p>Plano Geral. Multidão andando nas ruas.</p>	<p>1'53 - 1'59</p>	<p>são mais vulneráveis pessoas com doenças crônicas ou imunidade baixa, por causa de quimioterapia, por exemplo.</p>
<p>Plano Americano. Infectologista Jamal Suleimann em consultório.</p>	<p>1'59 - 2'08</p>	<p>O infectologista diz que o próprio médico que já acompanha o idoso por causa de doenças cardiovasculares, respiratórias e câncer, por exemplo, pode orientá-lo</p>
<p>Primeiro Plano. Infectologista Jamal</p>	<p>2'08 - 2'31</p>	

<p>Suleimann em consultório.</p> <p>Plano Médio. Velho de costas na rua.</p> <p>Plano Fechado. Pessoa filmada a partir de abaixo do joelho, aparentemente velha, de bengala.</p>		<p>Se tiver sintoma, acesse o médico que faz o seu cuidado. Todo médico tem obrigação de saber sobre coronavírus. Por que? Porque é ele que vai determinar o nível de gravidade que essa pessoa tem, pra encaminhá-la um serviço que possa contemplar a necessidade de assistência dela (Sonora - Infectologista Jamal Suleimann).</p>
--	--	--

Título: Boletim JN: Ministério da Saúde lista recomendações para atrasar pico da doença no Brasil

<https://globoplay.globo.com/v/8397717/>

Subtítulo: Ministério espera não sobrecarregar o sistema público de saúde. Entre as novas recomendações estão o isolamento voluntário de quem viajou para o exterior, adiamento de eventos de massa, lavagem de pisos, corrimãos e banheiros com álcool 70 ou água sanitária, entre outras. O festival de música Lollapalooza foi adiado para dezembro de 2020.

Duração: 2'58''

Data de exibição: 13/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Médio. Imagem do secretário de Vigilância em Saúde, Wanderson de Oliveira, na tribuna.	1'41 1'48	- As medidas que eu vou falar agora não são obrigatórias ainda, mas mudaram de patamar. (fala da repórter)
Primeiro Plano e Frontal. Repórter ao vivo na coletiva.	1'48 2'01	- Entre elas está o isolamento voluntário de quem viajou pro exterior. Aí seria durante 7 dias contando a partir da data de desembarque. Também adiar ou cancelar cruzeiros, que são grandes aglomerações com muitos idosos, que são grupo de risco.
Primeiro Plano e Frontal. Repórter ao vivo na coletiva.	2'01 2'26	- Também...é...adiar eventos de massa com mais de 100 pessoas, lavar mais vezes pisos, corrimãos e também banheiros com álcool 70 ou com água sanitária. Além disso, aumentar o tempo de receita médica para aqueles pacientes que usam remédio diariamente, que têm doenças crônicas. Porque isso evita, então, que eles retornem mais vezes ao médico ou pra validar receita ou pra receber o remédio.

Título: Número de casos do novo coronavírus no Brasil passa de cem
<https://globoplay.globo.com/v/8398364/>

Subtítulo: Com o aumento dos casos, Ministério da Saúde já considera que Rio e SP têm transmissão sustentada da Covid-19, quando não dá para saber de quem veio a contaminação.

Duração: 4'57''

Data de exibição: 13/03/2020

IMAGEM	TEMPO	MENSAGEM
Plano Geral. Imagem da Coletiva.	1'21 - 1'26	Cada um tem que ser responsável por atitudes que ajudem a reduzir a velocidade de propagação do vírus [...]
Textos reforçando a sonora, como um checklist.	1'53 - 2'02	evitar viagens, cinemas, shoppings, shows. Essa medida vale especialmente para idosos e pessoas com outras doenças.
Primeiro Plano. Secretário de Vigilância em Saúde - Wanderson de Oliveira.	3'59 - 4'09	O gestor deve avaliar a possibilidade de declaração de quarentena para aquela área definida. De repente é um bairro que tem muito idoso, de repente é um bairro que tem muita circulação,

Título: Cidades brasileiras adotam medidas para prevenir a Covid-19

<https://globoplay.globo.com/v/8400506/>

Subtítulo: Arquidiocese de Belo Horizonte cortou o contato entre fiéis. Em Salvador, festa de aniversário da cidade, que seria no fim de março, foi suspensa

Duração: 3'48

Data de exibição: 14/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Geral	21s - 24s	A arquidiocese de Belo Horizonte cortou o
Plano médio, com uma senhora em primeiro assunto	24s - 26s	contato entre fiéis
IMG 03 - Plano Fechado - com velho e outros velhos ao fundo.	26s - 38s	Nós devemos compreender essas medidas como medidas pra preservação da vida. Depois que passar essa onda toda, aí a gente volta a ter...o rito normal, né?
Primeiro Plano/Médio	39s - 48s	Padre. O bem da coletividade é muito importante, por isso a igreja está com esse cuidado para que a vida seja preservada, principalmente dos idosos
Plano Geral mais primeiro plano com velha.	3'06 - 3'09	Atenção especial com os idosos, que tem o sistema de defesa mais frágil
Plano Geral ou Médio	3'10 - 3'14	eles precisam de diminuir o contato físico com outras pessoas
Plano detalhe		Em especial, crianças
Primeiro plano, mais autoridade	3'14 - 3'21	Infectologista. Esse vírus pode chegar no seu pai, na sua mãe, num parente ou numa pessoa que você gosta muito, ou seja, nós temos que proteger as pessoas nesse

Título: Boletim JN: OMS faz alerta e diz que crianças e jovens estão entre os mortos pela Covid-19

<https://globoplay.globo.com/v/8403815/>

Subtítulo: O diretor da Organização Mundial da Saúde defendeu o isolamento social e testes em massa na população. França anunciou o fechamento da fronteira para quem não faz parte da zona de livre circulação na Europa. Rússia e Canadá também fecharam fronteiras para estrangeiros, além de cinco países da América do Sul.

Duração: 1'22''

Data de exibição: 16/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Primeiro Plano - Diretor da OMS.	29''- 37''	Hoje, a Organização Mundial da Saúde fez um alerta e disse que crianças e jovens estão entre os mortos (ênfase) vítimas da nova doença. (apresentadora Renata Vasconcelos no estúdio).

Título: Homem de 62 anos é primeiro caso de morte pela Covid-19 no Brasil

<https://globoplay.globo.com/v/8407398/>

Subtítulo: Paciente estava internado em São Paulo e era diabético e hipertenso. Ele não viajou recentemente para o exterior e pegou o vírus no Brasil.

Duração: 4'18''

Data de exibição: 17/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Americano. Apresentadora Renata Vasconcelos no estúdio.	0 - 15s	Um homem, de 62 anos, que estava internado em São Paulo. O anúncio veio três semanas depois do registro do primeiro caso da covid-19 no Brasil.
Plano Americano. Infectologista David Uip na tribuna.	16s - 26s	Infelizmente, ocorrido o primeiro óbito aqui no estado de SP. Então é um morador de SP, homem com 62 anos de idade. (fala de David Uip)
Textos, como checklist, com as informações principais da sonora, para facilitar a hierarquização do que é importante	26 - 31s	Diabético, hipertenso, e com mais de 60 anos, a vítima era do chamado grupo de risco.
Textos, como checklist, e gráficos com as informações principais da sonora, para facilitar a hierarquização do que é importante	31s - 57s	Estudos com base em pacientes chineses no início do surto, mostra que a mortalidade é maior entre quem tem doenças crônicas. Entre as pessoas sem doenças preexistentes, só 1,4% morreram. Entre doentes cardiovasculares, 13%. Com diabetes, 9 por cento. Hipertensão, mais de oito por cento. Doenças respiratórias crônicas, oito por cento, e quase a mesma porcentagem entre os que tinham câncer.
Gráfico com o aumento de mortes por idade	57s - 1'05''	Pesquisadores chineses também mostram que o índice de mortes aumenta com a idade. Entre sessenta e sessenta e nove anos, é de 3,6 por cento.

<p>Plano Americano - Repórter Allan Severiano- passagem em frente ao hospital onde a vítima estava internada.</p>	<p>1'06'' - 1'18''</p>	<p>O primeiro paciente brasileiro com morte confirmada por covid-19 estava internado neste hospital particular, há poucos quarteirões da avenida paulista. Segundo os médicos, ele não viajou recentemente pro exterior, pegou o vírus aqui mesmo</p>
<p>Plano Americano. Fala na tribuna do Secretário Estadual de Saúde de São Paulo - José Henrique Germann Ferreira</p>	<p>1'20 - 1'26''</p>	<p>Como se tratou de um óbito comunitário, acho que isso nos leva a reforçar as medidas de prevenção. (José Henrique Germann Ferreira)</p>

Título: Ministro da Saúde ressalta papel do cidadão na luta contra a Covid-19

<https://globoplay.globo.com/v/8410930/>

Subtítulo: Luiz Henrique Mandetta disse que governo está preparando o sistema de saúde para o avanço do coronavírus, mas foi bem claro: é o começo do processo.

Duração: 3'33

Data de exibição: 18/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Geral. Coletiva de imprensa do Ministério da Saúde.	1'04 - 1'08	Off - A ação da sociedade de evitar contato com outras pessoas é o que vai ser determinante
Plano Americano. Focado no Ministro da Saúde.	1'08 - 1'20	“Nós estamos no pé deste monte. E o tamanho desse monte depende do comportamento das pessoas.” (Sonora - Luiz Henrique Mandetta)
	1'20'' - 1'34	“Depende, em primeiro lugar, de ter foco no cuidado com as suas famílias: idosos. Depois tem uma série de estrutura que tem que...de comportamento que vão ajudando.” - Mandetta (depois, ou seja, denota que a prioridade é os idosos e, após isso, outros comportamentos - não fala quais). - Mandetta

Título: Boletim JN: novas vítimas do coronavírus no Brasil tinham 65 e 80 anos
<https://globoplay.globo.com/v/8410225/>

Subtítulo: As vítimas estavam internadas desde o dia 15, no mesmo hospital onde houve a primeira morte. O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirma que, sem o reconhecimento pelo Congresso do decreto do estado de calamidade pública, o governo teria de contingenciar cerca R\$ 40 bilhões no momento em que precisa gastar mais. O projeto deve ser votado pelo Congresso ainda nesta quarta-feira (18).

Duração: 2'52''

Data de exibição: 18/03/2020

IMAGEM	TEMPO	MENSAGEM
Plano Americano. Renata Vasconcellos na bancada do estúdio.	0 - 20s	Boa tarde, são três as mortes confirmadas por causa do novo coronavírus no Brasil, por enquanto. Os dois novos casos também são de São Paulo, pacientes com 65 e 80 anos.

Título: Aumenta o número de mortos pela Covid-19 no Brasil

<https://globoplay.globo.com/v/8414878/>

Subtítulo: São seis óbitos confirmados pelo governo e mais um registrado em SP. O Ministério da Saúde registrou 621 casos de Covid-19 no país.

Duração: 7'11''

Data de exibição: 19/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.	2'28 - 2'38	A partir de agora, onde houver transmissão sustentada, o ministério vai adotar um novo protocolo de atendimento para quem chegar com suspeita de covid-19 a um posto de saúde.
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.	2'38 - 2'48	O paciente que estiver com sintomas, receberá uma máscara imediatamente e será levado para uma sala de isolamento com aparelhos respiratórios.
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.		Os mais velhos com doenças crônicas, e grávidas terão prioridade.
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.	2'49 - 2'51	
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.		Quem tiver mais de 60 anos, deve se afastar do trabalho e permanecer em casa, mesmo sem sintomas.
Tela com textos com informações mais importantes, como um checklist.	3'36 - 3'40	A recomendação é sair de casa apenas para atividades essenciais que não possam ser feitas por outras pessoas.
Plano Médio.Secretário de Atenção Primária à Saúde, Erno Harzheim na coletiva de imprensa	3'41'- 3'47''	

<p>Plano Médio.Secretário de Atenção Primária à Saúde, Erno Harzheim na coletiva de imprensa</p>		<p>O governo também estimula comunidades, vizinhos e amigos a se organizarem para que pessoas com mais de sessenta anos receba seus itens de primeira necessidade em casa, sem precisar sair.</p>
<p>Plano Médio.Secretário de Atenção Primária à Saúde, Erno Harzheim na coletiva de imprensa</p>	<p>3'48'' - 3'59''</p>	<p>Em todos os locais, municípios e estados que estão com transmissão sustentada, transmissão comunitária, o ministério tá fortemente recomendando que sejam tomadas as medidas de isolamento domiciliar pra pessoas com gripe e seus familiares (Sonora - Secretário de Atenção Primária à Saúde, Erno Harzheim)</p>
<p>Plano Médio.Secretário de Atenção Primária à Saúde, Erno Harzheim na coletiva de imprensa</p>	<p>4' - 4'18</p>	<p>e o distanciamento social de pessoas acima de SESSENTA ANOS (<i>ênfatisou na entonação da voz e com movimentos de balanço não mão</i>).</p>
	<p>4'18 - 4'48</p>	<p>Em relação aos idosos, acima de sessenta anos, eles devem evitar comparecer ao ambiente de trabalho e outros ambientes fechados. Os empregadores devem buscar de adaptar a essa recomendação que nós fazemos, o governo tá se mobilizando pra apoiar essa situação. A gente tem conversado muito intensamente com o Ministério da Economia e devemos ter novidades em breve nesse sentido e a recomendação é que os idosos só saiam de casa para atividades essenciais.</p>

Título: SP tem mais quatro mortes por coronavírus com o mesmo perfil
<https://globoplay.globo.com/v/8418714/>

Subtítulo: São pacientes idosos que estavam em hospitais particulares da capital. Estado tem um total de nove mortes pelo novo coronavírus.

Duração: 2'51''

Data de exibição: 20/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Americano. Renata Vasconcellos no estúdio.	0 - 7''	O número de mortos em São Paulo subiu para nove. Os quatro casos registrados hoje tinham o mesmo perfil.
Texto que reforça a sonora	7'' - 16''	São três homens de 70, 80, e 93 anos, e uma mulher de 83 anos: todos com doença preexistente.
Plano Médio. Autoridades de São Paulo na tribuna.	16'' - 26''	Pouco antes de a secretaria de estado da saúde divulgar o novo balanço, o hospital particular, o Santa Catarina, já tinha informado a morte do paciente de 70 anos.

Título: Moradores de comunidades do Rio entram na luta contra o coronavírus

<https://globoplay.globo.com/v/8421055/>

Subtítulo: A Secretaria de Saúde do Rio confirmou a terceira morte por Covid-19. Neste sábado (21), as ruas ficaram mais vazias e, nas comunidades, os próprios moradores arregaçaram as mangas na luta contra o vírus.

Duração: 3'42''

Data de exibição: 21/03/2020

IMAGEM	TEMPO	MENSAGEM
Imagens da praia deserta em plano geral	3'23 - 3'29	A prefeitura do Rio vai pedir a presença do exército para orientar os idosos a não caminhar pelas ruas.”

Título: Estudantes da Universidade Federal da Paraíba produzem álcool para abrigo de idosos
<https://globoplay.globo.com/v/8421088/>

Subtítulo: Doação ajudou a manter a recomendação para ninguém sair às ruas.

Duração: 35''

Data de exibição: 21/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Primeiro Plano. Apresentadores no estúdio.	0 - 14s	A falta de álcool gel no mercado mobilizou alunos e professores da Universidade Federal da Paraíba e também o Conselho Regional de Química. Estudantes da faculdade de química produziram trinta litros de álcool gel pra este abrigo de idosos.
Plano Médio, com enfoque nos velhos, dá pra ver que foi filmado de fora.	14s - 18s	A doação ajudou a manter a recomendação pra ninguém sair às ruas.
Plano Médio. Velha feliz, acenando para a câmera	19s - 22s	O isolamento tem funcionado: nenhum
Plano Médio. Velha de costas.	22s - 26s	dos 65 idosos apresentou qualquer sintoma de gripe.

Título: Número de mortos pelo coronavírus no Brasil sobe para 46

<https://globoplay.globo.com/v/8428477/>

Subtítulo: Ministério da Saúde ampliou para quase 23 milhões o total de testes que pretende oferecer para identificar a Covid-19.

Duração: 7'45''

Data de exibição: 24/03/2020

IMAGEM	TEMPO	MENSAGEM
Plano Americano. João Gabbardo dos Reis na coletiva de imprensa.	2'28 - 2'47	As recomendações do Ministério da Saúde continuam as que nós já estabelecemos em portarias anteriores. A recomendação do Ministério da Saúde é pra que todas as pessoas sintomáticas aguardem em casa, fiquem em isolamento domiciliar, juntamente com todos os seus familiares. (Sonora - João Gabbardo dos Reis)
Plano Americano. João Gabbardo dos Reis na coletiva de imprensa.	2'50'' - 3'14''	Além desta recomendação, o Ministério da Saúde recomenda que todas as pessoas com mais de 60 anos permaneçam nas suas residências e só saiam da sua residência para atividades que são necessárias, extremamente importantes. Como é, por exemplo, consultar, fazer hemodiálise, buscar atendimento médico, adquirir alimentos. (Sonora - João Gabbardo dos Reis)

Título: Caso você tenha 60 anos ou mais, fique dentro de casa

<https://globoplay.globo.com/v/8428631/>

Subtítulo: Isolamento é para combater o coronavírus. Prefeitura de Porto Alegre vai multar quem tiver 60 anos ou mais e estiver na rua. A multa é pesada: mais de R\$ 400.

Duração: 2'

Data de exibição: 24/03/2020

Transcrição verbal do pronunciamento de apresentadores do Jornal Nacional na bancada:

Agora a gente precisa fazer um pedido para quem tem 60 anos ou mais. Se existe uma certeza da comunidade médica mundial, é que as pessoas nessa idade correm riscos maiores com o coronavírus do que as que têm menos de 60 anos ou mais.

O problema é que ainda tem muitas pessoas nessa faixa etária andando por aí, enquanto deveria estar se protegendo dentro de casa. E isso é perigoso. Para essas pessoas, e perigoso para toda a sociedade. Porque os doentes da covid-19 tendem a precisar da internação mais frequentemente quanto mais idade eles têm.

A partir de amanhã, a prefeitura de Porto Alegre vai multar quem tiver 60 anos ou mais e estiver na rua. E multa pesada, hein? Mais de 400 reais. Pensa só no impacto que isso tem pra quem já recebe aposentadoria. É de partir o coração, claro, porque a gente sabe que mesmo os mais idosos não saem de casa pra desafiar a autoridade de saúde, né? Muitos deles fazem isso provavelmente porque não têm ajuda pra fazer compras, por exemplo. Porque vivem sozinhos, talvez até porque não estejam convencidos de que o perigo de fato é real. Por que os que têm 60, 60 e poucos anos, normalmente se sentem muitíssimo bem com a idade que tem, né? São pessoas atuantes, ativas... só que o vírus, ele não respeita isso. A ciência mostra que ele é especialmente perigoso pra quem tem a idade biológica de 60 anos pra cima. E ponto. Se você tem 60 anos ou mais, fique dentro de casa pra não correr riscos. Se você tem essa idade, e vive em Porto Alegre, fique dentro de casa pra proteger a sua saúde e o seu bolso também. E se você ainda não tem 60 anos e pode, fique dentro de casa. Pra se proteger, pra proteger os idosos e pra dar o exemplo. Juntos, nós vamos vencer esse vírus.

Título: Bolsonaro contraria especialistas e autoridades e pede fim do ‘confinamento em massa’
<https://globoplay.globo.com/v/8428514/>

Subtítulo: Em pronunciamento na TV, o presidente contrariou o que especialistas e autoridades sanitárias do país e do mundo inteiro têm pregado como forma de evitar que o novo coronavírus se espalhe. Bolsonaro culpou os meios de comunicação por espalharem, segundo ele, uma sensação de ‘pavor’. E disse que se contrair o vírus, não pegará mais do que uma ‘gripezinha’.

Duração: 2’07’’

Data de exibição: 24/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Plano Americano. Bolsonaro na tribuna em pronunciamento em rede nacional.	57’’ - 1’03’’	O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo é o das pessoas acima dos 60 anos. (Sonora - Jair Messias Bolsonaro).
Plano Americano. Bolsonaro na tribuna em pronunciamento em rede nacional.	1’19 1’27	Devemos sim é ter extrema preocupação em não permitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós.
Plano Americano. Bolsonaro na tribuna em pronunciamento em rede nacional.	1’33’’ - 1’53’’	No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Título: Comunidade médica reage às declarações de Bolsonaro sobre coronavírus
<https://globoplay.globo.com/v/8431880/>

Subtítulo: ‘Se você está num campo de futebol e vem mil bolas na sua direção, não dá para ficar, tem que sair do campo para ganhar o jogo’, explica médico.

Duração: 8’24’’

Data de exibição: 25/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
<p>Primeiro Plano, frontal. Entrevista do Infectologista do Instituto Emílio Ribas, Jamal Suleiman, por videochamada.</p>	<p>1’50’’ - 2’20’’</p>	<p>Hoje, eu já, aqui mesmo, eu recebi informação que nos transportes públicos, já tinha um monte de pessoas de idade circulando. Por que qual é o entendimento? “Ah, não tem nenhum problema”. Como não tem nenhum problema? Como não tem nenhum problema? As UTIs tão cheias, absolutamente lotadas. Se isso não é suficiente pra mostrar o impacto, qual o objetivo de fazer a quarentena? (Sonora - Jamal Suleiman)</p>
<p>Imagem de Clóvis, entrevistado via videochamada</p>	<p>2’44’’ - 3’05’’</p>	<p>SON Clóvis Arns da Cunha - Certamente do ponto de vista médico, científico, a gente não pode comparar a covid com um resfriado. O resfriado, esse sim é uma infecção, de modo geral, de baixíssima letalidade, mas esse novo coronavírus tem uma letalidade que, como eu falei há pouco, gira em torno de 3 a 6 por cento principalmente na ideia geral.</p>
	<p>3’05 - 3’29’’</p>	<p>Quando nós pegamos a faixa dos pacientes com 80 anos ou mais, aí essa letalidade chega de 15 a 20%. E por que também é importante fechar as escolas nessa situação que você começa a ter transmissão comunitária? Por que é o neto que vai transmitir o vírus pro vô. Então pro neto, provavelmente essa nova doença, covid-19, vai ser uma doença leve, mas para o seu vô ou para sua avó, pode ser fatal.</p>
	<p>3’30’’ - 3’54’’</p>	<p>E esse é o ponto também pra Sociedade Brasileira de Pediatria, que reafirma que apesar da maior letalidade ser entre os idosos com mais de 60 anos, não se pode ignorar que os mais jovens, inclusive crianças e adolescentes, podem ser afetados pela covid e se tornarem, involuntariamente, agentes de infecção se não foram tomadas medidas preventivas</p>

Print de imagem da nota	4'10'' - 4'29	
Print de imagem da nota	4'30'' - 5'00	A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia declarou que qualquer decisão que abrange o isolamento da população, que não considere orientações epidemiológicas e sanitárias, será extremamente prejudicial para o combate ao coronavírus em todo o Brasil.
Print de imagem da nota	5'18 - 5'51''	A Sociedade Brasileira de Transplante de Medula Óssea divulgou nota em que afirma: Reiteramos que todos aqueles que podem manter-se em isolamento devem fazê-lo. Pois estão colaborando para proteger as vidas dos nossos idosos que temos em nosso país. E também das crianças, jovens e adultos que neste momento estão em tratamento hematológico e oncológico, bem como aqueles que aguardam por um transplante de medula óssea ou foram recentemente transplantadas.
Print de imagem da nota		
Imagem de Álvaro Furtado Costa	5'52'' - 5'59	A Associação de Medicina Intensiva Brasileira, que representa os profissionais intensivistas, à beira do leito na assistência dos casos graves de coronavírus, diz que a única alternativa para evitar o colapso no sistema hospitalar, possibilitando a assistência para quem dela necessitar, é o isolamento social. E esta é a nossa recomendação para este momento.
		E alerta: uma grande parte de nossos leitos de UTI já está sendo consumida com esses pacientes e muitos deles têm idade inferior a 60 anos.
	5'59'' - 6'31	É o que indica a experiência desse médico da linha de frente do maior complexo hospitalar da América Latina, o Hospital das Clínicas.
Imagem de Glaydson Godinho	6'31 - 8'24	SON - Álvaro Furtado Costa, infectologista do Hospital das Clínicas. A gente tá vendo pacientes graves, que não tá dentro dos grupos de risco clássicos, claro que é minoria desses pacientes, então cuidado com essa informação de que a doença não traz quadro de gravidade pra populações mais jovens, porque isso, de certa forma, desestimula que o jovem obedeça as recomendações de

		<p>restrição e eles podem sim ser afetados com a doença, claro que de uma magnitude menor que os idosos, mas toda a problemática de você minimizar uma doença que é grave e que pode sim ter impacto em outras faixas etárias.</p> <p>SON - Glaydson Godinho, Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia: Continua valendo a recomendação de que toda a população e não só os idosos permaneçam em casa, que as escolas não tenham aula, e que os serviços não essenciais continuem sem operar, mesmo que isso represente um problema econômico grave. É preciso lembrar que mais importante que o dinheiro que deixa de ser ganho é a vida que deve ser salva.</p>
--	--	--

Título: Boletim JN: Número de pacientes graves internados com covid-19 em SP cresceu 42% em 1 dia

<https://globoplay.globo.com/v/8434605/>

Subtítulo: O levantamento leva em consideração hospitais particulares e públicos.

Duração: 4'55'

Data de exibição: 26/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Repórter falando ao vivo	1'22'' - 1'34''	A gente tá aqui em São Bernardo do Campo, cidade do ABC paulista, dá pra perceber que a praça central está bastante vazia, as pessoas estão...a maioria, né? Está obedecendo o isolamento
Repórter falando ao vivo	1'35'' - 2'02''	A cidade é uma das que criaram medidas bastante duras pra evitar que as pessoas saiam às ruas. A partir de domingo, quem tiver sessenta anos ou mais será levado de volta pra casa se estiver na rua. A menos que seja pra fazer compras em supermercado, farmácia ou até mesmo tomar a vacina contra a gripe. E se essa pessoa insistir em ficar na rua, Renata, vai pagar uma multa de duzentos reais.
Repórter falando ao vivo	2'02'' - 2'09''	O Secretário Estadual de Saúde diz que as medidas de isolamento social em São Paulo estão ajudando a controlar a epidemia.

Título: Primeiro caso de coronavírus no Brasil completa um mês

<https://globoplay.globo.com/v/8435254/>

Subtítulo: Já são quase três mil casos, 482 de um dia para o outro. Os mortos pela Covid-19 são 77.

Duração: 5'49''

Data de exibição: 26/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Textos que ilustram e enfatizam o que se diz.	26'' - 35''	Desde o dia 26 de fevereiro, quando o Brasil registrou o primeiro caso de coronavírus, 391 pacientes precisaram ser internados.
Textos que ilustram e enfatizam o que se diz.	35'' - 48''	Desses, 341 estavam em estado grave. Ou seja: dos internados, 87% precisavam de cuidados especiais em enfermaria ou UTI.
Textos e gráficos que ilustram e enfatizam o que se diz.	48'' - 1'	A maioria era de homens, 52% tinham mais de 60 anos, mas 43% dos casos graves ocorreram em pessoas de 30 a 60 anos.
Textos e gráficos que ilustram e enfatizam o que se diz.	1'01'' - 1'10''	O Ministério também analisou as primeiras 59 mortes. A maior parte tinha 60 anos ou mais. Mas 5 óbitos foram de pacientes de 30 a 50 anos
	1'12 - 1'23	Seis em cada dez brasileiros que morreram de Covid-19 tinham problema de coração. Quatro em cada dez, diabetes. E um em cada quatro, problemas no pulmão.

Título: Boletim JN: Ministério da Saúde anuncia 77 mortes e 2.915 casos de coronavírus no Brasil

<https://globoplay.globo.com/v/8434704/>

Subtítulo: Segundo o Ministério da Saúde, a cardiopatia é a condição mais frequente entre os casos confirmados e os óbitos, um mês após o anúncio do primeiro caso do coronavírus no Brasil.

Duração: 4'54''

Data de exibição: 26/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
IMg da repórter	1'01 - 1'12	O Ministério informou, justamente nesse balanço de um mês após o primeiro caso, que a cardiopatia é a condição mais frequente entre os casos confirmados e os óbitos também.
IMg da repórter	1'13 - 1'36	E listou uma série de outras doenças pré-existentes que estão sendo confirmadas em casos que são de coronavírus e também nas mortes, como por exemplo, doenças hepáticas, asma, diabetes, doenças renais e também obesidade. Portanto, o que o Ministério da Saúde disse claramente é que essas comorbidades estão relacionadas a casos e principalmente a mortes.
	1'36 - 1'59	E também nessa coletiva deixou claro que, além do grupo de idosos, de pessoas com mais de sessenta anos, há também pessoas de qualquer idade e que tenham essas comorbidades, essas doenças preexistentes, que foram registrados como casos de infectados e também mortos. Portanto, tirando esse conceito de apenas um grupo de risco de 60 anos.
	1'59 - 2'05	A gente tem um dado aqui também que há pelo menos 100 casos graves entre pessoas de trinta a cinquenta anos.

Título: Histórias das vítimas mostram a dimensão do risco do coronavírus

<https://globoplay.globo.com/v/8438884/>

Subtítulo: Os números da doença servem como um alerta diário para todo o planeta.

Duração: 5'03''

Data de exibição: 27/03/2020

IMAGEM	TEMPO	TEXTO
Foto de arquivo das vítimas.	14'' - 18''	Mãe e irmão com o mesmo diagnóstico: coronavírus.
Plano Médio (quase primeiro plano) frontal, do irmão da vítima. e Imagem de arquivo da vítima Nabil Cardu.	18'' - 30''	O advogado Nabil Cardu, de 65 anos, foi internado no último dia quinze com febre e dificuldades pra respirar. Três dias depois, chegou a notícia de que ele tinha morrido, Nabil tinha doenças pré-existentes.
Foto de arquivo das vítimas.		A mãe de oitenta e cinco anos, que morava com o filho infectado, também foi contaminada. Ela está internada em isolamento.
Imagem de Ricardo em plano frontal, imagem de arquivo.	49'' - 55''	Ricardo também vive um luto. Perdeu o pai, o manobrista Antônio Brito dos Santos. Ele morreu cinco dias depois de surgirem os primeiros sintomas de coronavírus. Tinha quarenta e nove anos.
Plano Médio. Maestrina em apresentação de concerto.	1'02''- 1'1	
	1'36''- 1'41	A maestrina Naomi Munakata, de sessenta e quatro anos, deixou saudades.

<p>Primeiro Plano. Imagem de Raimundo de máscara, deitado em uma rede</p>	<p>2'24 - 2'30</p>	<p>Hoje, faz uma semana que o corretor de imóveis Raimundo Rebouças, de quarenta e quatro anos, está internado num hospital particular de Fortaleza.</p>
<p>Plano Americano, forntal. Passagem do repórter Alan Severiano.</p>	<p>3'14 - 3'31</p>	<p>Como Raimundo, milhares de brasileiros estão lutando neste momento contra a doença. Muitos outros, com sintomas, vivem uma angústia, sem conseguir fazer o teste que diagnostica a covid-19, ou esperando o resultado do exame que tem demorado pra sair, eles aguardam em hospitais ou isolados em casa.</p>
<p>Imagem de arquivo com a foto de Roberta.</p>	<p>3'31 - 3'44</p>	<p>É o caso da Roberta, de 27 anos [...] recebeu cuidados especiais por ter diabetes.</p>

Título: Em SP, famílias perdem parentes com suspeita de coronavírus, mas ainda esperam exames

<https://globoplay.globo.com/v/8440861/>

Subtítulo: Preocupação é de que possam estar contaminados e terem infectado outras pessoas

Duração: 5'20''

Data de exibição: 28/03/2020

IMAGEM	TEMPO	MENSAGEM
Primeiro plano e frontal. Imagem de Rodrigo dando entrevista remota.	1'54 - 2'	Eles disseram que só poderiam fazer o teste da covid-19 se eu tivesse mais de sessenta anos e fosse do grupo de risco. (Sonora de Rodrigo Alves)
Fotos de arquivo de Rodrigo com a mãe.	2'01'' - 2'08''	A maior preocupação é a mãe, que vive na mesma casa. Dona Edna tem 65 anos, diabetes e hipertensão.
Imagem de arquivo. Seu Luiz.	4'46'' - 4'54''	O avô de Patrícia morreu há quatro dias, vítima da covid-19. Seu Luiz tinha noventa e três anos e ficou uma semana internado.
Imagem de arquivo. Seu Luiz.	4'55 - 5'20''	Apesar de meu vô ser muito idoso, ele sempre foi muito forte, ele fazia tudo sozinho. Tomava banho, cuidava das coisinhas dele, tudo sozinho. Ele teve mal estar, fraqueza e cansaço. Ele não teve tosse, falta de ar e nem febre. O que eu falo 'pras pessoas é realmente tomar cuidado porque é sério e foi muito rápido, né! Muito rápido e às vezes nem parece que foi real, assim, pra mim. (Sonora de Patrícia Leite, neta da vítima).

Título: João de Deus deixa o presídio onde estava desde dezembro de 2018
<https://globoplay.globo.com/v/8447519/>

Subtítulo: Ele foi condenado a mais 49 anos de prisão por crimes sexuais. A Justiça de Goiás concedeu a ele prisão domiciliar temporária por causa da pandemia de coronavírus.

Duração: 25''

Data de exibição: 31/03/2020

Transcrição da nota lida pela apresentadora na bancada:

João Teixeira de Faria, o João de Deus, deixou o presídio de Aparecida de Goiânia, onde estava preso desde dezembro de 2018. Ele foi condenado a mais de 40 anos de prisão por crimes sexuais. A justiça de Goiás concedeu a ele prisão domiciliar temporária por causa da pandemia de coronavírus. João Teixeira de 78 anos e problemas de saúde. Ele vai usar tornozeleira eletrônica.

Título: Sambódromo do Rio abre as portas para abrigar os sem-teto

<https://globoplay.globo.com/v/8447528/>

Subtítulo: Para reduzir os riscos de contaminação, idosos que moram em comunidades carentes do Rio estão sendo levados para hotéis, e o sambódromo abriu as portas para abrigar os sem-teto.

Duração: 2'40''

Data de exibição: 31/03/2020

IMAGEM	MINUTO	TEXTO
Plano Americano. Bancada do Jornal.	0'' - 11''	Para reduzir os riscos de contaminação, idosos que moram em comunidades carentes do Rio estão sendo levados para hotéis e o sambódromo abriu as portas para abrigar os sem teto.
Contra Plongée.	11'' - 15''	Antônio Fidélis reza dia e noite pra não ficar doente.
Plano Médio. Antônio na rua, conversando com repórter.	33'' - 45''	Um dormindo colado co'outro. Vai almoçar, vai tomar banho, sem usar máscara, sem uma proteção, aí vai contaminando. Eu procuro ficar afastado" (Sonora de Antônio)
Plano Geral e Plano Panorâmico com imagens de uma comunidade do Rio.	2'06'' - 2'15''	Idosos em situação vulnerável nas favelas do Rio também ganharam a possibilidade de abrigo. A prefeitura promete bancar duas mil vagas em hotéis populares.
Plano Americano e Frontal, Damiana em espaço fechado e claro sendo entrevistada.	2'15'' - 2'22''	Damiana, de 63 anos, está aliviada de deixar o Vidigal. Eu acho que vai ser tudo que eu tava precisando. (Sonora de Damiana Fernandes dos Santos)
Plano Americano e Frontal, Damiana em espaço fechado e claro sendo entrevistada.	2'25'' - 2'40''	"[...]ter mais assim...mais carinho, mais amor nos outros, mais fraternidade, eu espero isso, sinceramente.